Reflexões sobre a Revolução em França
e sobre os
Procedimentos de Certas Sociedades em Londres
em Relação a esse Evento.

Em uma Carta
Tencionada para Ter Sido Enviada para um Cavalheiro
em Paris
pelo Muito Honorável
Edmund Burke.
A Oitava Edição.

Londres:
Impresso por J. Dodsley, em Pall-Mall.

M.DCC.XCI.

Tradução de língua Inglesa para língua Portuguesa
de
Herculano de Lima Einloft Neto.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2012-2013.

Reflexões sobre a Revolução em França
e sobre os
Procedimentos de Certas Sociedades em Londres
em Relação a esse Evento.

Em uma Carta
Tencionada para Ter Sido Enviada para um Cavalheiro
em Paris
pelo Muito Honorável
Edmund Burke.
A Oitava Edição.

Londres:
Impresso por J. Dodsley, em Pall-Mall.

M.DCC.XCI.

Tradução de língua Inglesa para língua Portuguesa
de
Herculano de Lima Einloft Neto.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2012-2013.

Vol. II de II desta tradução.
Utilizei-me nesta tradução de:
Houaiss, Antônio; Avery, Catherine B. (editores), Nôvo Dicionário Barsa das Línguas Inglesa e Portuguesa, Appleton-Century-Crofts, Division of Meredith Publishing Company, New York 1967.
The Collaborative International Dictionary of English v.0.48 [gcide]
WordNet (r) 3.0 (2006) [wn]
Moby Thesaurus II by Grady Ward, 1.0 [moby-thes]
Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, http://priberam.pt/dlpo/ .
Dicionário Houaiss da língua portuguesa .
Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira da língua portuguesa .

Título original : Reflections on the Revolution in France, and on the Proceedings in Certain Societies in London Relative to that Event. In a Letter Intended to Have Been Sent to a Gentleman in Paris.

Abreviatura: NT: Nota de Tradução.
Apoio ao livro-base: http://www.gutenberg.org/files/15679/15679-h/15679-h.htm .

No curso de todas essas operações, finalmente resulta o grande *arcanum*;---que em realidade, e em um senso justo, as terras da igreja (tão longe como qualquer coisa certa pode ser coligida de seus procedimentos) não são para ser vendidas de modo algum. Pelas tardias resoluções da assembleia nacional, elas são de fato para ser entregues ao que oferece o lance mais alto. Mas é para ser observado, que *uma certa porção apenas do dinheiro da compra é para ser depositada*. Um período de doze anos é para ser dado para o pagamento do resto. Os compradores filosóficos são portanto, sobre pagamento de um tipo de multa, para ser postos instantaneamente em possessão da propriedade. Torna-se em alguns respeitos um tipo de doação para eles; para ser tida na posse feudal de zêlo ao novo estabelecimento. Este projeto é evidentemente deixar entrar um corpo de compradores sem dinheiro. A consequência será, que esses compradores, ou melhor concessionários, irão pagar, não apenas desde as rendas como (NT:as, à medida que, como) eles acumulam, que poderiam também ser recebidas pelo estado, mas desde o espólio dos materiais de edifícios, de perda em florestas, e de qualquer dinheiro, por mãos habituadas aos apertos de usúria, que eles possam extorquir do camponês miserável. Ele é para ser entregue à mercenária e arbitrária discrição de homens, que irão ser estimulados a toda espécie de extorsão pelas crescentes demandas sobre os crescentes lucros de uma propriedade tida sob o estabelecimento precário de um novo sistema político.

Quando todas as fraudes, imposturas, violências, rapinas, queimadas, assassinatos, confiscações, moedas de papel compulsórias, e toda descrição de tirania e crueldade empregadas para pôr em execução e sustentar esta revolução, têm seu efeito natural, isto é, chocar os sentimentos morais de todas mentes virtuosas e sóbrias, os cúmplices deste sistema filosófico imediatamente esticam suas gargantas em uma declamação contra o velho governo monárquico de França. Quando eles tornaram esse poder deposto suficientemente negro, eles então procedem em argumento, como se todos aqueles que desaprovam de seus novos abusos, precisem de curso ser partidários dos velhos; que aqueles que reprovam seus esquemas crus e violentos de liberdade deveriam ser tratados como advogados para servitude. Eu admito que suas necessidades compelem-nos a esta fraude base e contemptível. Nada pode reconciliar homens a seus procedimentos e projetos a não ser a suposição de que não há terceira opção entre eles, e alguma tirania tão odiosa como pode ser fornecida pelos registros de história, ou pela invenção de poetas. Esta tagarelice deles dificilmente merece o nome de sofistria. Não é nada além de plana impudência. Nunca ouviram estes gentis-homens, no círculo todo de mundos de teoria e prática, de qualquer coisa entre o despotismo do monarca e o despotismo da multitude? Nunca ouviram eles de uma monarquia dirigida por leis, controlada e balanceada pela grande riqueza hereditária e dignidade hereditária de uma nação; e ambas novamente controladas por uma checagem judiciosa desde a razão e sentimento do povo em geral agindo por um órgão adequado e permanente? É então impossível que um homem possa ser encontrado que, sem intenção doente criminal, ou deplorável absurdidade, deva preferir um tal misturado e temperado governo a qualquer dos dois extremos; e que possa reputar essa nação de ser destituída de toda sabedoria e de toda virtude, que, tendo em sua escolha obter um tal governo com facilidade, *ou preferivelmente confirmá-lo quando realmente possuído*, pensou apropriado cometer mil crimes, e sujeitar o país deles a mil males, com o fim de evitá-la? É então uma verdade tão universalmente reconhecida, que uma democracia pura seja a única forma tolerável em que sociedade humana possa ser jogada, que um homem não é permitido de hesitar sobre os méritos dela, sem a suspeição de ser um amigo a tirania, isto é, de ser um inimigo a humanidade?

Eu não sei sob que descrição classificar a autoridade regente presente em França. Ela afeta de ser uma democracia pura, embora eu a pense em um trem direto de tornar-se em curto tempo uma nociva e ignóbil oligarquia. Mas para o presente eu a admito de ser uma maquinação da natureza e efeito do a que ela pretende. Eu não reprovo nenhuma forma de governo meramente sobre princípios abstratos.

Pode haver situações em que a forma puramente democrática irá tornar-se necessária. Pode haver algumas (muito poucas, e muito particularmente circunstanciadas) onde ela seria claramente desejável. Este eu não tomo de ser o caso de França, ou de qualquer outro país grande. Até agora, nós não temos visto nenhuns exemplos de democracias consideráveis. Os antigos eram melhor inteirados com elas. Não sendo totalmente sem leitura nos autores, que tinham visto o mais dessas constituições, e que melhor as entendiam, eu não posso evitar concorrer com sua opinião, que uma democracia absoluta, não mais que monarquia absoluta, é para ser reconhecida entre as formas legítimas de governo. Eles pensam-na preferivelmente a corrupção e degeneração, do que a encontrada constituição de uma república. Se eu recordo corretamente, Aristoteles observa que uma democracia tem muitos pontos formidáveis de semelhança com uma tirania * . (* Quando eu escrevi isto eu citei de memória, depois que muitos anos tinham transcorrido de minha leitura da passagem. Um amigo erudito a encontrou, e ela é como segue:
τὸ ἦθος τὸ αὐτό, καὶ ἄμφω δεσποτικὰ τῶν βελτιόνων, καὶ τὰ ψηφίσματα ὥσπερ ἐκεῖ τὰ ἐπιτάγματα, καὶ ὁ δημαγωγὸς καὶ ὁ κόλαξ οἱ αὐτοὶ καὶ ἀνάλογον. καὶ μάλιστα δ' ἑκάτεροι παρ' ἑκατέροις ἰσχύουσιν, οἱ μὲν κόλακες παρὰ τοῖς τυράννοις, οἱ δὲ δημαγωγοὶ παρὰ τοῖς δήμοις τοῖς τοιούτοις.
'O caráter ético é o mesmo: ambas exercitam despotismo sobre a classe melhor de cidadãos; e decretos são na uma, o que ordenanças e arrêts (NT:arrêt, em francês no original) são na outra : o demagogo também, e o favorito de corte, são não infrequentemente os mesmos homens idênticos, e sempre carregam uma analogia próxima; e esses têm o poder principal, cada em suas formas respectivas de governo, favoritos com o monarca absoluto, e demagogos com um povo tal como eu descrevi'. Arist. Politic. lib. iv. cap. 4.) Disto eu estou certo, que em uma democracia, a maioria dos cidadãos é capaz de exercitar as opressões mais cruéis sobre a minoria, quando quer que divisões fortes prevalesçam nesse tipo de política, como eles frequentemente precisam; e essa opressão da minoria irá estender-se a números muito maiores, e será carregada adiante com muito maior fúria, que pode quase sempre ser apreendida desde o domínio de um único cetro. Em uma tal perseguição popular, sofredores individuais estão em uma muito mais deplorável condição que em qualquer outra. Sob um príncipe cruel eles têm a compaixão balsâmica de humanidade para aliviar a dor aguda de suas feridas; eles têm os aplausos do povo para animar sua constância generosa sob seus sofrimentos: mas aqueles que são sujeitados a errado sob multitudes, estão privados de toda consolação externa. Eles parecem desertados por humanidade; sobrepujados por uma conspiração de sua espécie toda.

Mas admitindo democracia de não ter essa tendência inevitável para tomar o partido de tirania, que eu suponho ela de ter, e admitindo-a de possuir tanto bem nela quando não-misturada, como eu tenho certeza que ela possui quando composta com outras formas; não contém monarquia, sobre sua parte, nada absolutamente para recomendá-la? Eu não cito Bolingbroke com frequência, nem têm seus trabalhos em geral, deixado qualquer impressão permanente em minha mente. Ele é um escritor presunçoso e superficial. Mas ele tem uma observação, que, em minha opinião, não é sem profundidade e solidez. Ele diz, que ele prefere uma monarquia a outros governos; porque você pode melhor enxertar qualquer descrição de república em uma monarquia que qualquer coisa de monarquia sobre as formas republicanas. Eu penso-o perfeitamente no direito. O fato é assim historicamente; e ele concorda bem com a especulação.

Eu sei quão fácil um tópico é demorar-se sobre as faltas de grandeza finada. Por uma revolução no estado, o adulante bajulador de ontem, é convertido no austero crítico da hora presente. Mas mentes independentes estáveis, quando elas têm um objeto de tão séria uma concernência para humanidade como governo, sob sua contemplação, irão desdenhar assumir a parte de satiristas e declamadores. Elas irão julgar de instituições humanas como elas fazem de caráteres humanos. Elas irão separar fora o bem do mal, que é misturado em instituições mortais como ele é em homens mortais.

Seu governo em França, embora usualmente, e eu penso justamente, reputado a melhor das não-qualificadas ou doentemente-qualificadas monarquias, era ainda cheio de abusos. Estes abusos acumularam-se em uma extensão de tempo, como eles precisam acumular-se em toda monarquia não sob a constante inspeção de um representativo popular. Eu não sou estranho às faltas e defeitos do governo subvertido de França; e eu penso que eu não sou inclinado por natureza ou política a fazer um panegírico sobre qualquer coisa que seja um objeto justo e natural de censura. Mas a questão não é agora dos vícios dessa monarquia, mas de sua existência. É então verdade, que o governo Francês era tal como a ser incapaz ou não-merecente de reforma; de forma que era de absoluta necessidade que a fábrica toda devesse ser de uma vez puxada abaixo, e a área limpada para a ereção de um edifício experimental teorético em seu lugar? Toda França era de uma opinião diferente no começo do ano 1789. As instruções aos representativos aos estados-gerais, desde todo distrito nesse reino, eram cheias com projetos para a reformação desse governo, sem a mais remota sugestão de um desígnio para destruí-lo. Tivesse um tal desígnio sido então mesmo insinuado, eu creio que não teria havido a não ser uma voz, e essa voz para rejeitá-la com escárnio e horror. Homens têm sido por vezes guiados por graus, por vezes apressados para dentro de coisas, de que, se eles pudessem ter visto o todo junto, eles nunca teriam permitido a mais remota aproximação. Quando essas instruções foram dadas, não havia questão a não ser que abusos existiam, e que eles demandavam uma reforma; nem há agora. No intervalo entre as instruções e a revolução, coisas mudaram sua forma; e em consequência dessa mudança, a verdadeira questão no presente é, se os que teriam reformado, ou os que destruiram, estão no direito?

Ouvir alguns homens falarem da tardia monarquia de França, você iria imaginar que eles estavam falando de Pérsia sangrando sob a feroz espada de Taehmas Kouli Khân; ou ao menos descrevendo o despotismo anárquico bárbaro de Turquia, onde os países mais finos nos climas mais cordiais no mundo são devastados por paz mais que quaisquer países têm sido perturbados por guerra; onde artes são desconhecidas, onde manufaturas languescem, onde ciência é extinguida, onde agricultura decai, onde a raça humana ela mesma derrete embora e perece sob o olho do observador. Era este o caso de França? Eu não tenho jeito de determinar a questão a não ser por uma referência a fatos. Fatos não suportam essa semelhança. Junto com muito mal, há algum bem em monarquia ela mesma; e algum corretivo a seu mal, desde religião, desde leis, desde maneiras, desde opiniões, a monarquia Francesa precisa ter recebido; que a tornava (embora por nenhum meio uma livre, e portanto por nenhum meio uma boa constituição) um despotismo preferivelmente em aparência que em realidade.

Entre os estandartes sobre que os efeitos de governo sobre qualquer país são para ser estimados, eu preciso considerar o estado de sua população como não o menos certa. Nenhum país em que população floresce, e está em melhoramento progressivo, pode ser sob um governo *muito* nocivo. Cerca de sessenta anos atrás, os Intendentes das generalidades de França fizeram, com outras matérias, um relatório da população de seus diversos distritos. Eu não tenho os livros, que são muito voluminosos, a meu lado, nem sei eu onde procurá-los (eu sou obrigado a falar por memória, e portanto menos positivamente) mas eu penso que a população de França foi por eles, mesmo naquele período, estimada em vinte-e-dois milhões de almas. No fim do último século ela tinha sido geralmente calculada em dezoito. Em ambas destas estimações França não estava doentemente-populada. Mr. Necker, que é uma autoridade para seu próprio tempo ao menos igual aos Intendentes para o deles, conta, e sobre princípios aparentemente certos, o povo de França, no ano 1780, em vinte-quatro milhões seiscentos e setenta mil. Mas era este o provável último termo sob o velho estabelecimento? Dr. Price é de opinião, que o crescimento de população em França não estava por nenhum meio em seu *acmé* naquele ano. Eu certamente defiro à autoridade de Dr. Price uma boa porção mais nestas especulações, que eu faço em sua política geral. Este gentil-homem, tomando chão sobre os dados de Mr. Necker, é muito confiante, que desde o período da calculação daquele ministro, a população Francesa aumentou rapidamente; tão

rapidamente que no ano 1789 ele não irá consentir em avaliar o povo desse reino em um número mais baixo que trinta milhões. Depois de abater muito (e muito eu penso deveria ser abatido) desde a calculação sanguínea de Dr. Price, eu não tenho dúvida que a população de França aumentou consideravelmente durante este período ulterior: mas supondo que ela aumentou a nada mais que será suficiente para completar os 24,670,000 a 25 milhões, ainda uma população de 25 milhões, e isso em um progresso crescente, sobre um espaço de cerca de vinte-sete mil léguas quadradas, é imenso. É, por exemplo, uma boa porção mais que a população proporcionável desta ilha, ou mesmo que a de Inglaterra, a parte melhor-povoada do reino unido.

Não é universalmente verdadeiro, que França seja um país fértil. Tratos consideráveis dela são estéreis, e laboram sob outras desvantagens naturais. Nas porções desse território, onde coisas são mais favoráveis, tão longe como eu sou capaz de descobrir, os números do povo correspondem à indulgência de natureza *. (* De l'Administration des Finances de la France, par Mons. Necker, vol. i. p. 288.) A Generalidade de Lisle (isto eu admito é o exemplo mais forte) sobre uma extensão de 404 1/2 léguas, cerca de dez anos atrás, continha 734,600 almas, que é 1772 habitantes para cada légua quadrada. O termo médio para o resto de França é cerca de 900 habitantes para a mesma medição.

Eu não atribuo esta população ao governo deposto; porque eu não gosto de cumprimentar as maquinações de homens, com o que é devido em um grande grau à generosidade (NT:bounty) de Providência. Mas esse governo execrado não poderia ter obstruído, mais provavelmente ele favoreceu, a operação daquelas causas (quaisquer que elas fossem) seja de natureza no solo, ou em hábitos de indústria dentre o povo, que tem produzido tão grande um número das espécies através desse reino todo, e exibido em alguns lugares particulares tais prodígios de população. Eu nunca irei supor essa fábrica de um estado de ser a pior de todas instituições políticas, que, por experiência, é achada de conter um princípio favorável (não importanto quão latente ele possa ser) ao aumento de humanidade.

A riqueza de um país é um outro, e nenhum contemptível estandarte, pelo qual nós podemos se, no todo, um governo seja protegedor ou destrutivo. França de longe excede Inglaterra na multitude de seu povo; mas eu apreendo que sua riqueza comparativa é muito inferior à nossa; que ela não é tão igual na distribuição, nem tão pronta na circulação. Eu acredito a diferença na forma dos dois governos de estar entre as causas desta vantagem no lado de Inglaterra. Eu falo de Inglaterra, não dos domínios Britânicos todos; que, se comparados com aqueles de França, irão, em algum grau, enfraquecer a taxa comparativa de riqueza sobre nosso lado. Mas essa riqueza, que não irá suportar uma comparação com as riquezas de Inglaterra, pode constituir um muito respeitável grau de opulência. O livro de Mr. Necker publicado em 1785 *, (* De l'Administration des Finances de la France, par M. Necker) contém uma coleção acurada e interessante coleção de fatos relativa a economia pública e a aritmética política; e suas especulações sobre o tema são em geral sábias e liberais. Nesse trabalho ele dá uma ideia do estado de França, muito remota do retrato de um país cujo governo era um agravo perfeito, um mal absoluto, admitindo nenhuma cura a não ser através do violento e incerto remédio de uma revolução total. Ele afirma, que desde o ano 1726 ao ano 1784, houve cunhadas na casa da moeda de França, nas espécies de ouro e prata, ao montante de cerca de cem milhões de libras esterlinas *. (*Vol. iii. cap. 8 e cap. 9.)

É impossível que Mr. Necker devesse estar enganado no montante do ouro ou prata em massa que foi cunhado na casa da moeda. É uma matéria de registro público. Os raciocínios deste hábil financista, concernindo a quantidade de ouro e prata que permaneceu para circulação, quando ele escrevia em 1785, que é cerca de quatro anos antes da deposição e aprisionamento do Rei Francês, não são de igual certeza; mas eles são deitados em chãos tão aparentemente sólidos, que não é fácil recusar um grau considerável de assentimento a sua calculação. Ele calcula o *numeraire*, ou o que nós chamamos

espécie, então realmente existindo em França, em cerca de oitenta-e-oito milhões do mesmo dinheiro Inglês. Uma grande acumulação de riqueza para um país, grande como esse país é! Mr. Necker estava tão longe de considerar este influxo de riqueza como provável de cessar, quando ele escreveu em 1785, que ele presume sobre um aumento anual futuro de dois por cento. sobre o dinheiro trazido para dentro de França durante os períodos desde os quais ele computou.

Alguma causa adequada precisa ter originalmente introduzido todo o dinheiro cunhado em sua casa da moeda para dentro desse reino; e alguma causa tão operativa precisa ter mantido em casa, ou retornado para dentro de seu peito, uma tal vasta inundação de tesouro como Mr. Necker calcula de permanecer para circulação doméstica. Suponha quaisquer deduções razoáveis desde a computação de M. Necker; o restante precisa ainda montar a uma soma imensa. Causas assim poderosas para adquirir e para reter, não podem ser achadas em indústria desencorajada, propriedade insegura, e um governo positivamente destrutivo. De fato, quando eu considero a face do reino de França; a multitude e opulência de suas cidades; a magnificência útil de suas espaçosas estradas principais e pontes; a oportunidade de seus canais e navegações artificiais abrindo as conveniências de comunicação marítima através de um continente sólido de tão imensa uma extensão; quando eu torno meus olhos aos trabalhos estupendos de seus portos e ancoradouros, e a seu aparato naval todo, seja para guerra ou comércio; quando eu trago diante de minha vista o número de suas fortificações, construídas com tão corajosa e maestral uma habilidade, e feitas e mantidas a tão prodigioso um custo, apresentando uma frente armada e barreira impenetrável a seus inimigos sobre todo lado; quando eu recordo quão muito pequena uma parte dessa extensiva região é sem cultivação, e a que perfeição completa a cultura de muitas das melhores produções da terra foram trazidas em França; quando eu reflito sobre a excelência de suas manufaturas e fábricas, segundas a nenhumas a não ser as nossas, e em alguns particulares não segundas; quando eu contemplo as grandes fundações de caridade, públicas e privadas; quando eu pesquiso o estado de todas as artes que embelezam e polem vida; quando eu computo os homens que ela procriou para extender sua fama em guerra, seus hábeis homens de estado, a multitude de seus profundos advogados e teólogos, seus filósofos, seus críticos, seus historiadores e antiquários, seus poetas, e seus oradores sagrados e profanos, eu contemplo em tudo isto alguma coisa que impressiona e comanda a imaginação, que reprime a mente à beira de precipitada e indiscriminada censura, e que demanda, que nós deveríamos muito seriamente examinar, o quê e quão grande são os vícios latentes que poderiam nos autorizar de uma vez a nivelar tão espaçosa uma fábrica com o chão. Eu não reconheço, nesta visão de coisas, o despotismo de Turquia. Nem discirno eu o caráter de um governo, que tem sido, no todo, tão opressivo, ou tão corrupto, ou tão negligente, como a ser inteiramente inadequado *para toda reformação*. Eu preciso pensar um tal governo bem merecido de ter suas excelências exaltadas; suas faltas corrigidas; e suas capacidades melhoradas para dentro de uma constituição Britânica.

Quem quer que tenha examinado dentro dos procedimentos desse governo deposto por diversos anos atrás, não pode falhar em ter observado, dentre a inconstância e flutuação naturais a cortes, um sério empenho no sentido de prosperidade e melhoramento do país; ele precisa admitir, que ele tinha longamente sido empregado, em algumas instâncias, totalmente para remover, em muitas consideravelmente para corrigir, as práticas abusivas e usos que tinham prevalecido no estado; e que mesmo o poder ilimitado do soberano sobre as pessoas de seus sujeitos, inconsistente, como sem dúvida ele era, com lei e liberdade, tinha ainda estado todo dia crescendo mais mitigado no exercício. Tão longe de refutar-se a si mesmo a reformação, esse governo era aberto, com um grau censurável de facilidade, a todos tipos de projetos e projetores sobre o sujeito. Preferivelmente muita aprovação demais era dada ao espírito de inovação, que logo foi virada contra aqueles que a fomentavam, e findou em sua ruina. Não é a não ser fria, e não muito lisonjeira justiça a essa monarquia caída, dizer, que, por muitos anos, ela transgrediu mais por frivolidade e falta de julgamento em vários de seus esquemas, que desde qualquer defeito em diligência ou em espírito público. Comparar o governo de França pelos

últimos quinze ou dezesseis anos com sábios e bem-constituídos estabelecimentos, durante esse, ou durante qualquer período, não é agir com justiça. Mas se em ponto de prodigalidade na despesa de dinheiro, ou em ponto de rigor no exercício de poder, ele seja comparado com qualquer dos reinos anteriores, eu acredito que juízes cândidos irão dar pouco crédito às boas intenções daqueles que se demoram perpetuamente sobre as doações a favoritos, ou sobre as despesas da corte, ou sobre os horrores da Bastilha no reino de Louis o XVIo *. (* O mundo é obrigado a Mr. de Calonne pelas dores que ele tomou para refutar as escandalosas exagerações relativas a algumas das despesas reais, e para detetar a falaciosa conta dada de pensões, para o mau propósito de provocar o populacho a todos tipos de crimes.)

Se o sistema, se ele merece um tal nome, agora construído sobre as ruinas dessa antiga monarquia, irá ser capaz de dar uma melhor conta da população e riqueza do país, que ele tomou sob seu cuidado, é uma matéria muito duvidosa. Em vez de melhorar pela mudança, eu apreendo que uma longa série de anos precisa ser dita antes que ele possa recuperar em qualquer grau os efeitos desta revolução filosófica, e antes que a nação possa ser recolocada sobre sua posição segura anterior. Se Dr. Price devesse pensar adequado, daqui a uns poucos anos, favorecer-nos com uma estimativa da população de França, ele irá dificilmente ser capaz de completar o número dele de trinta milhões de almas, como computado em 1789, ou a computação da assembleia de vinte-seis milhões daquele ano; ou mesmo os vinte-cinco milhões de Mr. Necker em 1780. Eu ouço que há emigrações consideráveis desde França; e que muitos indo embora desse clima voluptuoso, e essa sedutora liberdade *Circean*, tomaram refúgio nas regiões congeladas, e sob o despotismo Britânico, de Canada.

No presente desaparecimento da moeda, nenhuma pessoa poderia pensá-lo o mesmo país, em que o presente ministro das finanças foi capaz de descobrir oitenta milhões de esterlinas em espécie. Desde seu aspecto geral um iria concluir que ele tinha estado por algum tempo passado sob a direção especial dos eruditos acadêmicos de Laputa e Balnibarbi *. (* Ver Viagens de Gulliver para a ideia de países governados por filósofos.) Já a população de Paris declinou tanto, que Mr. Necker declarou à assembleia nacional a provisão a ser feita para sua subsistência em um quinto a menos que o que tinha anteriormente sido achado requisito +. (+ Mr. de Calonne declara a queda da população de Paris como muito mais considerável; e pode ser assim, desde o período da calculação de Mr. Necker.) É dito (e eu nunca o ouvi contradito) que cem mil pessoas estão fora de emprego nessa cidade, embora ela seja tornada o local da corte aprisionada e assembleia nacional. Nada, eu sou crivelmente informado, pode exceder o chocante e repugnante espetáculo de mendicância exibido nessa capital. De fato, os votos da assembleia nacional não deixam nenhuma dúvida do fato. Eles têm ultimamente apontado um comitê permanente de mendicância. Eles estão maquinando de uma vez uma polícia vigorosa sobre este assunto, e, pela primeira vez, a imposição de uma taxa para manter os pobres, para cujo alívio presente grandes somas aparecem sobre a face das contas públicas do ano *. (*

	Livres.	£	s.	d.
Travaux de charité pour subvenir au manque de travail à Paris et dans les provinces	3,866,920	Stg 161,121	13	4
Destruction de vagabondage et de la mendicité	1,671,417	69,642	7	6
Primes pour l'importation de grains	5,671,907	236,329	9	2
Dépenses relatives aux subsistances, déduction fait des reconvrements qui out en lieu	39,871,790	1,661,324	11	8
Total	Liv. 51,082,034	Stg 2,128,418	1	8

Quando eu enviei este livro para a imprensa eu entretive alguma dúvida concernindo a natureza e extento do último artigo nas contas acima, que está apenas sob uma cabeça geral, sem qualquer detalhe.

Desde então eu vi o trabalho de M. de Calonne. Eu preciso pensá-lo uma grande perda para mim que eu não tive essa vantagem mais cedo. M. de Calonne pensa este artigo de ser uma conta de subsistência geral: mas como ele não é capaz de compreender como tão grande uma perda como mais de £. 1,661,000 esterlinas poderia ser sustentada sobre a diferença entre o preço e a venda de grão, ele parece atribuir esta enorme cabeça de carga a despesas secretas da revolução. Eu não posso dizer qualquer coisa positivamente sobre esse assunto. O leitor é capaz de julgar, pelo agregado destas imensas cargas, sobre o estado e condição de França; e o sistema de economia pública adotado, nessa nação. Estes artigos de conta não produziram nenhum enquirimento ou discussão na Assembleia Nacional.) No meio tempo, os líderes dos clubes e cafés legislativos são intoxicados com admiração a sua própria sabedoria e habilidade. Eles falam com o mais soberano contempto do resto do mundo. Eles dizem ao povo, para confortá-los nos trapos com que eles os vestiram, que eles são uma nação de filósofos; e, algumas vezes, por todas as artes de parada charlatanesca, por alarde (NT:shew, exibição), tumulto, e alvoroço, algumas vezes pelos alarmes de tramas e invasões, eles tentam afogar os gritos de indigência, e desviar os olhos do observador da ruina e miséria do estado. Um povo bravo irá certamente preferir liberdade, acompanhada com uma pobreza virtuosa, a uma depravada e rica servitude. Mas antes que o preço de conforto e opulência seja pago, um deveria estar bastante certo que é uma liberdade real que é comprada, e que ela não é para ser comprada a nenhum outro preço. Eu devo sempre, contudo, considerar essa liberdade como muito equívoca em sua aparência, que não tem sabedoria e justiça por suas companheiras; e não lidera prosperidade e opulência em seu trem.

Os advogados para esta revolução, não satisfeitos com exagerar os vícios de seu antigo governo, golpeiam na fama de seu país ele mesmo, por pintando tudo que poderia ter atraído a atenção de estranhos, eu quero dizer sua nobreza e seu clero, como objetos de horror. Se isto fosse apenas um libelo, não tinha havido muito nele. Mas isto teve consequências práticas. Tivessem sua nobreza e gentileza (NT: gentry), que formavam o grande corpo de seus homens fundiários, e o todo de seus oficiais militares, assemelhado-se àquelas de Alemanha, ao período quando as cidades-Hanse foram necessitadas a confederar contra os nobres em defesa de sua propriedade---tivessem elas sido como os *Orsini* e *Vitelli* em Itália, que costumavam sair com ímpeto desde seus recantos fortificados para roubar o comerciante e viajante---tivessem elas sido tais como os *Mamalukes* em Egito, ou os *Nayrs* sobre a costa de Malabar, eu admito, que crítica demais um inquirimento poderia não ser aconselhável para dentro dos meios de liberar o mundo de um tal incômodo. Os estatutos de Equidade e Misericórdia poderiam ser velados por um momento. As mentes mais ternas, confundidas com a horrorosa exigência na qual moralidade se submete à suspensão de suas próprias regras em favor de seus próprios princípios, poderia tornar de lado enquanto fraude e violência estavam executando a destruição de uma nobreza pretendida que desgraçava enquanto ela perseguia natureza humana. As pessoas mais abominantes de sangue, e traição, e confiscação arbitrária, poderiam permanecer espectadores silenciosos desta guerra civil entre os vícios.

Mas mereceu a nobreza privilegiada que se reuniu sob o preceito do rei em Versailles, em 1789, ou seus constituintes, ser considerada como os *Nayres* ou *Mamalukes* desta era, ou como os *Orsini* e *Vitelli* de tempos antigos? Se eu tivesse então feito a pergunta, eu deveria ter passado por um maluco. O que desde então fizeram eles que eles fossem para ser dirigidos para dentro de exílio, que suas pessoas devessem ser caçadas ao redor, laceradas, e torturadas, suas famílias dispersas, suas casas deitadas em cinzas, que sua ordem devesse ser abolida, e a memória dela, se possível, extinguida, por ordenando-os a mudar os nomes mesmo por que eles eram usualmente conhecidos? Leia suas instruções para seus representativos. Elas respiram o espírito de liberdade tão calorosamente, e elas recomendam reformação tão fortemente, como qualquer outra ordem. Seus privilégios relativos a contribuição foram voluntariamente rendidos; como o rei, desde o início, rendeu toda pretensão a um direito de taxação. Sobre uma contribuição livre não havia a não ser uma opinião em França. A monarquia absoluta estava

em um fim. Ela respirava seu último, sem um gemido, sem luta, sem convulsão. Toda a luta, toda a dissensão surgiu depois sobre a preferência de uma democracia despótica a um governo de controle recíproco. O triunfo da parte vitoriosa foi sobre os princípios de uma constituição Britânica.

Eu tenho observado a afetação, que, por muitos anos passados, tem prevalecido em Paris mesmo a um grau perfeitamente infantil, de idolatrar a memória de seu Henry o Quarto. Se qualquer coisa pudesse pôr um fora de humor com esse ornamento ao caráter real, ela seria esse estilo sobrefeito de panegírico insidioso. As pessoas que têm trabalhado este motor o mais ocupadamente, são aquelas que acabaram seus panegíricos em detronando o sucessor e descendente dele; um homem, de tão boa-natureza ao menos, como Henry o Quarto; totalmente tão com gosto de seu povo; e que fez infinitamente mais para corrigir os antigos vícios do estado que esse grande monarca fez, ou nós temos certeza que ele alguma vez quis fazer. Bem é para seus panegíricos que eles não o tem para lidar com. Pois Henry de Navarra foi um príncipe resoluto, ativo, e político. Ele possuía de fato grande humanidade e suavidade; mas uma humanidade e suavidade que nunca ficaram no caminho de seus interesses. Ele nunca procurou ser amado sem colocar-se primeiro em uma condição de ser temido. Ele usava linguagem suave com conduta determinada. Ele assertava e mantinha sua autoridade de modo geral, e distribuía seus atos de concessão somente no detalhe. Ele gastava a renda de suas prerrogativas nobremente; mas ele tomava cuidado para não perturbar o capital; nunca abandonando por um momento qualquer de seus clamores, que ele fazia sob as leis fundamentais, nem poupando derramar o sangue daqueles que se opunham a ele, frequentemente no campo, algumas vezes sobre o cadafalso. Porque ele sabia como fazer suas virtudes respeitadas pelos ingratos, ele mereceu os louvores daqueles que, se eles tivessem vivido em seu tempo, ele teria trancado na Bastilha, e trazido a punição junto com os regicidas que ele enforcou depois que ele tinha esfomeado Paris para dentro de uma rendição.

Se estes panegíricos são em sério em sua admiração de Henry o Quarto, eles precisam lembrar, que eles não podem pensar mais altamente dele, que ele o fez da nobreza de França; cujas virtude, honra, coragem, patriotismo e lealdade eram tema constante dele.

Mas a nobreza de França estão degenerados desde os dias de Henry o Quarto.---Isto é possível. Mas é mais que eu posso acreditar ser verdade em qualquer grau. Eu não pretendo conhecer França tão corretamente como alguns outros; mas eu tenho me empenhado através de minha vida toda em fazer-me inteirado com natureza humana: de outra forma eu deveria ser inadequado para tomar mesmo minha humilde parte no serviço de humanidade. Nesse estudo eu não poderia passar por uma vasta porção de nossa natureza, como ela aparecia modificada em um país mas vinte-e-quatro milhas desde a costa desta ilha. Sobre minha melhor observação, comparada com meus melhores inquirimentos, eu achei sua nobreza para a maior parte composta de homens de um espírito alto, e de um senso delicado de honra, ambos com referência a eles mesmos individualmente, e com referência a seu corpo todo, sobre que eles mantinham, além do que é comum em outros países, um olho censório. Eles eram toleravelmente bem-procriados; muito oficiosos, humanos, e hospitaleiros; em sua conversação francos e abertos; com um bom tom militar; e razoavelmente tinturados com literatura, particularmente dos autores em sua própria língua. Muitos tinham pretensões longemente acima desta descrição. Eu falo daqueles que eram geralmente encontrados.

Quanto a seu comportamento para as classes inferiores, eles pareciam-me comportar-se no sentido deles com boa-natureza, e com alguma coisa mais proximamente aproximando-se a familiaridade, do que é geralmente praticado conosco no intercurso entre os postos mais altos e mais baixos de vida. Golpear qualquer pessoa, mesmo na mais abjeta condição, era uma coisa em uma maneira desconhecida, e seria altamente desgraçoso. Instâncias de outro mau-tratamento da parte humilde da comunidade eram raros; e quanto a ataques feitos sobre a propriedade ou a liberdade pessoal dos

comuns, eu nunca ouvi de qualquer um qualquer de *eles*; nem, enquanto as leis estavam em vigor sob o antigo governo, iria tal tirania em sujeitos ter sido permitida. Como homens de estados fundiários, eu não tinha falta a achar com sua conduta, embora muito a repreender, e muito a desejar mudado, em muitas das velhas posses. Onde o aluguel de sua terra era por renda, eu não podia descobrir que seus acordos com seus fazendeiros fossem opressivos; nem quando eles estavam em parceria com o fazendeiro, como frequentemente era o caso, ouvi eu que eles tivessem tomado a porção do leão. As proporções pareciam não iníquas. Poderia haver exeções; mas certamente elas eram apenas exceções. Eu não tenho razão para crer que nestes respeitos a nobreza fundiária de França fossem piores que a gentileza fundiária deste país; certamente em nenhum respeito mais vexativos do que os possuidores de terra, não nobres, de sua própria nação. Em cidades a nobreza não tinha nenhuma maneira de poder; no campo muito pouco. Você sabe, Senhor, que muito do governo civil, e a polícia nas partes mais essenciais, não estava nas mãos dessa nobreza que se apresenta primeiro a nossa consideração. A renda, o sistema e coleta da qual eram as mais deploráveis partes do governo Francês, não era administrada pelos homens da espada; nem eram eles responsáveis pelos vícios de seu princípio, ou as vexações, onde quaisquer tais existiam, em seu gerenciamento.

Negando, como eu estou bem garantido em fazer, que a nobreza tivesse qualquer porção considerável na opressão do povo, em casos em que opressão real existia, eu estou pronto a admitir que eles não eram sem faltas e erros consideráveis. Uma tola imitação da pior parte das maneiras de Inglaterra, que danificou seu caráter natural sem substituir em seu lugar o que talvez eles tencionassem copiar, certamente tornou-os piores que antes eles eram. Dissolução habitual de maneiras continuada além do período perdoável de vida, era mais comum entre eles do que é conosco; e ela reinava com a menos esperança de remédio, embora possivelmente com alguma coisa de menos mal, por sendo coberta com mais decoro exterior. Eles sustentavam demais essa filosofia licenciosa que ajudou a acarretar sua ruina. Houve outro erro dentre eles mais fatal. Aqueles dos comuns, que aproximavam-se ou excediam muitos da nobreza em ponto de riqueza, não eram totalmente admitidos ao posto e estimação que riqueza, em razão e boa política, deveria conferir em todo país; embora em pense não igualmente com o de outra nobreza. Os dois tipos de aristocracia eram pontilhosamente demais mantidos apartados; menos assim, contudo, do que em Alemanha e algumas outras nações.

Esta separação, como eu já tomei a liberdade de sugerir a você, eu concebo de ser uma causa principal da destruição da velha nobreza. O exército, particularmente, era exclusivamente demais reservado para homens de família. Mas depois de tudo, isto foi um erro de opinião, que uma opinião conflitante teria retificado. Uma assembleia permanente, na qual os comuns tivessem sua porção de poder, iria logo abolir o que quer que fosse odioso e insultante demais nestas distinções; e mesmo as faltas na moral da nobreza teriam sido provavelmente corrigidas pelas variedades maiores de ocupação e perseguição (NT:perseguição/atividade) a que uma constituição por ordens teria dado surgimento.

Todo este violento brado contra a nobreza eu tomo de ser uma mera obra de arte. Ser honrado e mesmo privilegiado pelas leis, opiniões, e usos inveterados de nosso país, crescendo fora dos prejuízos de eras, não tem nada para provocar horror e indignação em qualquer homem. Mesmo ser tenacioso demais desses privilégios, não é absolutamente um crime. A forte luta em todo indivíduo para preservar possessão do que ele achou pertencer a ele e distinguí-lo, é uma das seguranças contra injustiça e despotismo implantadas em nossa natureza. Ela opera como um instinto para assegurar propriedade, e para preservar comunidades em um estado estabelecido. O que há para chocar nisto? Nobreza é um ornamento gracioso à ordem civil. É a capital Coríntia de sociedade polida. *Omnes boni nobilitati semper favemus*, era o ditado de um sábio e bom homem. É de fato um sinal de uma mente liberal e benevolente inclinar-se a ele com algum tipo de propensão parcial. Ele não sente nenhum princípio enobrecedor em seu próprio coração que deseja nivelar todas as instituições artificiais que foram

adotadas para dar um corpo a opinião, e permanência a estima fugitiva. É uma azeda, maligna, invejosa disposição, sem gosto pela realidade, ou por qualquer imagem ou representação de virtude, que vê com alegria a queda sem mérito do que tinha longamente florecido em esplendor e em honra. Eu não gosto de ver coisa nenhuma destruída; e vazio produzido em sociedade; qualquer ruina sobre a face da terra. Foi portanto sem desapontamento ou dissatisfação que meus inquirimentos e observação não apresentaram a mim quaisquer vícios incorrigíveis na nobreza de França, ou qualquer abuso que não pudesse ser removido por uma reforma muito curta de abolição. Sua nobreza não merecia punição; mas degradar é punir.

Foi com a mesma satisfação que eu achei que o resultado de meu inquirimento concernindo seu clero não era dissimilar. Não são calmantes novidades para meus ouvidos, que grandes corpos de homens são incuravelmente corruptos. Não é com muita credulidade que eu ouço a qualquer, quando eles falam mal daqueles a quem eles vão pilhar. Eu preferivelmente suspeito que vícios são fingidos ou exagerados, quando lucro é procurado em sua punição. Um inimigo é uma má testemunha; um ladrão é uma pior. Vícios e abusos havia indubitavelmente nessa ordem, e precisa haver. Era um estabelecimento velho, e não frequentemente revisado. Mas eu não vi nenhuns crimes nos indivíduos que mereceram confiscação de sua substância, nem aqueles crueis insultos e degradações, e essa não-natural perseguição que foram substituídas no lugar de regulação melhoradora.

Se tivesse havido qualquer causa justa para esta nova perseguição religiosa, os libelistas ateísticos, que agem como trumpetistas para animar o populacho a pilhagem, não amam qualquer corpo tanto como a não residir com complacência sobre os vícios do clero existente. Isto eles não fizeram. Eles se acham obrigados a rebuscar para dentro das histórias de eras passadas (que eles saquearam com uma maligna e profligadora industria) para toda instância de opressão e perseguição que foi feita por esse corpo ou em seu favor, com o fim de justificar, sobre muito iníquos, porque muito ilógicos princípios de retaliação, suas próprias perseguições, e suas próprias crueldades. Depois de destruir todas outras genealogias e distinções de família, eles inventam um tipo de pedigree de crimes. Não é muito justo castigar homens pelas ofensas de seus ancestrais naturais; mas tomar a ficção de ancestralidade em uma sucessão corporativa, como um chão para punir homens que não têm nenhuma relação a atos culpados, exceto em nomes e descrições gerais, é um tipo de refinamento em injustiça pertencendo à filosofia desta era iluminada. A assembleia pune homens, muitos, se não a maioria, dos quais abominam a conduta violenta de eclesiásticos em tempos anteriores tanto quanto seus perseguidores presentes o fazem, e que seriam tão barulhentos e tão fortes na expressão desse senso, se eles não estivessem bem cientes dos propósitos para que toda esta declamação é empregada.

Corpos corporativos são imortais para o bem dos membros, mas não para sua punição. Nações elas mesmas são tais corporações. Tão bem poderiamos nós em Inglaterra pensar de travar guerra inexpiável sobre todos Franceses pelos males que eles trouxeram sobre nós nos diversos períodos de nossas hostilidades mútuas. Vocês poderiam, sobre sua parte, pensar vocês mesmos justificados em cair sobre todos Ingleses por conta das calamidades sem paralelo trazidas sobre o povo de França pelas injustas invasões de nossos Henries e nossos Edwards. De fato nós deveríamos ser mutuamente justificados nessa guerra exterminatória um sobre o outro, cheios tanto quanto vocês são na perseguição não-provocada de seus compatriotas presentes, por conta da conduta de homens do mesmo nome em outros tempos.

Nós não extraimos as lições morais que nós poderíamos da história. Pelo contrário, sem cuidado ela pode ser usada para viciar nossas mentes e para destruir nossa felicidade. Em história um grande volume é desenrolado para nossa instrução, extraindo os materiais de sabedoria futura desde os erros passados e infirmidades de humanidade. Ela pode, na perversão, servir para um magazine, fornecendo

armas ofensivas e defensivas para facções em igreja e estado, e provendo os meios de manter vivas, ou revivendo dissensões e animosidades, e adicionando combustível a fúria civil. História consiste, para a maior parte, das misérias trazidas sobre o mundo por orgulho, ambição, avareza, vingança, luxúria, sedição, hipocrisia, zêlo desgovernado, e todo o trem de apetites desordenados, que agitam o público com as mesmas

---- "tempestades problemáticas que atiram ao ar
"O estado privado, e tornam vida não-doce."

Estes vícios são as *causas* dessas tempestades. Religião, moral, leis, prerrogativas, privilégios, liberdades, direitos de homens, são os *pretextos*. Os pretextos são sempre achados em alguma aparência especiosa de um bem real. Você não iria assegurar homens de tirania e sedição, por extirpando da mente os princípios a que estes pretextos fraudulentos se aplicam? Se você o fizesse, você iria extirpar toda coisa que é valiosa no peito humano. Como estes são os pretextos, assim os atores ordinários e instrumentos em grandes males públicos são reis, sacerdotes, magistrados, senados, parlamentos, assembleias nacionais, juízes, e capitães. Você não iria curar o mal por resolvendo, que não deveria haver monarcas, nem ministros de estado, nem do evangelho; nenhuns interpretadores de lei; nenhuns oficiais gerais; nenhuns concílios públicos. Você poderia mudar os nomes. As coisas em alguma forma precisam permanecer. Um certo *quantum* de poder precisa sempre existir na comunidade, em algumas mãos, e sob alguma apelação. Homens sábios irão aplicar seus remédios a vícios, não a nomes; às causas de mal que são permanentes, não aos órgãos ocasionais pelos quais eles agem, e os modos transitórios nos quais eles aparecem. De outro modo você irá ser sábio historicamente, um tolo em prática. Raramente têm duas eras a mesma moda em seus pretextos e os mesmos modos de maldade. Maldade é um pouco mais inventiva. Enquanto você está discutindo moda, a moda é passada. O mesmo exatamente vício assume um novo corpo. O espírito transmigra; e, longe de perder seu princípio de vida pela mudança de sua aparência, ele é renovado em seus novos órgãos com o vigor fresco de uma atividade juvenil. Ele anda para o estrangeiro; ele continua suas destruições; enquanto você está enforcando a carcassa, ou demolindo a tumba. Você está se aterrorizando com fantasmas e aparições, enquanto sua casa é o lugar frequentado assiduamente de ladrões. É assim com todos aqueles, que, atendendo apenas à concha e palha de milho de história, pensam que eles estão travando guerra com intolerância, orgulho, e crueldade, enquanto, sob cor de abominar os princípios doentes de partidos antiquados, eles estão autorizando e alimentando os mesmos vícios odiosos em facções diferentes, e talvez em piores.

Seus cidadãos de Paris anteriormente tinham se emprestado como os prontos instrumentos para massacrar os seguidores de Calvin, no infame massacre de S. Bartholomew. O que deveríamos nós dizer a aqueles que poderiam pensar de retaliar sobre os Parisienses deste dia as abominações e horrores daquele tempo? Eles são de fato trazidos a abominar *aquele* massacre. Ferozes como eles são, não é difícil fazê-los desgostá-lo; porque os políticos e professores da moda não têm interesse em dar a suas paixões exatamente a mesma direção. Ainda contudo eles acham seu interesse manter as mesmas disposições selvagens vivas. Foi mas o outro dia que eles causaram esse muito massacre ser atuado no palco para a diversão dos descendentes daqueles que o cometeram. Nesta farsa trágica eles produziram o cardeal de Lorraine em seus mantos de função, ordenando matança geral. Era este espetáculo tencionado para fazer os Parisienses abominar perseguição, e detestar a efusão de sangue?---Não, ele era para ensiná-los a perseguir seus próprios pastores; ele era para excitá-los, por levantando um desgosto e horror de seu clero, a uma alacridade em caçar abaixo até destruição uma ordem, que, se ela deveria existir absolutamente, deveria existir não apenas em segurança, mas em reverência. Ele foi para estimular seus apetites canibais (que um iria pensar tivessem sido fartados suficientemente) por variedade e sazonamento; e para apressá-los a um estado de alerta em novos assassinatos e massacres,

se ele devesse condizer com o propósito dos Guises do dia. Uma assembleia, em que sentava uma multitude de sacerdotes e prelados, era obrigada a sofrer esta indignidade em sua porta. O autor não foi enviado às galés, nem os jogadores à casa de correção. Não muito depois desta exibição, aqueles jogadores apresentaram-se à assembleia para clamar os ritos dessa mesma religião que eles tinham ousado expor, e para mostrar suas faces prostituídas no senado, enquanto o arcebispo de Paris, cuja função era conhecida por seu povo apenas por suas rezas e bençãos, e sua riqueza apenas por seus donativos, é forçado a abandonar sua casa, e a fugir de seu estoque (NT:stock/raça, estoque) (como de lobos vorazes) porque, verdadeiramente, no décimo-sexto século, o Cardeal de Lorraine era um rebelde e um assassino.

Tal é o efeito da perversão de história, por aqueles, que, pelos mesmos propósitos nefários, perverteram toda outra parte de aprendizado. Mas aqueles que irão estar de pé sobre essa elevação de razão, que coloca séculos sob nosso olho, e traz coisas ao verdadeiro ponto de comparação, que obscurece nomes pequenos, e dele as cores de partidos pequenos, e à qual nada pode ascender a não ser o espírito e qualidade moral de ações humanas, irão dizer aos professores do Palais Royal,---o Cardeal de Lorraine foi o assassino do décimo-sexto século, vocês têm a glória de ser os assassinos no décimo-oitavo; e esta é a única diferença entre vocês. Mas história, no décimo-nono século, melhor entendida, e melhor empregada, irá, eu confio, ensinar uma posteridade civilizada a abominar as malfeitorias de ambas estas eras barbáricas. Ela irá ensinar futuros sacerdotes e magistrados a não retaliar sobre os especulativos e inativos ateístas de tempos futuros, as enormidades cometidas pelos presentes fanáticos práticos e fanáticos furiosos desse erro desventurado, que, em seu estado quiescente, é mais que punido, quando quer que ele seja abraçado. Ela irá ensinar posteridade a não fazer guerra sobre seja religião ou filosofia, pelo abuso que os hipócritas de ambas fizeram das duas mais valiosas bençãos conferidas sobre nós pela generosidade do Patrono universal, que em todas coisas eminentemente favorece e protege a raça de homem.

Se seu clero, ou qualquer clero, devessem mostrar-se a si mesmos viciosos além dos limites justos permitidos a infirmidade humana, e àquelas faltas profissionais que dificilmente podem ser separadas de virtudes profissionais, embora seus vícios nunca possam sustentar o exercício de opressão, eu admito, que eles deveriam naturalmente ter o efeito de abater muito muito de nossa indignação contra os tiranos que excedem medida e justiça em sua punição. Eu posso permitir em homens de clero, através de todas suas divisões, alguma tenacidade de sua própria opinião; alguns transbordamentos de zêlo por sua propagação; alguma predileção a seu próprio estado e ofício; alguma conexão ao interesse de seu próprio corpo; alguma preferência àqueles que ouvem com docilidade a suas doutrinas, além daqueles que escarnecem e derriçam-nos. Eu permito tudo isto, porque eu sou um homem que tenho que lidar com homens, e que não iria, através de uma violência de tolerância, incorrer na maior de toda intolerância. Eu preciso tolerar infirmidades até que elas infeccionem-se em crimes.

Indubitavelmente, o progresso natural das paixões, desde fraqueza a vício, deveria ser prevenido por um olho vigilante e uma mão firme. Mas é verdade que o corpo de seu clero tinha passado daqueles limites de uma concessão justa? Do estilo geral de suas publicações tardias de todos tipos, um iria ser levado a crer que seu clero em França eram um tipo de monstros; uma composição horrível de superstição, ignorância, preguiça, fraude, avareza, e tirania. Mas é isto verdade? É verdade, que o lapso de tempo, a cessação de interesses conflitantes, a experiência triste dos males resultando de fúria de facção, não têm nenhum tipo de influência para gradualmente melhorar suas mentes? É verdade, que eles estavam diariamente renovando invasões sobre o poder civil, incomodando a quietude doméstica de seu país, e tornando as operações de seu governo débeis e precárias? É verdade, que o clero de nossos tempo têm pressionado abaixo a laicidade com uma mão de ferro, e estavam, em todos lugares, acendendo os fogos de uma perseguição selvagem? Empreendiam eles por toda fraude aumentar seus

estados? Costumavam eles exceder as demandas devidas sobre os estados que eram seus próprios? Ou, rigidamente contorcendo certo em errado, converteram eles um clamor legal em uma extorsão vexatória? Quando não possuídos de poder, eram eles cheios com os vícios daqueles que o invejam? Eram eles inflamados com um espírito litigioso violento de controvérsia? Aguilhoados (NT:Goaded/estimulados) adiante com a ambição de soberania intelectual, eram eles prontos a insultar (NT:fly in the face of) toda magistratura, a incendiar igrejas, a massacrar os sacerdotes de outras descrições, a puxar abaixo altares, e a fazer seu caminho sobre as ruinas de governos subvertidos para um império de doutrina, por vezes lisonjeiro, por vezes forçando as consciências de homens desde a jurisdição de instituições públicas para dentro de uma submissão a sua autoridade pessoal, começando com um clamor de liberdade e terminando com um abuso de poder?

Estes, ou alguns destes, foram os vícios objetados, e não totalmente sem fundação, a diversos dos homens de igreja de tempos anteriores, que pertenciam às duas grandes facções que então dividiam e distraíam Europa.

Se houvesse em França, como em outros países visivelmente há, um grande abatimento, preferivelmente que qualquer aumento destes vícios, em vez de carregar o clero presente com os crimes de outros homens, e o caráter odioso de outros tempos, em equidade comum eles deveriam ser louvados, encorajados, e suportados, em sua partida desde um espírito que desgraçou seus predecessores, e por ter assumido um temperamento de mente e maneiras mais adequado a sua função sagrada.

Quando minhas ocasiões me levaram para dentro de França, no sentido do fechamento do reino tardio, o clero, sob todas suas formas, engajava uma parte considerável de minha curiosidade. Tão longe de achar (exceto desde um conjunto de homens, não então muito numeroso embora muito ativo) as reclamações e descontentamentos contra esse corpo, que algumas publicações tinham me dado razão de esperar, eu percebi pouco ou nenhum desconfôrto público ou privado sobre sua conta. Em examinação ulterior, eu achei o clero em geral, pessoas de mentes moderadas e maneiras decorosas; eu incluo os seculares, e os regulares de ambos sexos. Eu não tive a boa fortuna de conhecer muitos do clero paroquial; mas em geral eu recebi um relato perfeitamente bom de sua moral, e de sua atenção a seus deveres. Com alguns do clero superior eu tive um conhecimento pessoal; e do resto nessa classe, muito bons meios de informação. Eles eram, quase todos deles, pessoas de nascimento nobre. Eles assemelhavam-se a outros de seu próprio posto; e onde havia qualquer diferença, ela era em seu favor. Eles eram mais completamente educados do que a nobreza militar; de forma a por nenhuns meios desgraçar sua profissão por ignorância, ou por falta de conveniência para o exercício de sua autoridade. Eles me pareciam, além do caráter clerical, liberais e abertos; com os corações de gentis-homens, e homens de honra; nem insolentes nem servis em suas maneiras e conduta. Eles me pareciam preferivelmente uma classe superior; um conjunto de homens, entres os quais você não iria estar surpreendido em achar um *Fenelon*. Eu vi entre o clero em Paris (muitos da descrição não estão para ser encontrados em lugar nenhum) homens de grande aprendizado e sinceridade; e eu tinha razão para acreditar, que esta descrição não era confinada a Paris. O que eu achei em outros lugares, eu sei que foi acidental; e portanto para ser presumido uma amostra justa. Eu gastei alguns dias em uma cidade provincial, onde, na ausência do bispo, eu passei minhas noites com três homens de clero, seus vigários gerais, pessoas que teriam feito honra a qualquer igreja. Eles eram todos bem informados; dois deles de profunda, geral, e extensiva erudição, antiga e moderna, oriental e ocidental; particularmente em sua própria profissão. Eles tinham um conhecimento mais extensivo de nossos divinos Ingleses do que eu esperava; e eles entravam dentro do gênio daqueles escritores com uma exatidão crítica. Um destes gentis-homens está desde então morto, o Abbé *Morangis*. Eu pago este tributo, sem relutância, à memória dessa nobre, reverenda, erudita, e excelente pessoa; e eu deveria fazer o mesmo, com igual

alegria, aos méritos de outros, que eu acredito estão ainda vivendo, se eu não temesse magoar aqueles a quem eu sou incapaz de servir.

Alguns destes eclesiásticos de posto, são, por todos títulos, pessoas merecedoras de gratidão desde mim, e de muitos Ingleses. Se esta carta devesse algum dia vir em suas mãos, eu espero que eles irão acreditar que há aqueles de nossa nação que sentem por sua queda imerecida, e pela cruel confiscação de suas fortunas, com nada comum sensibilidade. O que eu digo deles é um testemunho, tão longe como uma voz fraca pode ir, que eu devo a verdade. Quando quer que a questão desta perseguição não-natural seja concernida, eu irei pagá-lo. Ninguém deve prevenir-me de ser justo e grato. O tempo é ajustado para o dever; e ele está particularmente vindo a mostrar nossa justiça e gratidão, quando aqueles que mereceram bem de nós e de humanidade estão laborando sob opróbrio popular e as perseguições de poder opressivo.

Vocês tinham antes de sua revolução cerca de cento e vinte bispos. Uns poucos deles eram homens de eminente santidade, e caridade sem limite. Quando nós falamos da heróica, de curso nós falamos de rara, virtude. Eu acredito que as instâncias de depravação eminente podem ser tão raras entre eles como aquelas de bondade transcendente. Exemplos de avareza e licenciosidade podem ser selecionados, eu não o questiono, por aqueles que se deleitam na investigação que leva a tais descobertas. Um homem, tão velho como eu sou, não irá ser surpreendido que diversos, em toda descrição, não levam essa vida perfeita de auto-negação, com referência a riqueza ou a prazer, que é desejada por todos, por alguns esperada, mas por nenhum exigido com mais rigor, que por aqueles que são mais atenciosos a seus próprios interesses, ou mais indulgentes a suas próprias paixões. Quando eu estive em França, eu estou certo que o número de prelados viciosos não era grande. Certos indivíduos entre eles não distinguíveis pela regularidade de suas vidas, fizeram algumas emendas por sua falta das virtudes severas, em sua possessão das liberais; e eram dotados com qualidades que os faziam úteis na igreja e estado. É-me dito, que com poucas exceções, Louis o Décimo-sexto tinha sido mais atencioso a caráter, em sua promoção a esse posto, que seu predecessor imediato; e eu acredito, (como algum espírito de reforma prevaleceu através do reinado todo) que isto pode ser verdade. Mas o presente poder regente mostrou uma disposição apenas para pilhar a igreja. Ele puniu *todos* prelados; que é favorecer o vicioso, ao menos em ponto de reputação. Ele fez um degradante estabelecimento pensionário, para o que nenhum homem de ideias liberais ou condição liberal irá destinar suas crianças. Ele precisa assentar para dentro das classes mais baixas do povo. Como com vocês o clero inferior não são numerosos o suficiente para seus deveres; como alguns deveres são, além de medida, minutos e laboriosos; como vocês não deixaram nenhumas classes médias de clero à vontade deles, em futuro nada de ciência ou erudição pode existir na igreja Gallicana. Para completar o projeto, sem a menor atenção aos direitos de patronos, a assembleia proveu em futuro um clero eletivo; um arranjo que irá fazer sair da profissão clerical todos homens de sobriedade; todos que podem pretender a independência em sua função ou sua conduta; e que irá jogar a direção toda da mente pública nas mãos de um conjunto de licenciosos, corajosos, artificiosos, facciosos, lisonjeiros desgraçados, de tal condição e tais hábitos de vida como irão fazer suas contemptíveis pensões (em comparação de que o estipêndio de um coletor de imposto é lucrativo e honorável) um objeto de baixa e iliberal intriga. Esses oficiais, a quem eles ainda chamam bispos, são para ser eleitos para uma provisão comparativamente média, através das mesmas artes, (isso é, artes de campanha eleitoral) por homens de todos princípios religiosos que são conhecidos ou podem ser inventados. Os novos legisladores não verificaram qualquer coisa qualquer concernindo suas qualificações, relativas seja a doutrina ou a moral; não mais do que eles fizeram com referência ao clero subordinado; nem parece a não ser que ambos o superior e o inferior podem, a sua discrição, praticar ou pregar qualquer modo de religião ou irreligião que lhes apraza. Eu ainda não vejo o que a jurisdição de bispos sobre seus subordinados é para ser; ou se eles são para ter qualquer jurisdição absolutamente.

Em resumo, Senhor, parece a mim, que este novo estabelecimento eclesiástico é tencionado apenas para ser temporário, e preparatório para a total abolição, sob qualquer de suas formas, da religião Cristã, quando quer que as mentes de homens estejam preparadas para este último golpe contra ela, pela execução do plano para trazer seus ministros em contempto universal. Eles que não irão acreditar, que os fanáticos filosóficos que guiam nessas matérias, têm longamente entretido um tal desígnio, são totalmente ignorantes de seu caráter e procedimentos. Estes entusiastas não têm escrúpulos de admitir sua opinião, que um estado pode subsistir sem qualquer religião melhor que com uma; e que eles são capazes de suprir o lugar de qualquer bem que possa haver nela, por um projeto próprio deles---nomeadamente, por um tipo de educação que eles imaginaram, fundado em um conhecimento das faltas físicas de homens; progressivamente carregado a um auto-interesse iluminado, que, quando bem entendido, eles nos dizem que irá identificar-se com um interesse mais expandido e público. O esquema desta educação tem sido há longo tempo conhecido. Ultimamente eles o distinguem (como eles têm uma inteira nova nomenclatura de termos técnicos) pelo nome de uma *Educação Cívica*.

Eu espero que os partidários deles em Inglaterra, (a quem eu preferivelmente atribuo muito inconsiderada conduta que o objeto último neste desígnio detestável) não irão ser bem sucedidos nem na pilhagem dos eclesiásticos, nem na introdução de um princípio de eleição popular a nossos bispados e curas paroquiais. Isto, na presente condição do mundo, seria a última corrupção da igreja; a total ruina do caráter clerical; o mais perigoso choque que o estado já recebeu através de um arranjo mal-entendido de religião. Eu sei bem o suficiente que os bispados e curas, sob patronagem real e senhorial, como agora eles são em Inglaterra, e como eles têm sido ultimamente em França, são por vezes adquiridos por métodos indignos; mas o outro modo de tela (NT:canvas/tela) eclesiástica os sujeita infinitamente mais certamente e mais geralmente a todas as artes más de ambição baixa, que, operando sobre e através de números maiores, irão produzir mal em proporção.

Aqueles de vocês que roubaram o clero, pensam que eles devem facilmente reconciliar sua conduta a todas nações protestantes; porque o clero, a quem eles pilharam, degradaram, e entregaram para zombaria e escárnio, são da Católica Romana, isso é, de *sua própria* persuasão pretendida. Eu não tenho dúvida que alguns fanáticos miseráveis irão ser achados aqui tão bem como em outros lugares, que odeiam seitas e partidos diferentes dos deles próprios, mais do que eles amam a substância de religião; e que são mais raivosos com aqueles que diferem deles em seus planos e sistemas particulares, do que desagradados com aqueles que atacam a fundação de nossa esperança comum. Estes homens irão escrever e falar sobre o assunto na maneira que é para ser esperada de seu temperamento e caráter. Burnet diz, que quando ele esteve em França, no ano 1683, "o método que transportava os homens das partes mais finas para papismo era este-----eles traziam-se a duvidar da religião Cristã toda. Quando isso era uma vez feito, parecia uma coisa mais indiferente de que lado ou forma eles continuavam exteriormente." Se isto era então a política eclesiástica de França, é o que de que eles não têm desde então a não ser muita razão para se arrepender. Eles preferiram ateísmo a uma forma de religião não concorde a suas ideias. Eles sucederam em destruir essa forma; e ateísmo sucedeu em destruí-los. Eu posso prontamente dar crédito à estória de Burnet; porque eu observei muito demais de um espírito similar (pois um pouco dele é "muito muito demais") entre nós mesmos. O humor, contudo, não é geral.

Os professores que reformaram nossa religião em Inglaterra não carregavam nenhum tipo de semelhança a seus presentes doutores reformadores em Paris. Talvez eles fossem (como aqueles a quem eles se opuseram) preferivelmente mais do que poderia ser desejado sob a influência de um espírito de partido; mas eles eram mais-sinceros crentes; homens da mais fervente e exaltada piedade; prontos para morrer (como alguns deles morreram) como verdadeiros heróis em defesa de suas ideias particulares de

Cristianismo; como eles iriam com igual fortitude, e mais alegremente, por esse estoque de verdade geral, pelos ramos de que eles contendiam com seu sangue. Estes homens teriam repudiado com horror aqueles miseráveis que clamavam uma associação com eles sobre nenhuns outros títulos que aqueles de eles terem pilhado as pessoas com quem eles mantinham controvérsias, e eles terem desprezado a religião comum, pela pureza de que eles se exercitavam com um zêlo, que inequivocamente revelava sua mais alta reverência pela substância desse sistema que eles desejavam reformar. Muitos dos descendentes deles retiveram o mesmo zêlo; mas, (como menos engajados em conflito) com mais moderação. Eles não esquecem que justiça e misericórdia são partes substanciais de religião. Homens ímpios não recomendam a si mesmos a sua comunhão por iniquidade e crueldade no sentido de qualquer descrição de suas criaturas companheiras.

Nós ouvimos estes novos professores continuamente gabando-se de seu espírito de tolerância. Que essas pessoas devessem tolerar todas opiniões, que não pensam nenhuma de ser de estimação, é uma matéria de mérito pequeno. Igual negligência não é bondade imparcial. A espécie de benevolência, que surge desde contempto, não é nenhuma caridade verdadeira. Há em Inglaterra abundância de homens que toleram no verdadeiro espírito de tolerância. Eles pensam que os dogmas de religião, embora em graus diferentes, são todos de momento; e que dentre eles há, como entre todas coisas de valor, um chão justo de preferência. Eles favorecem, portanto, e eles toleram. Eles toleram, não porque eles desprezem opiniões, mas porque eles respeitam justiça. Eles iriam reverentemente e afetuosamente proteger todas religiões, porque eles amam e veneram o grande princípio sobre que eles todos concordam, e o grande objeto para que eles são todos dirigidos. Eles começam mais e mais claramente a discernir, que nós temos todos uma causa comum, como contra um inimigo comum. Eles não irão ser tão mal-guiados pelo espírito de facção, como a não distinguir o que é feito em favor de sua subdivisão, daqueles atos de hostilidade, que, através de alguma descrição particular, são mirados ao corpo todo, em que eles eles mesmos, sob outra denominação, são incluídos. É impossível para mim dizer qual possa ser o caráter de toda descrição de homens entre nós. Mas eu falo pela maior parte; e por eles, eu preciso dizer-lhe, que sacrilégio não é nenhuma parte de sua doutrina de trabalhos bons; que, tão longe de chamar você para dentro de sua associação sobre tal título, se seus professores são admitidos a sua comunhão, eles precisam esconder cuidadosamente sua doutrina da legalidade da proscrição de homens inocentes; e que eles precisam fazer restituição de todos bens roubados quaisquer. Até então eles não são nenhuns dos nossos.

Você pode supor que nós não aprovemos sua confiscação dos rendimentos de bispos, e decanos, e cabidos, e clero paroquial possuindo estados independentes surgindo de terra, porque nós temos o mesmo tipo de estabelecimento em Inglaterra. Essa objeção, você irá dizer, não pode manter-se firme quanto à confiscação dos bens de monges e freiras, e a abolição da ordem deles. É verdade, que esta parte particular de sua confiscação geral não afeta Inglaterra, como um precedente em ponto: mas a razão se aplica; e ela vai um grande caminho. O parlamento longo confiscou as terras de decanos e cabidos em Inglaterra sobre as mesmas ideias sobre que sua assembleia pos a venda as terras das ordens monásticas. Mas é no princípio de injustiça que o perigo fica, e não na descrição de pessoas sobre quem ele é primeiro exercitado. Eu vejo, em um país muito perto de nós, um curso de política perseguido, que coloca justiça, a concernência comum de humanidade, em desafio. Com a assembleia nacional de França, possessão é nada; lei e uso são nada. Eu vejo a assembleia nacional abertamente reprovar a doutrina de prescrição, que * (* Domat.) um dos maiores de seus próprios advogados nos diz, com grande verdade, que é uma parte da lei de natureza. Ele nos diz, que a verificação positiva de seus limites, e sua segurança de invasão, estavam entre as causas por que sociedade civil ela mesma foi instituida. Se prescrição seja uma vez sacudida, nenhuma espécie de propriedade é segura, quando ela uma vez torna-se um objeto grande o suficiente para tentar a cupidez de poder indigente. Eu vejo uma prática perfeitamente correspondente a seu contempto desta grande parte fundamental de lei natural. Eu

vejo os confiscadores começarem com bispos, e cabidos, e monastérios; mas eu não os vejo terminar lá. Eu vejo os principes do sangue, que, pelos mais velhos usos desse reino, mantinham grandes estados fundiários, (dificilmente com o cumprimento de um debate) privados de suas possessões, e em lugar de sua propriedade independente estável, reduzidos à esperança de alguma precária, caritativa pensão, ao prazer de uma assembleia, que de curso irá pagar pouco respeito aos direitos de pensionistas a prazer, quando ela despreza aqueles de proprietários legais. Animados com a insolência de suas primeiras vitórias inglórias, e pressionados pelos sofrimentos causados por sua luxúria de lucro profano, desapontados mas não desencorajados, eles têm longamente se aventurado completamente para subverter toda propriedade de todas descrições através do extento de um grande reino. Eles compeliram todos homens, em todas transações de comércio, na disposição de terras, em negociação civil, e através da comunhão toda de vida, a aceitar como pagamento perfeito e bom e oferta legal, os símbolos de suas especulações sobre uma venda projetada de sua pilhagem. Que vestígios de liberdade ou propriedade deixaram eles? O direito-tenente (NT:tenant-right) de uma horta-de-repolho, o interesse de um ano em um alpendre, a boa-vontade de uma cervejaria, ou uma loja de padeiro, a sombra mesma de uma propriedade construtiva, são mais cerimoniosamente tratados em nossos parlamentos que com vocês as mais velhas e mais valiosas possessões fundiárias, nas mãos dos mais respeitáveis personagens, ou que o corpo todo do interesse pecuniário e comercial de seu país. Nós entretemos uma alta opinião da autoridade legislativa; mas nós nunca sonhamos que parlamentos tivessem qualquer direito qualquer de violar propriedade, de indeferir prescrição, ou de forçar uma moeda de sua própria ficção no lugar daquela que é real, e reconhecida pela lei de nações. Mas vocês, que começaram com recusando a submeter-se às mais modestas restrições, terminaram por estabelecendo um inaudito de despotismo. Eu acho que o chão sobre que seus confiscadores vão é este; que de fato seus procedimentos não poderiam ser suportados em uma corte de justiça; mas que as regras de prescrição não podem vincular uma assembleia legislativa *. (* Discurso de Mr. Camus, publicado por ordem da Assembleia Nacional.) De forma que esta assembleia legislativa de uma nação livre está situada, não para a segurança, mas para a destruição de propriedade, e não de propriedade somente, mas de toda regra e máxima que pode lhe dar estabilidade, e daqueles instrumentos que podem sozinhos lhe dar circulação.

Quando os Anabatistas de Munster, no décimo-sexto século, tinham enchido Alemanha com confusão por seu sistema de nivelamento e suas opiniões selvagens concernindo propriedade, a que país em Europa não forneceu o progresso de sua fúria justa causa de alarme? De todas coisas, sabedoria é a mais terrificada com fanaticismo epidêmico, porque de todos inimigos é esse contra que ela é o menos capaz de fornecer qualquer tipo de recurso. Nós não podemos ser ignorantes do espírito de fanaticismo ateístico, que é inspirado por uma multitude de escritos, dispersados com incrível assiduidade e gasto, e por sermões entregues em todas as ruas e lugares de estância pública em Paris. Estes escritos e sermões encheram o populacho com uma preta e selvagem atrocidade de mente, que substitui neles os sentimentos comuns de natureza, tão bem como todos sentimentos de moralidade e religião; a tal ponto que estes desgraçados são induzidos a carregar com uma paciência taciturna os sofrimentos intoleráveis trazidos sobre eles pelas convulsões e permutações violentas que foram feitas em propriedade *? (* Se a seguinte descrição é estritamente verdadeira eu não sei; mas ela é o que os publicadores iriam ter passar por verdadeira, a fim de animar outros. Em uma carta desde Toul, dada em um de seus papéis, está a passagem seguinte concernindo o povo desse distrito : "Dans la Révolution actuelle, ils ont résisté à toutes les *séductions du bigotisme, aux persécutions et aux tracasseries* des Ennemis de la Révolution. *Oubliant leurs plus grands intérêts* pour rendre hommage aux vues d'ordre général qui ont determiné l'Assemblée Nationale, ils voient, *sans se plaindre*, supprimer cette foule d'établissemens ecclésiastiques par lesquels *ils subsistoient*; et même, en perdant leur siège épiscopal, la seule de toutes ces ressources qui pouvoit, on plutôt *qui devoit, en toute équité*, leur être conservée, condamnés *à la plus effrayante misère* sans avoir *été ni pu être entendus, ils ne murmurent point*, ils restent fidèles aux principes du plus pur patriotisme; ils sont encore prêts à *verser leur sang* pour le maintien de la

constitution, qui va réduire leur ville *à la plus déplorable nullité*." Essas pessoas não são supostas de terem suportado esses sofrimentos e injustiças em uma luta por liberdade, pois o mesmo relato declara verdadeiramente que elas tinham sido sempre livres; sua paciência em mendicância e ruina, e seu sofrimento, sem manifestação, da mais flagrante e confessada injustiça, se estritamente verdadeira, não pode ser nada a não ser o efeito deste fanaticismo terrível. Uma grande multitude por toda França está na mesma condição e o mesmo temperamento.) O espírito de proselitismo atende este espírito de fanaticismo. Eles têm sociedades para cabalar e corresponder em casa e no estrangeiro pela propagação de seus princípios. A república de Berne, um dos mais felizes, mais prósperos, e melhor governados países sobre terra, é um dos grandes objetos, a cuja destruição eles miram. É dito a mim que eles em alguma medida foram bem sucedidos em semear lá as sementes de descontentamento. Eles estão ocupados através de Alemanha. Espanha e Itália não foram não-experimentados. Inglaterra não é deixada fora do esquema compreensivo de sua caridade maligna; e em Inglaterra nós achamos aqueles que estendem seus braços a eles, que recomendam seus exemplos desde mais do que um púlpito, e que escolhem, em mais do que um encontro periódico, publicamente corresponder-se com eles, aplaudí-los, e suspendê-los como objetos para imitação; que recebem deles sinais de confraternidade, e estandartes consagrados entre seus ritos e mistérios * ; (* Ver os procedimentos da confederação em *Nantz*.) que sugerem a eles léguas de amizade perpétua, ao tempo mesmo quando o poder, a que nossa constituição delegou exclusivamente a capacidade federativa deste reino, pode achar conveniente fazer guerra sobre eles.

Não é a confiscação de nossa propriedade de igreja desde este exemplo em França que eu temo, embora eu pense que isto seria nenhum mal insignificante. A grande fonte de minha solicitude é, para que não devesse alguma vez ser considerada em Inglaterra como a política de um estado, procurar um recurso em confiscações de qualquer tipo; ou que qualquer uma descrição de cidadãos devesse ser trazida a considerar qualquer das outras como sua presa própria *. (* "Si plures sunt ii quibus improbe datum est, quam illi quibus injuste ademptum est, idcirco plus etiam valent? Non enim numero haec judicantur, sed pondere. Quam autem habet aequitatem, ut agrum multis annis, aut etiam saeculis ante possessum, qui nullum habuit habeat, qui autem habuit amittat? Ac, propter hoc injuriae genus, Lacedaemonii Lysandrum Ephorum expulerunt; Agin regem (quod nunquam antea apud eos acciderat) necaverunt; exque eo tempore tantae discordiae secutae sunt, ut et tyranni exsisterent, et optimates exterminarentur, et preclarissime constituta respublica dilaberetur. Nec vero solum ipsa cecidit, sed etiam reliquam Graeciam evertit contagionibus malorum, quae a Lacedaemoniis profectae manarunt latius."---Depois de falar da conduta do modelo de patriotas verdadeiros, Aratus de Sycion, que era em um espírito muito diferente, ele diz, "Sic par est agere cum civibus; non (ut bis jam vidimus) hastam in foro ponere et bona civium voci subjicere praeconis. At ille Graecus (id quod fuit sapientis et praestantis viri) omnibus consulendum esse putavit: eaque est summa ratio et sapientia boni civis, commoda civium non divellere, sed omnes eadem aequitate continere." - Cic. Off. 1. 2.) Nações estão passando a vau mais fundo e mais fundo para dentro de um oceano de débito desvinculado. Débitos públicos, que primeiramente eram uma segurança para governos, por interessando muitos na tranquilidade pública, são prováveis em seu excesso de tornar-se o meio de sua subversão. Se governos provêem para estes débitos por imposições pesadas, eles perecem por tornando-se odiosos para o povo. Se eles não provêem para eles, eles irão ser desfeitos pelos esforços do mais perigoso de todos partidos; eu quero dizer um interesse pecuniário descontinuado extensivo, injuriado e não destruído. Os homens que compõem este interesse procuram sua segurança, na primeira instância, para a fidelidade de governo; na segunda, para o poder dele. Se eles acham os velhos governos estéreis, desgastados, e com suas molas relaxadas, de forma a não ser de vigor suficiente para seus propósitos, eles podem procurar novos que devem ser possuídos de mais energia; e esta energia irá ser derivada, não desde uma aquisição de recursos, mas desde um contempto de justiça. Revoluções são favoráveis a confiscação; e é impossível saber sob que nomes detestáveis a próxima confiscação será autorizada. Eu sou certo que

os princípios predominantes em França estendem a muitíssimas pessoas e descrições de pessoas em todos países que pensam sua indolência inóxia sua segurança. Este tipo de inocência em proprietários pode ser argumentado para dentro de inutilidade; e inutilidade para dentro de uma inadequação para seus estados. Muitas partes de Europa estão em desordem aberta. Em muitas outras há um murmúrio vazio sob chão; um movimento confuso é sentido, que ameaça um terremoto geral no mundo político. Já confederações e correspondências da mais extraordinária natureza estão se formando, em vários países *. (* Ver dois livros entitulados, Enige Originalschriften des Illuminatenordens.---System und Folgen des Illuminatenordens, Munchen 1787.) Em um tal estado de coisas nós deveríamos nos segurar sobre nossa guarda. Em todas mutações (se mutações precisem existir) a circunstância que irá servir mais para embotar o fio de sua maldade, e para promover que bem possa haver neles, é, que eles deveriam nos achar com nossas mentes tenazes de justiça, e tenras de propriedade.

Mas irá ser argumentado, que esta confiscação em França não deveria alarmar outras nações. Eles dizem que ela não é feita desde rapacidade licenciosa; que ela é uma grande medida de política nacional, adotada para remover um mal extensivo, inveterado, supersticioso. É com a maior dificuldade que eu sou capaz de separar política de justiça. Justiça é ela mesma a grande política permanente de sociedade civil; e qualquer partida eminente dela, sob quaisquer circunstâncias, fica sob a suspeição de não ser nenhuma política absolutamente.

Quando homens são encorajados a ir para dentro de um certo modo de vida pelas leis existentes, e protegidos nesse modo como em uma ocupação legal---quando eles acomodaram todas suas ideias, e todos seus hábitos a ele---quando a lei tinha longamente feito sua aderência a suas regras um fundamento de reputação, e sua partida delas um fundamento de desgraça e mesmo de penalidade---eu sou certo que é injusto em legislatura, por um ato arbitrário, oferecer uma súbita violência a suas mentes e seus sentimentos; forçosamente degradá-los de seu estado e condição, e estigmatizar com vergonha e infâmia esse caráter e esses costumes que antes tinham sido feitos a medida de sua felicidade e honra. Se a isso seja adicionada uma expulsão de suas habitações, e uma confiscação de todos seus bens, eu não sou sagaz o suficiente para descobrir como este esporte despótico, feito dos sentimentos, consciências, prejuízos, e propriedades de homens, possa ser discriminada da tirania mais extrema.

Se a injustiça do curso perseguido em França seja clara; a política da medida, isto é, o benefício público a ser esperado dela, deveria ser ao menos tão evidente, e ao menos tão importante. Para um homem que age sob a influência de nenhuma paixão, que não tem nada em vista em seus projetos a não ser o bem público, uma grande diferença irá imediatamente golpeá-lo, entre o que política iria ditar sobre a introdução original de tais instituições, e sobre uma questão de sua abolição total, onde elas lançaram suas raízes largas e profundas, e onde por longo hábito coisas mais valiosas que elas mesmas são tão adaptadas a elas, e em uma maneira entretecidas com elas, que o um não pode ser destruído sem notavelmente danificar o outro. Ele poderia ser embaraçado, se o caso fosse realmente tal como sofistas representam-no em seu estilo insignificante de debater. Mas nisto, como na maioria das questões de estado, existe um meio. Há algo mais que a mera alternativa de destruição absoluta, ou existência não-reformada. *Spartam nactus es; hanc exorna*. Esta é, em minha opinião, uma regra de senso profundo, e não deveria nunca afastar-se da mente de um reformador honesto. Eu não posso conceber como qualquer homem pode ter trazido a si mesmo a este grau de intensidade de presunção, para considerar seu país como nada a não ser *carte blanche,* sobre que ele pode escrevinhar o que quer que lhe apraza. Um homem cheio de benevolência especulativa tépida pode desejar sua sociedade constituida de outra forma do que ele a encontra; mas um bom patriota, e um verdadeiro político, sempre considera como ele deve fazer o mais dos materiais existentes de seu país. Uma disposição para preservar, e uma habilidade para melhorar, tomadas junto, iriam ser meu estandarte de um homem de estado. Toda coisa

mais é vulgar na concepção, perigosa na execução.

Há momentos na fortuna de estados quando homens particulares são chamados a fazer melhorias por grande exerção mental. Nesses momentos, mesmo quando eles parecem desfrutar a confiança de seu principe e país, e ser investidos com autoridade completa, eles não têm sempre instrumentos aptos. Um político, para fazer grandes coisas, procura por um *poder*, o que nossos trabalhadores chamam uma *compra*; e se ele encontra esse poder, em política como em mecânica ele não pode estar em uma perda a aplicá-lo. Nas instituições monásticas, em minha opinião, se achava um grande *poder* para o mecanismo de benevolência política. Existiam rendimentos com uma direção pública; existiam homens totalmente postos de parte e dedicados a propósitos públicos; homens sem a possibilidade de converter o estado da comunidade em uma fortuna privada; homens negados a interesses pessoais, cuja avareza é para alguma comunidade; homens para quem pobreza pessoal é honra, e obediência implícita fica no lugar de liberdade. Em vão deve um homem olhar para a possibilidade de fazer tais coisas quando ele as quer. Os ventos sopram como lhes apraz. Estas instituições são os produtos de entusiasmo; elas são os instrumentos de sabedoria. Sabedoria não pode criar materiais; eles são as dádivas de natureza ou de chance; o orgulho dela é no uso. A existência perene de corpos corporativos e suas fortunas, são coisas particularmente adequadas a um homem que tem visões longas; que medita desígnios que requerem tempo em moldagem; e que propõem duração quando eles são executados. Ele não é merecedor de ter posto alto, ou mesmo de ser mencionado na ordem de grandes homens de estado, que, tendo obtido o comando e direção de um tal poder como existia na riqueza, a disciplina, e os hábitos de tais corporações, como aquelas que vocês temerariamente destruíram, não pode achar qualquer caminho de convertê-lo para o grande e duradouro benefício de seu país. Sobre a vista deste assunto um milhar de usos se sugerem a uma mente maquinadora. Destruir qualquer poder, crescendo selvagem desde a força produtiva viçosa da mente humana, é quase equivalente, no mundo moral, à destruição das propriedades aparentemente ativas de corpos no material. Seria como a tentativa de destruir (se estivesse em nossa competência destruir) a força expansiva de ar fixo em nitro, ou o poder de vapor, ou de eletricidade, ou de magnetismo. Estas energias sempre existiram em natureza, e elas eram sempre discerníveis. Elas pareciam, algumas delas inúteis, algumas nocivas, algumas não melhores que um esporte para crianças; até que habilidade contemplativa, combinando com uma perícia prática, domou sua natureza selvagem, subjugou-as a uso, e as tornou de uma vez os mais poderosos e os mais tratáveis agentes, em subserviência às grandes visões e desígnios de homens. Pareciam cinquenta mil pessoas, cujo mental e cujo corporal labor você poderia dirigir, e tantas centenas de milhares por ano de um rendimento, que não era nem preguiçoso nem supersticioso, grandes demais para suas habilidades controlarem? Não tinham vocês nenhuma maneira de usar os homens a não ser por convertendo monges em pensionistas? Não tinham vocês nenhuma maneira de tornar o rendimento em proveito, a não ser através do recurso improvidente de uma venda perdulária? Se vocês estavam assim destituídos de fundos mentais, o procedimento é em seu curso natural. Seus políticos não entendem sua ocupação; e portanto eles vendem suas ferramentas.

Mas as instituições favorecem de superstição em seu princípio mesmo; e elas nutrem-na por uma permanente e estacionária influência. Isto eu não quero disputar; mas isto não deveria impedir vocês de derivarem desde superstição ela-mesma quaisquer recursos que possam dali ser fornecidos para a vantagem pública. Vocês derivam benefícios desde muitas disposições e muitas paixões da mente humana, que são de tão duvidosa uma cor no olho moral, como superstição ela-mesma. Era seu negócio corrigir e mitigar toda coisa que fosse nociva nesta paixão, como em todas as paixões. Mas é superstição o maior de todos vícios possíveis? Em seu possível excesso eu penso que ela torna-se um muito grande mal. Ela é, contudo, um sujeito moral; e de curso admite de todos graus e todas modificações. Superstição é a religião de mentes fracas; e elas precisam ser toleradas em uma mistura dela, em alguma frívola ou alguma entusiástica forma ou outra, de outra forma você irá privar mentes

fracas de um recurso achado necessário para as mais fortes. O corpo de toda religião verdadeira consiste, para ser certo, em obediência à vontade do soberano do mundo; em uma confiança em suas declarações; e uma imitação de suas perfeições. O resto é nosso próprio. Ele pode ser prejudicial para o grande fim; ele pode ser auxiliar. Homens sábios, que como tais, não são *admiradores* (não admiradores ao menos dos *Munera Terrae*) não são violentamente atados a estas coisas, nem eles violentamente odeiam-nas. Sabedoria não é o mais severo corretor de insensatez. Elas são as insensatezes rivais, que mutualmente travam tão implacável uma guerra; e que fazem tão cruel um uso de suas vantagens, como eles podem acontecer de engajar o vulgar imoderado no um lado ou o outro em suas querelas. Prudência iria ser neutra; mas se, na contenção entre conexão afetuosa e feroz antipatia concernindo coisas em sua natureza não feitas para produzir tais calores, um homem prudente fosse obrigado a fazer uma escolha de que erros e excessos de entusiasmo ele iria condenar ou suportar, talvez ele iria pensar a superstição que constrói, de ser mais tolerável do que a que demole---a que adorna um país, do que a que o deforma---a que dota, do que a que pilha---a que dispõe a beneficência equivocada, do que a que estimule a injustiça real---a que leva um homem a recusar a si mesmo prazeres legais, do que a que arrebata de outros a subsistência escassa de sua auto-negação. Tal, eu penso, é muito proximamente o estado da questão entre os fundadores antigos de superstição monacal, e a superstição dos filósofos pretendidos da hora.

Para o presente eu procrastino toda consideração do suposto lucro público da venda, que contudo, eu concebo de ser perfeitamente delusório. Eu devo aqui considerá-la apenas como uma transferência de propriedade. Sobre a política dessa transferência eu devo perturbá-lo com com alguns pensamentos.

Em toda comunidade próspera alguma coisa mais é produzida do que vai para o suporte imediato do produtor. Este saldo forma a renda do capitalista fundiário. Ele será gasto por um proprietário que não labora. Mas esta inatividade é ela-mesma a fonte de labor; este repouso a espora para indústria. A única concernência do estado é, que o capital tomado em aluguel desde a terra, deveria ser retornado novamente à indústria de onde ele veio; e que seu gasto deveria ser com o menor detrimento possível à moral daqueles que o gastam, e àquela das pessoas para quem ele é retornado.

Em todas as visões de recibo, gasto, e emprego pessoal, um legislador sóbrio iria cuidadosamente comparar o possessor que ele foi recomendado a expelir, com o estranho que foi proposto a encher seu lugar. Antes que as inconveniências sejam incorridas que *precisam* atender todas revoluções violentas em propriedade através de confiscação extensiva, nós deveríamos ter alguma segurança racional de que os compradores da propriedade confiscada serão em um grau considerável mais laboriosos, mais virtuosos, mais sóbrios, menos dispostos a extorquir uma proporção irracional dos ganhos do laborador, ou a consumir sobre eles-mesmos uma porção maior do que é adequado para a medida de um indivíduo, ou de que eles deveriam ser qualificados a dispensar o saldo em um modo mais estável e igual, de modo a responder os propósitos de uma despesa política, do que os velhos possuidores, chame esses possuidores, bispos, ou cânons, ou abades comendatórios, ou monges, ou o que lhe aprouver. Os monges são preguiçosos. Seja assim. Suponha-os de nenhuma outra forma empregados do que por cantando em um coral. Eles são tão utilmente empregados como aqueles que nem cantam nem dizem. Tão utilmente mesmo como aqueles que cantam sobre o palco. Eles são tão utilmente empregados como se eles trabalhassem desde alvorada até escurecer nas inumeráveis ocupações servis, degradantes, inconvenientes, efeminadas, e frequentemente mais insalubres e pestíferas, a que pela economia social tantos miseráveis estão inevitavelmente condenados. Se não fosse geralmente pernicioso perturbar o curso natural de coisas, e impedir, em qualquer grau, a grande roda de circulação que é tornada pelo labor estranhamente dirigido destas pessoas infelizes, eu deveria ser infinitamente mais inclinado a forçosamente resgatá-los desde sua indústria miserável, do que violentamente perturbar o repouso tranquilo de quietude monástica. Humanidade, e talvez política, poderia melhor justificar-me no um do

que no outro. É um assunto sobre que eu tenho frequentemente refletido, e nunca refletido sem sentimento desde ele. Eu sou certo que nenhuma consideração, exceto a necessidade de submeter-se ao jugo de luxo, e o despotismo de fantasia; que em seu próprio caminho imperioso irão distribuir o produto excedente do solo, pode justificar a tolerância de tais comércios e empregos em um estado bem-regulado. Mas, para este propósito de distribuição, parece-me, que os gastos inativos de monges são inteiramente tão bem dirigidos como os gastos inativos de nós vadios (NT:lay-loiterers/vadios-de-disposição ou leigo-vadios, dúvida).

Quando as vantagens da possessão, e do projeto, estão sobre um par, não há motivo para uma mudança. Mas no caso presente, talvez eles estejam não sobre um par, e a diferença esteja em favor da possessão. Não me parece, que os gastos daqueles a quem você vai expelir, tomem, de fato, um curso tão diretamente e tão geralmente levando a viciar e degradar e tornar miserável aqueles através de quem eles passam, como os gastos daqueles favoritos que vocês estão introduzindo à força para dentro das casas deles. Por que deveria o gasto de uma grande propriedade fundiária, que é a dispersão do produto excedente do solo, parecer intolerável a você ou a mim, quando ele toma seu curso através da acumulação de bibliotecas vastas, que são a história da força e fraqueza da mente humana; através de grande couleçõeus de antigos registros, medalhas, e moedas, que atestam e explicam leis e costumes; através de pinturas e estátuas, que, por imitando natureza, parecem estender os limites de criação; através de grandes monumentos dos mortos, que continuam as considerações e conexões de vida além do túmulo; através de coleções dos espécimens de natureza, que tornam-se uma assembleia representativa de todas as classes e famílias do mundo, que por disposição facilitam, e, por excitando curiosidade, abrem as avenidas a ciência? Se, por grandes estabelecimentos permanentes, todos estes objetos de gasto forem melhor melhor segurados desde o esporte inconstante de capricho pessoal e extravagância pessoal, são eles piores do que se os mesmos gostos prevalecessem em indivíduos espalhados? Não flui o suor do pedreiro e carpinteiro, que labutam com o fim de participar o suor do camponês, tão prazerosamente e tão salubremente, na construção e reparo dos majestosos edifícios de religião, como nas cabines pintadas e pocilgas sórdidas de vício e luxo; tão honoravelmente e tão lucrativamente em reparando aqueles trabalhos sagrados, que crescem antigos (NT:hoary) com anos inumeráveis, como sobre os receptáculos momentários de voluptuosidade transiente; em casas de ópera, e bordéis, e casas de jogo, e casas de clube, e obeliscos no Champ de Mars? É o produto excedente da oliva e da vinha pior empregado no sustento frugal de pessoas, a quem as ficções de uma imaginação pia levantam para dignidade por construindo no serviço de Deus, do que em mimando a inumerável multitude daqueles que são degradados por sendo feitos domésticos inúteis subservientes ao orgulho de homem? São as decorações de templos um gasto menos valorosa de um homem sábio do que fitas, e cordões, e cocares nacionais, e pequenas maisons, e pequenos sopeiros (NT:soupers), e todas inumeráveis afetações e insensatezes em que opulência exibe afora o fardo de sua superfluidade?

Nós toleramos mesmo estes; não desde amor por eles, mas por medo de pior. Nós toleramo-los, porque propriedade e liberdade, até um grau, requerem essa tolerância. Mas por que proscrever o outro, e certamente, em todo ponto de vista, o mais louvável uso de estados? Por que, através da violação de toda propriedade, através de um ultraje sobre todo princípio de liberdade, forçosamente carregá-los desde o melhor para o pior?

Esta comparação feita entre os novos indivíduos e o velho corpo é feita sobre uma suposição de que nenhuma reforma poderia ser feita no último. Mas em uma questão de reformação, eu sempre considero corpos corporativos, seja sós ou consistindo de muitos, de ser muito mais suscetíveis de uma direção pública pelo poder do estado, no uso de sua propriedade, e na regulação de modos e hábitos de vida em seus membros, do que cidadãos privados jamais podem ser, ou talvez deveriam ser; e isto me parece uma consideração muito material para aqueles que empreendem qualquer coisa que mereça o

nome de um empreendimento político.---Tão longe como para as propriedades de monastérios.

Com referência às propriedades possuídas por bispos e cânones, e abades comendatórios, eu não posso descobrir por que razão alguns estados fundiários não podem ser tidos de outra forma do que por herança. Pode algum corruptor filosófico empreender demonstrar o positivo ou o comparativo mal, de ter uma certa, e essa também uma grande porção de propriedade fundiária, passando em sucessão através de pessoas cujo título a ela é, sempre em teoria, e frequentemente em fato, um grau eminente de piedade, moral, e aprendizado; uma propriedade que, por sua destinação, no turno deles, e por motivo de mérito, dá às famílias mais nobres renovação e suporte; às mais baixas os meios de dignidade e elevação; uma propriedade, a posse da qual é a execução de algum dever, (qualquer que seja o valor que você possa escolher colocar sobre esse dever) e o caráter de cujos proprietários demanda ao menos um decôro exterior e gravidade de maneiras; que são para exercitar uma generasa mas temperada hospitalidade; parte de cuja renda eles são para considerar como uma fiança para caridade; e que, mesmo quando eles falham em sua fiança, quando eles deslizam desde seu caráter, e degeneram em um mero homem nobre ou gentil-homem secular comum, não são em nenhum respeito piores do que aqueles que podem sucedê-los em suas possessões confiscadas? É melhor que propriedades devessem ser tidas por aquele que não têm nenhum dever do que por aqueles que têm um?---por aqueles cujo caráter e destinação apontam para virtudes, do que por aqueles que não têm nenhuma regra e direção no gasto de suas propriedades a não ser sua própria vontade e apetite? Nem são estas propriedades tidas totalmente no caráter ou com os males supostos inerentes em mão morta. Elas passam de mão para mão com uma circulação mais rápida do que qualquer outra. Nenhum excesso é bom; e portanto grande demais uma proporção de propriedade fundiária pode ser mantida oficialmente por toda a vida; mas não me parece de injúria material a qualquer nação, que devessem existir algumas propriedades que têm uma chance de ser adquiridas por outros meios que não a aquisição prévia de dinheiro.

Esta carta está crescida a uma grande extensão, embora ela esteja de fato curta com referência à extensão infinita do tema. Várias diversões têm de tempo para tempo chamado minha mente desde o tema. Eu não estive triste de me dar lazer para observar se, nos procedimentos da assembleia nacional, eu não poderia achar razões para mudar ou para qualificar alguns de meus primeiros sentimentos. Toda coisa tem me confirmado mais fortemente em minhas primeiras opiniões. Foi meu propósito original tomar uma visão dos princípios da assembleia nacional com referência aos grandes e fundamentais estabelecimentos; e comparar o todo do que vocês substituíram no lugar do que vocês destruíram, com os vários membros de nossa constituição Britânica. Mas este plano é de maior extensão do que primeiramente eu computei, e eu acho que vocês têm pouco desejo de tomar a vantagem de quaisquer exemplos. Em presente eu preciso contentar-me com alguns comentários sobre seus estabelecimentos; reservando para outro tempo o que eu propus dizer concernindo o espírito de nossa monarquia, aristocracia, e democracia Britânicas, como praticamente elas existem.

Eu tomei uma revisão do que foi feito pelo poder governante em França. Eu certamente falei dele com liberdade. Aqueles cujo princípio é desprezar o antigo senso permanente de humanidade, e montar um esquema de sociedade sobre novos princípios, precisam naturalmente esperar que tais de nós que pensamos melhor do julgamento da raça humana do que do deles, deveriam considerar ambos eles e seus dispositivos, como homens e esquemas sobre seu julgamento. Eles precisam tomá-lo por garantido que nós atendemos muito a sua razão, mas não absolutamente a sua autoridade. Eles não têm um dos grandes prejuízos influenciadores de humanidade em seu favor. Eles admitem sua hostilidade a opinião. De curso eles precisam não esperar nenhum suporte desde essa influência, que, com toda outra autoridade, eles depuseram desde o local de sua jurisdição.

Eu não posso nunca considerar esta assembleia como qualquer coisa outra do que uma associação

voluntária de homens, que se aproveitaram de circunstâncias, para tomar o poder do estado. Eles não têm a sanção e autoridade do caráter sob que eles primeiro se encontraram. Eles assumiram outro de uma muito diferente natureza; e completamente alteraram e inverteram todas as relações em que eles originalmente estavam. Eles não mantêm a autoridade que eles exercitam sob qualquer lei constitucional do estado. Eles desviaram-se desde as instruções do povo por quem eles foram enviados; as quais instruções, como a assembleia não agiu em virtude de qualquer uso antigo ou lei estabelecida, eram a única fonte de sua autoridade. O mais considerável de seus atos não foi feito por grandes maiorias; e neste tipo de divisões aproximadas, que carregam apenas a autoridade construtiva do todo, estranhos irão considerar razões tão bem como resoluções.

Se eles tivessem montado este novo governo experimental como um substituto necessário para uma tirania expelida, humanidade iria antecipar o tempo de prescrição, que, através de longo uso, amadurece em legalidade governos que eram violentos em seu começo. Todos os que têm afeições que os levam à conservação de ordem civil iriam reconhecer, mesmo em seu berço, a criança como legítima, que foi produzida desde aqueles princípios de conveniência convincente a que todos governos justos devem seu nascimento, e sobre que eles justificam sua continuação. Mas eles serão tardios e relutantes em dar qualquer tipo de apoio às operações de um poder, que não derivou seu nascimento desde nenhuma lei e nenhuma necessidade; mas que pelo contrário teve sua origem naqueles vícios e práticas sinistras pelas quais a união social é frequentemente perturbada e algumas vezes destruída. Esta assembleia tem dificilmente a prescrição de um ano. Nós temos a própria palavra deles por isto de que eles fizeram uma revolução. Fazer uma revolução é uma medida que, *prima fronte*, requer uma apologia. Fazer uma revolução é subverter o estado antigo de nosso país; e nenhumas razões comuns são chamadas a justificar tão violento um procedimento. O senso de humanidade nos autoriza a examinar dentro do modo de adquirir novo poder, e criticar sobre o uso que é feito dele com menos admiração e reverência do que a que é usualmente concedida a uma autoridade estabelecida e reconhecida.

Em obtendo e assegurando seu poder, a assembleia procede sobre principios os mais opostos daqueles que parecem dirigi-los no uso dele. Uma observação sobre esta diferença irá nos permitir dentro do verdadeiro espírito da conduta deles. Toda coisa que eles fizeram, ou continuam a fazer, com o fim de obter e manter seu poder, é pelas artes mais comuns. Eles procedem exatamente como seus ancestrais de ambição fizeram antes deles. Trace-os através de todos seus artifícios, fraudes, e violências, você não pode achar nada absolutamente que seja novo. Eles seguem precedentes e exemplos com a exatidão pontilhosa de um alegante. Eles nunca divergem um jota das fórmulas autênticas de tirania e usurpação. Mas em todas as regulações relativas ao bem público, o espírito foi o reverso mesmo disto. Lá eles cometem o todo à misericórdia de especulações não-testadas; eles abandonam os interesses mais caros do público a essas teorias frouxas, a que nenhum deles iria escolher confiar a mais insignificante de suas concernências privadas. Eles fazem esta diferença, porque em seu desejo de obter e assegurar poder eles estão completamente em seriedade; lá eles viajam na rua batida. Os interesse públicos, porque sobre eles eles não têm nenhuma solicitude real, eles abandonam totalmente a chance; eu digo a chance, porque seus esquemas não têm nada em experiência para provar benéfica sua tendência.

Nós precisamos sempre ver com uma pena não sem mistura com respeito, os erros daqueles que são tímidos e duvidosos de si mesmos com referência a pontos em que a felicidade de humanidade é concernida. Mas nestes gentis-homens não há nada da tenra solicitude parental que teme cortar em pedaços o infante pelo bem de um experimento. Na vastidão de suas promessas, e a confiança de suas predições, eles excedem de longe toda a gabação de empíricos. A arrogância de suas pretensões, em uma maneira provoca, e desafia-nos a um inquirimento dentro de sua fundação.

Eu estou convencido de que há homens de partes consideráveis dentre os líderes populares na assembleia nacional. Alguns deles exibem eloquência em seus discursos e seus escritos. Isto não pode ser sem poderosos e cultivados talentos. Mas eloquência pode existir sem um grau proporcionável de sabedoria. Quando eu falo de habilidade, eu sou obrigado a distinguir. O que eles fizeram no sentido do suporte de seu sistema não indica nenhuns homens ordinários. No sistema ele-mesmo, tomado como o esquema de uma república construída para procurar a prosperidade e segurança do cidadão, e para promover a força e grandeza do estado, eu confesso-me incapaz de descobrir qualquer coisa que exiba, em uma única instância, o trabalho de uma mente compreensiva e disponente, ou mesmo as provisões de uma prudência vulgar. A proposta deles em todo lugar parece ter sido evadir e deslizar para um lado desde *dificuldade*. Isto tem sido a glória dos grandes mestres em todas as artes confrontar, e sobrepujar; e quando eles tinham sobrepujado a primeira dificuldade, torná-la em um instrumento para novas conquistas sobre novas dificuldades; para assim permití-los estender o império de sua ciência; e mesmo empurrar adiante além do alcance de seus pensamentos originais, os marcos de terra de entendimento humano ele-mesmo. Dificuldade é um instrutor severo, colocado sobre nós pela ordenança suprema de um guardião e legislador parental, que nos conhece melhor do que nós nos conhecemos, como ele nos ama melhor também. *Pater ipse colendi haud facilem esse viam voluit.* Ele que combate conosco fortalece nossos nervos, e afia nossa habilidade. Nosso antagonista é nosso ajudante. Este conflito amigável com dificuldade obriga-nos a um conhecimento íntimo com nosso objeto, e compele-nos a considerá-lo em todas suas relações. Ele não irá suportar-nos de sermos superficiais. É a falta de nervos de entendimento para uma tal conversa; é a afeição degenerada por atalhos trapaceiros, e pequenas facilidades falaciosas, que tem em tantas partes do mundo criado governos com poderes arbitrários. Eles criaram a tardia monarquia arbitrária de França. Eles criaram a república arbitrária de Paris. Com eles defeitos em sabedoria são para ser supridos pela plenitude de força. Eles não conseguem nada por ela. Começando seus labores sobre um principio de preguiça, eles têm a fortuna comum de homens preguiçosos. As dificuldades que eles preferivelmente eludiram do que escaparam, encontram-nos novamente em seu curso; elas multiplicam-se e engrossam sobre eles; eles são envolvidos, através de um labirinto de detalhe confundido, em uma indústria sem limite, e sem direção; e, em conclusão, o todo de seu trabalho torna-se fraco, vicioso, e inseguro.

É esta inabilidade para combater com dificuldade que obrigou a assembleia arbitrária de França a começar seus esquemas de reforma com abolição e destruição total *. (* Um membro liderante da assembleia, M. Rabaud de St. Etienne, expressou o princípio de todos procedimentos deles tão claramente como possível. Nada pode ser mais simples:---"*Tous les établissemens en France couronnent le malheur du peuple : pour le rendre heureux il faut le renouveler ; changer ses idées; changer ses loix ; changer ses moeurs; . . . . . changer les hommes; changer les choses; changer les mots . . . . . tout détruire; oui, tout détruire; puisque tout est à recréer.*" Este gentil-homem foi escolhido presidente em uma assembleia não situada no *Quinze vingt*, ou as *Petites Maisons*; e composta de pessoas divulgando-se de ser seres racionais; mas nem as ideias dele, linguagem, ou conduta, diferem no menor grau dos discursos, opiniões, e ações daqueles dentro e fora da assembleia, que dirigem as operações da máquina agora em trabalho em França.) Mas é em destruindo e puxando abaixo que habilidade é exibida? Sua turba pode fazer isto tão bem ao menos quanto suas assembleias. O mais raso entendimento, a mais rude mão, é mais do que igual para essa tarefa. Fúria e frenesi irão puxar abaixo mais em meia-hora, do que prudência, deliberação, e presciência podem construir acima em cem anos. Os erros e defeitos de estabelecimentos velhos são visíveis e palpáveis. Chama por pouca habilidade apontá-los; e onde poder absoluto é dado, ele não requer a não ser uma palavra para abolir totalmente o vício e o estabelecimento junto. A mesma preguiçosa mas irrequieta disposição, que ama preguiça e odeia quietude, dirige estes políticos, quando eles vêm para trabalhar, para suprir o lugar do que eles destruiram. Fazer toda coisa o reverso do que eles viram é inteiramente tão fácil como destruir. Nenhumas dificuldades ocorrem no que nunca foi tentado. Criticismo é quase desconcertado em

descobrir os defeitos do que não existiu; e entusiasmo ávido, e esperança trapaceante, têm todos o largo campo de imaginação em que eles podem discorrer com pouca ou nenhuma oposição.

De uma vez preservar e reformar é inteiramente outra coisa. Quando as partes utéis de um estabelecimento velho são mantidas, e o que é superadicionado é para ser ajustado ao que é retido, uma mente vigorosa, atenção perseverante estável, vários poderes de comparação e combinação, e os recursos de um entendimento frutífero em expedientes são para ser exercitados; eles são para ser exercitados em um conflito continuado com a força combinada de vícios opostos; com a obstinação que rejeita toda melhoria, e a veleidade que é fatigada e desgostada com toda coisa de que ela está em possessão. Mas você pode objetar---"Um processo deste tipo é lento. Ele não é adequado para uma assembleia, que se vangloria em realizar em uns poucos meses o trabalho de eras. Um tal modo de reformação, poderia possivelmente tomar muitos anos." Sem dúvida ele poderia; e ele deveria. É uma das excelências de um método no qual tempo está entre os assistentes, que sua operação seja lenta, e em alguns casos quase imperceptível. Se circunspecção e cautela são uma parte de sabedoria, quando nós trabalhamos somente sobre matéria inanimada, certamente elas tornam-se uma parte de dever também, quando o sujeito de nossa demolição e construção não é tijolo e madeira, mas seres sencientes, pela súbita alteração de cujo estado, condição, e hábitos, multitudes podem ser tornadas miseráveis. Mas parece como se fosse a opinião prevalente em Paris, que um coração insensível, e uma confiança não-duvidante, sejam as qualificações sós para um legislador perfeito. Muito diferentes são minhas idéias desse ofício alto. O legislador verdadeiro deveria ter um coração cheio de sensibilidade. Ele deveria amar e respeitar seu tipo, e temer-se a si mesmo. Pode ser permitido a seu temperamento apanhar seu objeto último com um vislumbre intuitivo; mas seus movimentos no sentido dele deveriam ser deliberados. Arranjo político, como ele é um trabalho para fins sociais, é para ser somente trabalhado por meios sociais. Lá mente precisa conspirar com mente. Tempo é requirido para produzir essa união de mentes que só ela pode produzir todo o bem a que nós miramos. Nossa paciência irá conseguir mais que nossa força. Se eu pudesse aventurar-me a apelar ao que está tão muito fora de moda em Paris, eu digo a experiência, eu deveria dizê-los, que em meu curso eu conheci, e, de acordo com minha medida, cooperei com grandes homens; e eu nunca ainda vi qualquer plano que não tenha sido emendado pelas observações daqueles que eram muito inferiores em entendimento à pessoa que tomou a liderança no negócio. Por um lento mas bem-sustentado progresso, o efeito de cada passo é vigiado; o bom ou doente sucesso do primeiro, dá-nos luz no segundo; e assim, de luz para luz, nós somos conduzidos com segurança através da série toda. Nós vemos, que as partes do sistema não colidem. Provê-se para os males latentes nas maquinações mais promissoras à medida que eles surgem. Uma vantagem é tão pouco como possível sacrificada a outra. Nós compensamos, nós reconciliamos, nós balanceamos. Nós somos permitidos de unir em um todo consistente as várias anomalias e princípios contendentes que se encontram nas mentes e assuntos de homens. Desde este lugar surge, não uma excelência em simplicidade, mas uma muito superior, uma excelência em composição. Onde os grandes interesses de humanidade são concernidos através de uma longa sucessão de gerações, essa sucessão deveria ser admitida em certa parte nos concelhos que são tão profundamente para afetá-los. Se justiça requer isto, o trabalho ele mesmo requer a ajuda de mais mentes do que uma era pode fornecer. É desde esta vista de coisas que os melhores legisladores foram frequentemente satisfeitos com o estabelecimento de algum certo, sólido e regente princípio em governo; um poder como esse que alguns dos filósofos chamaram uma natureza plástica; e tendo fixado o princípio, eles deixaram-no depois a sua própria operação.

Proceder nesta maneira, isto é, proceder com um princípio presidente, e uma energia prolífica, é comigo o critério de sabedoria profunda. O que seus políticos pensam as marcas de um corajoso, valente gênio, são apenas provas de uma deplorável falta de habilidade. Por sua pressa violenta, e seu desafio do processo de natureza, eles são entregues cegamente a todo projetor e aventureiro, a todo

alquimista e empírico. Eles desesperam-se de tornar a conta qualquer coisa que é comum. Dieta não é nada em seu sistema de remédio. O pior disto é, que este seu desespero de curar destemperos comuns por métodos regulares, surge não apenas desde defeito de compreensão, mas, eu temo, desde alguma malignidade de disposição. Seus legisladores parecem ter tomado suas opiniões de todas profissões, postos, e ofícios, desde as declamações e bufonarias de satiristas; que iriam eles mesmos ser espantados se eles fossem mantidos firmes na letra de suas próprias descrições. Por ouvindo somente a estes, seus líderes consideram todas coisas apenas no lado de seus vícios e faltas, e vêem esses vícios e faltas sob toda cor de exageração. É indubitavelmente verdadeiro, embora possa parecer paradoxal; mas em geral, aqueles que são habitualmente empregados em achar e exibir faltas, são desqualificados para o trabalho de reformação: porque suas mentes não são apenas não-fornecidas com padrões do justo e bom, mas por hábito eles vêm a não tomar nenhum deleite na contemplação dessas coisas. Por odiando vícios demais, eles vêm a amar homens pouco demais. Não é portanto assombroso, que eles devessem ser indispostos e incapazes para serví-los. Desde este lugar surge a disposição complexional de alguns de seus guias de puxar toda coisa em pedaços. Nesse jogo malicioso eles exibem o todo de sua atividade *quadrúmana*. Quanto ao resto, os paradoxos de escritores eloquentes, trazidos adiante puramente como um esporte de fantasia, para testar seus talentos, para chamar atenção, e excitar surpresa, são erguidos por estes gentis-homens, não no espírito dos autores originais, como meios de cultivar seu gosto e melhorar seu estilo. Estes paradoxos tornam-se com eles fundamentos sérios de ação, sobre que eles procedem em regular as concernências mais importantes do estado. Cicero ludicramente descreve Cato como empenhando-se em agir na nação sobre os paradoxos de escola que exercitavam as faculdades mentais dos estudantes juniores na filosofia estóica. Se isto foi verdade de Cato, estes gentis-homens copiam depois dele na maneira de algumas pessoas que viveram por volta de seu tempo---*pede nudo Catonem*. Mr. Hume disse-me, que ele teve de Rousseau ele mesmo o segredo de seus princípios de composição. Esse agudo, embora excêntrico, observador tinha percebido, que para golpear e interessar o público, o maravilhoso precisa ser produzido; que o maravilhoso da mitologia pagã tinha longo tempo desde então perdido seu efeito; que gigantes, mágicos, fadas, e heróis de romance que sucediam, tinham exaurido a porção de credulidade que pertencera a sua era; que agora nada restava a um escritor a não ser essa espécie do maravilhoso, que poderia ainda ser produzida, e com tão grande um efeito como sempre, embora em outro jeito; isto é, o maravilhoso em vida, em maneiras, em caráteres, e em situações extraordinárias, dando surgimento a novos e inesperados golpes em política e moral. Eu acredito, que fosse Rousseau vivo, e em um de seus intervalos lúcidos, ele estaria chocado frente ao frenesi prático de seus letrados, que em seus paradoxos são imitadores servis; e mesmo em sua incredulidade descobrem uma fé implícita.

Homens que empreendem coisas consideráveis, mesmo em um jeito regular, deveriam dar-nos fundamento para presumir habilidade. Mas o médico do estado, que, não satisfeito com a cura de destemperos, empreende regenerar constituições, deveria mostrar poderes incomuns. Algumas muito incomuns aparências de sabedoria deveriam exibir-se a si mesmas sobre a face dos desígnios daqueles que apelam a nenhuma prática, e que copiam à maneira de nenhum modelo. Foi qualquer tal manifestada? Eu devo tomar uma visão (ela deve para o tema ser uma muito curta) do que a assembleia fez, com referência, primeiro, à constituição da legislatura; no próximo lugar, àquela do poder executivo; então àquela da judicatura; depois ao modelo do exército; e concluir com o sistema de finança, para ver se nós podemos descobrir em qualquer parte de seus esquemas a habilidade portentosa, que pode justificar estes destemidos empreendedores na superioridade que eles assumem sobre humanidade.

É no modelo da parte soberana e presidente desta nova república, que nós deveríamos esperar a grande exibição deles. Aqui eles eram para provar seu título a suas orgulhosas demandas. Para o plano ele mesmo em geral, e para as razões sobre que ele é fundado, eu refiro aos jornais da assembleia do 29.o

de Setembro 1789, e aos subsequentes procedimentos que fizeram quaisquer alterações no plano. Tão longe como em uma matéria algo confusa eu posso ver luz, o sistema permanece substancialmente como ele foi originalmente emoldurado. Meus poucos comentários serão tais como referenciam seu espírito, sua tendência, e sua adequação para estruturar uma nação popular, que eles professam a deles de ser, condizente para os fins para que qualquer nação, e particularmente uma tal nação, é feita. Ao mesmo tempo, eu pretendo considerar sua consistência consigo mesma, e seus próprios princípios.

Estabelecimentos velhos são testados por seus efeitos. Se o povo estão felizes, unidos, ricos e poderosos, nós presumimos o resto. Nós concluimos aquilo de ser bem de onde bem é derivado. Em estabelecimentos velhos vários corretivos foram achados para suas aberrações desde teoria. De fato eles são os resultados de várias necessidades e conveniências. Eles não são frequentemente construídos à maneira de qualquer teoria; teorias são preferivelmente extraídas deles. Neles nós frequentemente vemos o fim melhor obtido, onde os meios parecem não perfeitamente reconciliáveis ao que nós podemos fantasiar que era o esquema original. Os meios ensinados por experiência podem ser melhor adequados para fins políticos do que aqueles maquinados no projeto original. Eles novamente re-atuam sobre a constituição primitiva, e algumas vezes melhoram o desígnio ele mesmo desde que eles parecem ter partido. Eu penso que tudo isto poderia ser curiosamente exemplificado na constituição Britânica. Na pior das hipóteses, os erros e desvios de todo tipo em computação são achados e computados, e o navio procede em seu curso. Este é o caso de velhos estabelecimentos; mas em um novo e meramente teorético sistema, é esperado que toda maquinação deve aparecer, sobre a face dele, para responder seu fim; especialmente onde os projetores não são de nenhuma maneira embaraçados com um empenho para acomodar o novo edifício a um velho, seja nas paredes ou nas fundações.

Os construtores Franceses, removendo de vista como mero lixo o que quer que eles encontraram, e, como seus jardineiros ornamentais, formando toda coisa em um nível exato, propõem repousar toda a legislatura local e geral sobre três bases de três tipos diferentes; uma geométrica, uma aritmética e a terceira financeira; a primeira de que eles chamam a *base de território*; a segunda, a *base de população*; e a terceira, a *base de contribuição*. Para a execução do primeiro destes propósitos eles dividem a área de seu país em oitenta-e-três pedaços, regularmente quadrados, de dezoito léguas por dezoito. Estas grandes divisões são chamadas *Departamentos*. Estas eles partilham, procedendo por medição quadrada, em dezessete centenas e vinte distritos chamados *Comunas*. Estas novamente eles subdividem, ainda procedendo por medição quadrada, em distritos menores chamados *Cantões*, fazendo em todo 6,400.

A primeira vista esta base geométrica deles não apresenta muito para admirar ou para censurar. Ela não chama por nenhuns grandes talentos legislativos. Nada mais do que um topógrafo de terra acurado, com sua corrente, visão, e teodolito, é requisito para um tal plano como este. Nas velhas divisões do país vários acidentes em vários tempos, e o fluxo e refluxo de várias propriedades e jurisdições, estabeleceram suas fronteiras. Essas fronteiras não eram feitas sobre qualquer sistema fixo indubitavelmente. Elas estavam sujeitas to algumas inconveniências; mas elas eram inconveniências para as quais uso tinha encontrado remédios, e hábito tinha suprido acomodação e paciência. Neste novo pavimento de quadrado dentro de quadrado, e esta organização e semiorganização feita sobre o sistema de Empedocles e Buffon, e não sobre qualquer princípio político, é impossível que inumeráveis inconveniências locais, às quais homens não estão habituados, não precisem surgir. Mas destas eu passo ao largo, porque requer um conhecimento acurado do país, que eu não possuo, para especificá-las.

Quando estes topógrafos de estado vieram a tomar uma vista de seu trabalho de medição, eles logo acharam, que em política, a mais falaciosa de todas coisas era demonstração geométrica. Eles tiveram

então recurso a outra base (ou melhor escora) para suportar o edifício que vacilava sobre essa fundação falsa. Era evidente, que a bondade do solo, o número do povo, sua riqueza, e a grandeza de sua contribuição, faziam tais variações infinitas entre quadrado e quadrado como a tornar mensuração um estandarte ridículo de poder na nação, e igualdade em geometria a mais desigual de todas medidas na distribuição de homens. Contudo, eles não puderam abandoná-lo. Mas dividindo sua representação política e civil em três partes, eles alotaram uma dessas partes à medição quadrada, sem um único fato ou calculação para verificar se essa proporção territorial de representação era regularmente apontada, e deveria sobre qualquer princípio realmente ser um terço. Tendo contudo dado a geometria esta porção (de um terço para o dote dela) por cumprimento eu suponho a essa ciência sublime, eles deixaram as outras duas para ser objeto de luta renhida entre as outras partes, população e contribuição.

Quando eles vieram a prover para população, eles não foram capazes de proceder inteiramente tão suavemente como eles tinham feito no campo de sua geometria. Aqui sua aritmética veio a carregar sobre sua metafísica jurídica. Tivessem eles mantido seus princípios metafísicos, o processo aritmético seria simples de fato. Homens, com eles, são estritamente iguais, e são intitulados a direitos iguais em seu próprio governo. Cada cabeça, neste sistema, iria ter seu voto, e todo homem iria votar diretamente para a pessoa que era para representá-lo na legislatura. "Mas suavemente---por degraus regulares, ainda não." Este princípio metafísico, a que lei, costume, uso, política, razão, eram para render-se, é para render-se ele mesmo ao prazer deles. Precisam existir muitos degraus, e alguns estágios, antes que o representativo possa vir em contato com seu constituinte. De fato, como nós devemos logo ver, estas duas pessoas são para não ter nenhum tipo de comunhão uma com a outra. Primeiro, os votantes no *Cantão*, que compõem o que eles chamam *assembleias primárias*, são para ter uma qualificação. O quê! uma qualificação sobre os direitos irrevogáveis de homens? Sim; mas ela deve ser uma qualificação muito pequena. Nossa injustiça deve ser muito pouco opressiva; apenas a avaliação local de três dias de labor paga ao público. Por que, isto não é muito, eu prontamente admito, para qualquer coisa a não ser a subversão total do princípio equalizador de vocês. Como uma qualificação ela poderia tão bem ser deixada sozinha; pois ela não responde a nenhum propósito para que qualificações são estabelecidas: e, sobre as ideias de vocês, ela exclui de um voto, o homem de todos outros cuja igualdade natural fica o mais (NT:stands the most) na necessidade de proteção e defesa; eu digo o homem que não tem nada mais a não ser sua igualdade natural para guardá-lo. Você ordena-o a comprar o direito, que você antes disse que natureza tinha dado a ele gratuitamente em seu nascimento, e de que nenhuma autoridade sobre terra poderia legalmente privá-lo. Com referência à pessoa que não pode chegar ao mercado de vocês, uma aristocracia tirana, como contra ele (NT:ela, pessoa), é estabelecida no princípio mesmo, por vocês que fingem ser inimigo jurado dela.

A gradação procede. Estas assembleias primárias do *Cantão* elegem deputados para a *Comuna*; um para todas duas centenas de habitantes qualificados. Aqui está o primeiro meio posto entre o eleitor primário e o legislador representativo; e aqui uma nova barreira de pedágio é fixada para taxar os direitos de homens com uma segunda qualificação: pois ninguém pode ser eleito dentro da *Comuna* que não paga o montante de dez dias de labor. Nem temos nós ainda o feito. Ainda há para existir uma outra gradação *. (* A assembleia, em executando o plano de seus comitês, fizeram algumas alterações. Eles cancelaram um estágio nessas gradações; isto remove uma parte da objeção : mas a objeção principal, nomeadamente, que em seu esquema o primeiro votante constituinte não tem nenhuma conexão com o legislador representativo, permanece em toda sua força. Existem outras alterações, algumas possivelmente para o melhor, algumas certamente para o pior; mas para o autor o mérito ou demérito dessas alterações menores parecem não ser de nenhum momento, onde o esquema ele-mesmo é fundamentalmente vicioso e absurdo.) Estas *Comunas*, escolhidas pelo *Cantão*, escolhem para o *Departamento*; e os deputados do *Departamento* escolhem seus deputados para a *Assembleia Nacional*. Aqui existe uma terceira barreira de uma qualificação insensata. Todo deputado para a assembleia

nacional precisa pagar, em contribuição direta, para o valor de um *marco de prata*. De todas estas barreiras qualificadoras nós precisamos pensar semelhantemente; que elas são impotentes para assegurar independência; fortes apenas para destruir os direitos de homens.

Em todo este processo, que em seus elementos fundamentais afeta considerar apenas *população* sobre um princípio de direito natural, existe uma atenção manifesta a *propriedade*; que, não importando quão justa e razoável sobre outros esquemas, é sobre o deles perfeitamente insuportável.

Quando eles vêm a sua terceira base, a de *Contribuição*, nós vemos que eles têm mais completamente perdido vista dos direitos de homens. Esta última base repousa *inteiramente* sobre propriedade. Um princípio totalmente diferente da igualdade de homens, e totalmente irreconciliável a ela, é assim admitido; mas nada antes é este princípio admitido, do que (como usual) ele é subvertido; e ele não é subvertido, (como nós devemos presentemente ver,) para aproximar a desigualdade dos ricos ao nível de natureza. A porção adicional na terceira porção de representação, (uma porção reservada exclusivamente para a contribuição mais alta,) é feita considerar o *distrito* apenas, e não os indivíduos nele que pagam. É fácil perceber, pelo curso dos raciocínios deles, quanto eles foram embaraçados por suas ideias contraditórias dos direitos de homens e os privilégios dos ricos. O comitê de constituição fazem tão bem como admitir que eles são totalmente irreconciliáveis. "A relação, com referência às contribuições, é sem dúvida *nula* (dizem eles) quando a questão está sobre a balança dos direitos políticos como entre indivíduo e indivíduo; sem o que *igualdade pessoal iria ser destruída*, e *uma aristocracia dos ricos* iria ser estabelecida. Mas esta inconveniência desaparece inteiramente quando a relação proporcional da contribuição é apenas considerada nas *grandes massas*, e está unicamente entre província e província; ela serve nesse caso apenas para formar uma proporção recíproca justa entre as cidades, sem afetar os direitos pessoais dos cidadãos."

Aqui o princípio de *contribuição*, como tomado entre homem e homem, é reprovado como *nulo*, e destrutivo a igualdade; e como pernicioso também; porque ele leva ao estabelecimento de uma *aristocracia dos ricos*. Contudo, ele precisa não ser abandonado. E o jeito de livrar-se da dificuldade é estabelecer a desigualdade como entre departamento e departamento, deixando todos os indivíduos em cada departamento sobre um par exato. Observe, que esta paridade entre indivíduos tinha sido antes destruída quando as qualificações dentro dos departamentos foram estabelecidas; nem parece uma matéria de grande importância se a igualdade de homens seja injuriada por massas ou individualmente. Um indivíduo não é da mesma importância em uma massa representada por uns poucos, como em uma massa representada por muitos. Seria muito demais dizer a um homem cioso de sua igualdade, que o eleitor tem a mesma franquia o que vota para três membros como ele que vota para dez.

Agora tome-o no outro ponto de vista, e deixe-nos supor o princípio deles de representação de acordo com contribuição, isto é de acordo com riqueza, de ser bem imaginado, e de ser uma base necessária para a república deles. Nesta sua terceira base eles assumem, que riquezas deveriam ser respeitadas, e que justiça e política requerem que elas deveriam intitular homens, em algum modo ou outro, a uma porção maior na administração de assuntos públicos; está agora para ser visto, como a assembleia provê para a preeminência, ou mesmo para a segurança dos ricos, por conferindo, em virtude de sua opulência, essa medida maior de poder a seu distrito que é negada a eles pessoalmente. Eu prontamente admito (de fato eu deveria deitá-lo abaixo (NT:lay it down/declará-lo, afirmá-lo, deitá-lo abaixo) como um princípio fundamental) que em um governo republicano, que tem uma base democrática, os ricos requerem uma segurança adicional acima do que é necessário a eles em monarquias. Eles estão sujeitos a inveja, e através de inveja a opressão. Sobre o esquema presente, é impossível conjeturar que vantagem eles derivam da preferência aristocrática sobre que a representação desigual das massas é fundada. Os ricos não podem senti-lo, seja como um suporte para dignidade, ou uma segurança para

fortuna; pois a massa aristocrática é gerada desde princípios puramente democráticos; e a prevalência dada a ela na representação geral não tem nenhum tipo de referência a ou conexão com as pessoas, sobre conta de cuja propriedade esta superioridade da massa é estabelecida. Se os maquinadores deste esquema pretendiam qualquer tipo de favor aos ricos em consequência de sua contribuição, eles deveriam ter conferido o privilégio ou sobre os ricos individuais, ou sobre alguma classe formada de pessoas ricas (como historiadores representam Servius Tullius de ter feito na constituição primitiva de Roma); porque a competição entre os ricos e os pobres não é um combate entre corporação e corporação, mas uma competição entre homens e homens; uma competição não entre distritos mas entre descrições. Iria responder seu propósito melhor se o esquema fosse invertido; que os votos das massas fossem tornados iguais; e que os votos dentro de cada massa fossem proporcionados a propriedade.

Deixe-nos supor um homem em um distrito (é uma suposição fácil) de contribuir tanto quanto uma centena de seus vizinhos. Contra estes ele não tem senão um voto. Se houvesse mas um representativo para a massa, seus vizinhos pobres iriam vencê-lo por votos por uma centena para um para esse representativo único. Mau o suficiente. Mas emendas são para ser feitas a ele. Como? O distrito, em virtude de sua riqueza, é para escolher, diga, dez membros em vez de um; isso é dizer, por pagando uma muito grande contribuição ele tem a felicidade de ser vencido por votos, uma centena para um, pelos pobres para dez representativos, em vez de ser vencido por votos exatamente na mesma proporção para um membro único. Em verdade, em vez de beneficiar-se por esta quantidade superior de representação, o homem rico é sujeito a uma dureza adicional. O aumento de representação dentro de sua província estabelece nove pessoas mais, e tantos mais do que nove como podem existir candidatos democráticos, para cabalar e intrigar, e para lisonjear o povo a suas custas e para sua opressão. Um interesse é por esse meio oferecido para multitudes to tipo inferior, em obtendo um salário de dezoito libras ao dia (para eles um objeto vasto) além do prazer de uma residência em Paris e sua porção no governo do reino. Quanto mais os objetos de ambição são multiplicados e tornam-se democráticos, justo nessa proporção os ricos são postos em perigo.

Assim precisa acontecer entre os pobres e os ricos na província julgada aristocrática, que em sua relação interna é o muito reverso desse caráter. Em sua relação externa, isso é, sua relação às outras províncias, eu não posso ver como a representação desigual, que é dada a massas por conta de riqueza, torna-se o meio de preservar o equilíbrio e a tranquilidade da nação. Pois se ela seja um dos objetos a assegurar os fracos de ser esmagados pelos fortes (como em toda sociedade ela indubitavelmente é) como são os menores e mais pobres destas massas para ser salvos da tirania dos mais ricos? É por adicionando aos ricos ulteriores e mais sistemáticos meios de oprimí-los. Quando nós vimos a uma balança de representação entre corpos corporativos, interesses provinciais, emulações, e inveja são completamente tão prováveis de surgir entre eles quanto entre indivíduos; e suas divisões são prováveis de produzir um espírito muito mais quente de dissenção, e alguma coisa levando muito mais proximamente a uma guerra.

Eu vejo que essas massas aristocráticas são feitas sobre o que é chamado o princípio de contribuição direta. Nada pode ser um padrão mais desigual do que este. A contribuição indireta, a que surge desde deveres sobre consumo, é em verdade um padrão melhor, e segue e descobre riqueza mais naturalmente do que este de contribuição direta. É difícil de fato fixar um padrão de preferência local por conta do um, ou do outro, ou de ambos, porque algumas províncias podem pagar o mais de um dos dois ou de ambos, por conta de causas não intrínsecas, mas originando daqueles distritos mesmos sobre quem elas obtiveram uma preferência em consequência de sua contribuição ostensiva. Se as massas fossem corpos soberanos independentes, que fossem para prover para um tesouro federativo por contingentes distintos, e que a renda não tivesse (como ela tem) muitas imposições correndo através do todo, que

afetam homens individualmente, e não corporativamente, e que, por sua natureza, confundem todos limites territoriais, alguma coisa poderia ser dita pela base de contribuição como fundada em massas. Mas de todas coisas, esta representação, para ser medida por contribuição, é a mais difícil de assentar sobre princípios de equidade em um país, que considera seus distritos como membros de um todo. Pois uma grande cidade, tal como Bourdeaux ou Paris, parece pagar um corpo vasto de deveres, quase fora de toda proporção designável a outros lugares, e sua massa é considerada de acordo. Mas são estas cidades os verdadeiros contribuidores nessa proporção? Não. Os consumidores das mercadorias importadas para dentro de Bourdeaux, que são espalhados através de toda França, pagam os deveres de importação de Bourdeaux. O produto da vindima em Guienne e Languedoc dão a essa cidade os meios de sua contribuição crescendo de um comércio de exportação. Os detentores de terras que gastam seus estados em Paris, e são com isso os criadores dessa cidade, contribuem para Paris desde as províncias das quais seus rendimentos surgem. Muito proximamente os mesmos argumentos irão aplicar-se à porção representativa dada por conta de uma contribuição *direta*: porque a contribuição direta precisa ser tributada (NT:assessed, avaliada para taxação) sobre riqueza real ou presumida; e essa riqueza local irá ela mesma surgir desde causas não locais, e que portanto em equidade não deveriam produzir uma preferência local.

É muito notável, que neste regulamento fundamental, que estabelece a representação da massa sobre a contribuição direta, eles ainda não estabeleceram como a contribuição direta deve ser colocada, e como partilhada. Talvez haja alguma política latente no sentido da continuação da assembleia presente nesse estranho procedimento. Contudo, até que eles façam isto, eles não podem ter nenhuma constituição certa. Ela precisa depender finalmente sobre o sistema de taxação, e precisa variar com toda variação nesse sistema. Como eles maquinaram as matérias, sua taxação não depende tanto de sua constituição, como sua constituição de sua taxação. Isto precisa introduzir grande confusão dentre as massas; e a qualificação variável para votos dentro do distrito precisa, se alguma vez eleições contestadas reais tomem lugar, causar infinitas controvérsias internas.

Para comparar juntas as três bases, não sobre sua razão política, mas sobre as ideias sobre que a assembleia trabalha, e para testar sua consistência consigo mesma, nós não podemos evitar observar, que o princípio que o comitê chama a base de *população*, não começa a operar desde o mesmo ponto com os dois outros princípios chamados as bases de *território* e de *contribuição*, que são ambas de uma natureza aristocrática. A consequência é, que onde todas três começam a operar junto, há a mais absurda desigualdade produzida pela operação do primeiro sobre os dois últimos princípios. Todo cantão contém quatro léguas quadradas, e é estimado de conter, na média, 4,000 habitantes, ou 680 votantes nas *assembleias primárias*, que variam em número com a população do cantão, e enviam *um deputado* para a *comuna* para todos 200 votantes. *Nove cantões* fazem uma *comuna*.

Agora deixe-nos tomar *um cantão* contendo *uma cidade de comércio de porto marítimo*, ou *uma grande cidade manufatureira*. Deixe-nos supor a população deste cantão de ser 12,700 habitantes, ou 2,193 votantes, formando *três assembleias primárias,* e enviando *dez deputados* para a *comuna*.

Oponha a este *um* cantão *dois* outros dos remanescentes oito na mesma comuna. Estes nós podemos supor de ter sua justa população de 4,000 habitantes, e 680 votantes cada, ou 8,000 habitantes e 1,360 votantes, ambas junto. Estes irão formar apenas *duas assembleias primárias,* e enviar apenas *seis* deputados para a *comuna*.

Quando a assembleia da *comuna* vem a votar sobre a *base de território*, princípio que é primeiro admitido de operar nessa assembleia, o *cantão único* que tem *metade* do território dos *outros dois*, irá ter *dez* vozes para *seis* na eleição de *três deputados* para a assembleia do departamento, escolhidos

sobre o fundamento expresso de uma representação de território.

Esta desigualdade, golpeante como ela é, será ainda altamente agravada, se nós supormos, como nós razoavelmente podemos, os *vários* outros cantões da *comuna* de caírem proporcionalmente abaixo da população média, tanto quanto o *cantão principal* a excede. Agora, quanto a *a base de contribuição*, que também é um princípio admitido primeiro de operar na assembleia da *comuna*. Deixe-nos novamente tomar *um* cantão, tal como é declarado acima. Se o todo das contribuições diretas pagas por uma grande cidade manufatureira ou comerciária seja dividido igualmente entre os habitantes, cada indivíduo irá ser achado de pagar muito mais do que um indivíduo vivendo no campo de acordo com a mesma média. O todo pago pelos habitantes da primeira irá ser mais do que o todo pago pelos habitantes do último---nós podemos razoavelmente assumir um-terço mais. Então os 12,700 habitantes, ou 2,193 votantes do cantão irão pagar tanto quanto 19,050 habitantes, ou 3,289 votantes dos *outros cantões*, que são proximamente a proporção estimada de habitantes e votantes de *cinco* outros cantões. Agora os 2,193 votantes irão, como eu antes disse, enviar apenas *dez* deputados para a assembleia; os 3,289 votantes irão enviar *dezesseis*. Assim, para uma porção *igual* na contribuição da *comuna* toda, existirá uma diferença de *dezesseis* vozes para *dez* em votando para deputados para ser escolhidos sobre o princípio de representar a contribuição geral da *comuna* toda.

Pelo mesmo modo de computação nós devemos achar que 15,875 habitantes, ou 2,741 votantes dos *outros* cantões, que pagam *um-sexto* MENOS para a contribuição da *comuna* toda, irão ter *três* vozes MAIS do que os 12,700 habitantes, ou 2,193 votantes do *um* cantão.

Tal é a fantástica e injusta desigualdade entre massa e massa, nesta curiosa repartição dos direitos de representação surgindo desde *território* e *contribuição*. As qualificações que estes conferem são em verdade qualificações negativas, que dão um direito, em uma proporção inversa à possessão deles.

Nesta maquinação toda das três bases, considere-a em qualquer luz que lhe apraza, eu não vejo uma variedade de objetos, reconciliados em um todo consistente, mas diversos princípios contraditórios relutantemente e irreconciliavelmente trazidos e segurados junto pelos filósofos de vocês, como bestas selvagens trancadas em uma jaula, para rasgar com as garras e morder uma a outra até sua destruição mútua.

Eu temo que eu tenha ido longe demais dentro do jeito deles de considerar a formação de uma constituição. Eles têm muita, mas má, metafísica; muita, mas má, geometria; muita, mas falsa, aritmética proporcionada; mas se fosse tudo tão exato quanto metafísica, geometria, e aritmética deveriam ser, e se seus esquemas fossem perfeitamente consistentes em todas suas partes, isso iria apenas fazer uma visão mais limpa e agradável à vista. É notável, que em um grande arranjamento de humanidade, nenhuma referência qualquer está para ser achada a qualquer coisa moral ou qualquer coisa política; nada que se relacione às concernências, as ações, as paixões, os interesses de homens. *Hominem non sapiunt*.

Você vê que eu apenas considero esta constituição como eleitoral, e levando por passos à Assembleia Nacional. Eu não entro no governo interno dos Departamentos, e sua genealogia através das Comunas e Cantões. Estes governos locais são, no plano original, para ser tão proximamente quanto possível compostos na mesma maneira e sobre os mesmos princípios com as assembleias eletivas. Eles são cada um deles corpos perfeitamente compactos e arredondados em si-mesmos.

Você não pode a não ser perceber neste esquema, que ele tem uma tendência direta e imediata para separar França para dentro de uma variedade de repúblicas, e para torná-las totalmente independentes

uma da outra, sem qualquer meio constitucional direto de coerência, conexão, ou subordinação, exceto o que pode ser derivado desde sua aquiescência nas determinações do congresso geral dos embaixadores de cada república independente. Tal em realidade é a Assembleia Nacional, e tais governos eu admito existem no mundo, embora em formas infinitamente mais adequadas às circunstâncias locais e habituais de seu povo. Mas tais associações, preferivelmente que corpos políticos, têm geralmente sido o efeito de necessidade, não escolha; e eu acredito que o poder Francês presente é o muito primeiro corpo de cidadãos, que, tendo obtido total autoridade para fazer com seu país o que lhes aprouvesse, escolheram separá-lo (NT:dividí-lo, etc.) nesta maneira bárbara.

É impossível não observar, que no espírito desta distribuição geométrica, e arranjamento aritmético, estes cidadãos pretendidos tratam França exatamente como um país de conquista. Atuando como conquistadores, eles imitaram a política dos mais ríspidos dessa raça ríspida. A política de tais bárbaros vencedores, que desdenham um povo subjugado, e insultam seus sentimentos, sempre foi, tanto quanto neles se encontrava (NT:lay/lie, jazer, encontrar-se, ficar, etc.), destruir todos vestígios do país antigo, em religião, em estado, em leis, e em maneiras; confundir todos limites territoriais; produzir uma pobreza geral; mostrar suas propriedades para leilão; esmagar seus príncipes, nobres, e pontífices; derrubar toda coisa que tinha levantado sua cabeça acima do nível, ou que poderia servir para combinar ou reagrupar, em seus sofrimentos, o povo debandado, sob o estandarte de opinião velha. Eles fizeram França livre na maneira em que esses amigos sinceros dos direitos de humanidade, os Romanos, libertaram Grécia, Macedônia, e outras nações. Eles destruíram os vínculos de sua união, sob cor de prover para a independência de cada uma de suas cidades.

Quando os membros que compõem estes novos corpos de cantões, comunas, e departamentos, arranjamentos propositalmente produzidos através do meio de confusão, começarem a agir, eles irão achar-se, em uma grande medida, estranhos um para o outro. Os eleitores e eleitos por toda parte, especialmente nos *cantões* rurais, irão ser frequentemente sem quaisquer hábitos ou conexões civis, ou qualquer dessa disciplina natural que é a alma de uma república verdadeira. Magistrados e coletores de renda são agora não mais inteirados (NT:acquainted, familiarizados) com seus distritos, bispos com suas dioceses, ou curas com suas paróquias. Estas novas colônias dos direitos de homens carregam uma forte semelhança com esse tipo de colônias militares sobre que Tacitus observou na política declinante de Roma. Em melhores e mais sábios dias (qualquer que fosse o curso que eles tomassem com nações estrangeiras) eles eram cuidadosos de fazer os elementos de uma subordinação e estabelecimento metódicos serem coevos; e mesmo de deitar as fundações de disciplina civil no exército *. (* Non, ut olim, universae legiones deducebantur cum tribunis, et centurionibus, et sui cujusque ordinis militibus, ut consensu et caritate rempublicam afficerent; sed ignoti inter se, diversis manipulis, sine rectore, sine affectibus mutuis, quasi ex alio genere mortalium, repente in unum collecti, numerus magis quam colonia. Tac. Annal. 1. 14. sect. 27. Tudo isto irá ser ainda mais aplicável às desconexas, rotatórias, bienais assembleias nacionais, nesta absurda e insensata constituição.) Mas, quando todas as artes boas tinham caído em ruína, eles procediam, como faz sua assembleia, sobre a igualdade de homens, e com tão pouco julgamento, e tão pouco cuidado por essas coisas que fazem uma república tolerável ou durável. Mas nisto, tão bem quanto quase toda instância, sua nova nação é nascida, e educada, e alimentada, nessas corrupções que marcam repúblicas degeneradas e desgastadas. A criança de vocês vem ao mundo com os sintomas de morte; a *facies Hippocratica* forma o caráter de sua fisionomia, e o prognóstico de seu destino.

Os legisladores que emolduraram as repúblicas antigas sabiam que seu negócio era árduo demais para ser executado sem nenhum aparato melhor do que a metafísica de um estudante que ainda não colou grau, e a matemática e aritmética de um coletor de imposto. Eles tinham a ver com homens, e eles eram obrigados a estudar natureza humana. Eles tinham a ver com cidadãos, e eles eram obrigados a estudar

os efeitos desses hábitos que são comunicados pelas circunstâncias de vida civil. Eles eram sensíveis que a operação desta segunda natureza sobre a primeira produzia uma nova combinação; e daí surgiam muitas diversidades entre homens, de acordo com seu nascimento, sua educação, suas profissões, os períodos de suas vidas, sua residência em cidades ou no campo, seus diversos jeitos de adquirir e de fixar propriedade, e de acordo com a qualidade da propriedade ela mesma, tudo que os tornava como se fosse tantas espécies diferentes de animais. Desde este lugar eles pensavam-se obrigados a dispor seus cidadãos em tais classes, e colocá-los em tais situações no estado como seus hábitos peculiares poderiam qualificá-los a preencher, e alotar-lhes tais privilégios apropriados como poderiam assegurar-lhes o que suas ocasiões específicas requeriam, e que poderiam fornecer a cada descrição tal força como poderia protegê-la no conflito causado pela diversidade de interesses, que precisa existir, e precisa contender em toda sociedade complexa: pois o legislador teria sido envergonhado, que o fazendeiro grosseiro devesse saber bem como classificar e usar seus carneiros, cavalos, e bois, e devesse ter o suficiente de senso comum para não abstrair e equalizá-los todos em animais, sem prover para cada tipo uma comida, cuidado e emprego apropriados; enquanto ele, o economista, disponente, e pastor de seu próprio parentesco, sublimando-se em um metafísico aéreo, estivesse resolvido a não saber nada de seus estoques, a não ser como homens em geral. É por esta razão que Montesquieu observou muito justamente, que em sua classificação dos cidadãos, os grandes legisladores de antiguidade fizeram a maior exibição de seus poderes, e mesmo elevaram-se sobre eles mesmos. É aqui que seus legisladores modernos foram fundo dentro da série negativa, e afundaram até abaixo de seu próprio nada. Como o primeiro tipo de legisladores atenderam aos diferentes tipos de cidadãos, e combinaram-nos para dentro de uma nação, os outros, os legisladores metafísicos e alquimísticos, tomaram o curso contrário direto. Eles tentaram confundir todos tipos de cidadãos, tão bem como eles podiam, em uma massa homogênea; e então eles dividiram este seu amálgama em um número de repúblicas incoerentes. Eles reduzem homens a contadores frouxos meramente pelo bem de narração simples, e não a figuras cujo poder é para surgir desde seu lugar na tabela. Os elementos de sua própria metafísica poderiam ter-lhes ensinado lições melhores. A rodada de sua tabela categórica poderia ter-lhes informado que existia alguma coisa mais no mundo intelectual além de *substância* e *quantidade*. Eles poderiam aprender desde o catecismo de metafísica que existiam oito cabeças mais *, (* Qualitas, Relatio, Actio, Passio, Ubi, Quando, Situs, Habitus.) em toda deliberação complexa, de que eles jamais pensaram, embora estas, de todas as dez, são o sujeito sobre que a habilidade de homem pode operar qualquer coisa absolutamente.

Tão longe desta hábil disposição de alguns dos velhos legisladores republicanos, que segue com uma exatidão solícita, as condições morais e propensões de homens, eles nivelaram e esmagaram junto todas as ordens que eles acharam, mesmo sob o arranjamento não-artificial grosseiro da monarquia, em qual modo de governo a classificação dos cidadãos não é de tanta importância quanto em uma república. É verdade, contudo, que toda tal classificação, se propriamente ordenada, é boa em todas formas de governo; e compõe uma barreira forte contra os excessos de despotismo, tão bem como ela é o meio necessário de dar efeito e permanência a uma república. Por falta de alguma coisa deste tipo, se o presente projeto de uma república devesse falhar, todas seguranças para uma liberdade moderada falham junto com ele; todas as restrições indiretas que mitigam despotismo são removidas; a tal ponto que se monarquia devesse alguma vez novamente obter uma ascendência inteira em França, sob esta ou sob qualquer outra dinastia, ela irá provavelmente ser, se não voluntariamente temperada em partida (NT:at setting out, em/na saida, partida) pelos sábios e virtuosos conselhos do príncipe, o mais completamente arbitrário poder que jamais apareceu sobre terra. Isto é jogar um mais desesperado jogo.

A confusão, que atende sobre todos tais procedimentos, eles até declaram de ser um de seus objetos, e eles esperam assegurar sua constituição por um terror do retorno daqueles males que atenderam a feitura deles dela. "Por isto," dizem eles, "sua destruição irá tornar-se difícil para autoridade, que não

pode fragmentá-la (NT:break it up/dissolvê-la) sem a desorganização inteira do estado todo." Eles presumem, que se esta autoridade devesse alguma vez vir ao mesmo grau de poder que eles adquiriram, ela iria fazer um uso mais moderado e castigado (NT:chastised/disciplinado) dele, e iria piamente tremer para desorganizar inteiramente o estado na maneira selvagem que eles fizeram. Eles esperam, das virtudes de despotismo retornante, a segurança que é para ser desfrutada pela prole de seus vícios populares.

Eu desejo, Senhor, que você e meus leitores dessem uma leitura cuidadosa atenciosa no trabalho de M. de Calonne, sobre este tema. É de fato não apenas uma eloquente mas uma hábil e instrutiva atuação. Eu confino-me ao que ele diz relativo à constituição do novo estado, e à condição do rendimento. Quanto às disputas deste ministro com seus rivais, eu não desejo pronunciar sobre elas. Tão pouco pretendo eu aventurar qualquer opinião concernindo seus caminhos e meios, financeiros ou políticos, para tirar seu país de sua presente situação desgraçosa e deplorável de servitude, anarquia, falência, e mendicidade. Eu não posso especular inteiramente tão sanguineamente como ele faz: mas ele é um Francês, e tem um dever mais próximo relativo a esses objetos, e melhores meios de julgar deles, do que eu posso ter. Eu desejo que a admissão formal a que ele se refere, feita por um dos principais líderes na assembleia, concernindo a tendência de seu esquema de trazer França não apenas desde uma monarquia para uma república, mas desde uma república para uma mera confederação, pode ser muito particularmente atendida. Ela adiciona nova força a minhas observações; e de fato o trabalho de M. de Calonne supre minhas deficiências por muitos novos e golpeantes argumentos sobre a maioria dos temas desta Carta *. (* Veja L'Etat de la France, p. 363.)

É esta resolução, de quebrar seu país em repúblicas separadas, que os dirigiu para dentro do maior número de suas dificuldades e contradições. Se não fosse por isto, todas as questões de igualdade exata, e estas balanças, nunca para ser resolvidas, de direitos individuais, população, e contribuição, seriam totalmente inúteis. A representação, embora derivada de partes, iria ser um dever que igualmente considerava o todo. Cada deputado para a assembleia iria ser o representativo de França, e de todas suas descrições, dos muitos e dos poucos, dos ricos e dos pobres, dos grandes distritos e dos pequenos. Todos estes distritos iriam eles mesmos ser subordinados a alguma autoridade permanente, existindo independentemente deles; uma autoridade em que sua representação, e toda coisa que pertence a ela, se originou, e a que ela era apontada. Este permanente, inalterável, fundamental governo iria fazer, e é a única coisa que poderia fazer, esse território verdadeiramente e propriamente um todo. Conosco, quando nós elegemos representativos populares, nós enviamo-nos a um conselho, em que cada homem individualmente é um sujeito, e submetido a um governo completo em todas suas funções ordinárias. Com vocês a assembleia eletiva é o soberano, e o único soberano: todos os membros são portanto partes integrais desta soberania única. Mas conosco é totalmente diferente. Conosco o representativo, separado das outras partes, não pode ter nenhuma ação e nenhuma existência. O governo é o ponto de referência dos diversos membros e distritos de nossa representação. Isto é o centro de nossa unidade. Este governo de referência é um fiduciário para o *todo*, e não para as partes. Do mesmo modo é o outro ramo de nosso conselho público, eu digo a casa de lordes. Conosco o rei e os lordes são diversas e juntas seguranças para a igualdade de cada distrito, cada província, cada cidade. Quando ouviu você em Grã-Bretanha de qualquer província sofrendo da desigualdade de sua representação; que distrito de não ter nenhuma representação absolutamente? Não apenas nossa monarquia e nosso pariato asseguram a igualdade sobre que nossa unidade depende, mas ela é o espírito da casa de comuns ela mesma. A desigualdade mesma de representação, de que tão tolamente se reclama, é talvez a coisa mesma que nos previne de pensar ou atuar como membros para distritos. Cornualha elege tantos membros como toda Escócia. Mas toma-se melhor cuidado de Cornualha do que de Escócia? Poucos incomodam suas cabeças sobre quaisquer das bases de vocês, saidos de alguns clubes vertiginosos (NT:giddy/vertiginoso; leviano; etc.). A maioria desses, que desejam qualquer mudança, sobre

quaisquer fundamentos plausíveis, desejam-na sobre ideias diferentes.

Sua nova constituição é o reverso mesmo da nossa em seu princípio; e eu sou espantado como quaisquer pessoas poderiam sonhar de oferecer qualquer coisa feita nela como um exemplo para Grã-Bretanha. Com vocês há pouca, ou melhor nenhuma, conexão entre o último representativo e o primeiro constituinte. O membro que vai para a assembleia nacional não é escolhido pelo povo, nem responsável a eles. Existem três eleições antes que ele seja escolhido: dois conjuntos de magistratura intervêm entre ele e a assembleia primária, de forma a torná-lo, como eu tenho dito, um embaixador de um estado, e não o representativo do povo dentro de um estado. Por isto o espírito todo da eleição é mudado; nem pode qualquer corretivo que seus negociantes-de-constituição projetaram torná-lo qualquer coisa outra do que o que ele é. A tentativa mesma de fazê-lo iria inevitavelmente introduzir uma confusão, se possível, mais hórrida do que a presente. Não há jeito de fazer uma conexão entre o constituinte original e o representativo, a não ser pelo meio circundante que pode levar o candidato a aplicar na primeira instância aos eleitores primários, com o fim de que por suas instruções autoritativas (e alguma coisa mais talvez) estes eleitores primários possam forçar os dois corpos sucessivos de eleitores a fazer uma escolha conveniente a seus desejos. Mas isto iria planamente (NT:plainly, claramente, planamente) subverter o esquema todo. Isto iria ser mergulhá-los de volta para dentro desse tumulto e confusão de eleição popular, que, por suas eleições de gradação interpostas, eles pretendem evitar, e finalmente arriscar a fortuna toda do estado com aqueles que têm o menos conhecimento dele, e o menos interesse nele. Este é um dilema perpétuo, em que eles são jogados pelos princípios viciosos, fracos, e contraditórios que eles escolheram. A não ser que o povo fragmentem e nivelem esta gradação, é plano que eles absolutamente não elegem para a assembleia; de fato eles elegem tão pouco em aparência quanto realidade.

O que é que nós todos procuramos em uma eleição? Para responder seus propósitos reais, você precisa primeiro possuir o meio de conhecer a conveniência de seu homem; e então você precisa reter alguma apreensao (NT:hold, controle, apreensao) sobre ele por obrigação pessoal ou dependência. Para que fim são estes eleitores primários cumprimentados, ou preferivelmente zombados, com uma escolha? Eles não podem nunca saber qualquer coisa das qualidades dele que é para serví-los, nem tem ele qualquer obrigação qualquer para eles. De todos os poderes inadequados para ser delegados por aqueles que têm qualquer meio real de julgar, esse mais peculiarmente inadequado é o que relaciona-se a uma escolha *pessoal*. Em caso de abuso, esse corpo de eleitores primários nunca pode chamar o representativo a uma conta (NT:an account, relato, conta, prestar contas) por sua conduta. Ele é longe demais removido deles na cadeia de representação. Se ele atua impropriamente ao fim de seu contrato de dois anos, isto não concerne a ele por dois anos mais. Pela nova constituição Francesa, os representativos melhores e mais sábios vão igualmente com os piores para dentro deste *Limbus Patrum*. Seus traseiros são supostos imundos (NT:foul, imundos, sujos) e eles precisam ir para doca para serem consertados. Todo homem que serviu em uma assembleia é inelegível por dois anos depois. Justo como estes magistrados começam a aprender sua ocupação, como limpadores de chaminé, eles são desqualificados para exercê-la. Superficial, nova, petulante aquisição, e interrompida, indolente (NT:dronish, semelhante a um zangão, indolente), quebrada, doente recordação, é para ser o caráter destinado de todos seus governadores futuros. Sua constituição tem demais de ciúme para ter muito de senso nela. Vocês consideram a brecha de confiança no representativo tão principalmente, que vocês absolutamente não consideram a questão de sua conveniência para executá-lo.

Este intervalo purgatório não é desfavorável a um representativo sem fé, que pode ser tão bom um cabo eleitoral como ele foi um mau governador. Neste tempo ele pode cabalar-se em uma superioridade sobre os mais sábios e mais virtuosos. Como, no fim, todos os membros desta constituição eletiva são igualmente fugitivos, e existem apenas para a eleição, eles podem não ser mais as mesmas pessoas que

o tinham escolhido, a quem ele é para ser responsável quando ele solicita para uma renovação da confiança dele. Chamar todos os eleitores secundários da *Comuna* em conta, é ridículo, impraticável, e injusto; eles podem eles mesmos ter sido enganados em sua escolha, como o terceiro conjunto de eleitores, aqueles do *Departamento*, podem ser na deles. Em suas eleições responsabilidade não pode existir.

Não achando nenhum tipo de princípio de coerência um com o outro na natureza e constituição das várias novas repúblicas de França, eu considerei que cimento os legisladores tinham provido para eles desde quaisquer materiais extrâneos. De suas confederações, seus *espetáculos*, suas festas cívicas, e seu entusiasmo, eu não tomo notícia; Eles não são nada a não ser meros truques; mas traçando sua política através de suas ações, eu penso que eu posso distinguir os arranjamentos por que eles propõem segurar estas repúblicas junto. O primeiro, é a *confiscação*, com a moeda de papel compulsória anexada a ela; o segundo, é o poder supremo da cidade de Paris; o terceiro, é o exército geral do estado. Deste último eu devo reservar o que eu tenho a dizer, até que eu venha a considerar o exército como uma cabeça por si mesmo.

Quanto à operação do primeiro (a confiscação e moeda de papel) meramente como um cimento, eu não posso negar que estes, o um dependendo sobre o outro, podem por algum tempo compor algum tipo de cimento, se a loucura e tolice deles no gerenciamento, e no temperar (NT:tempering/temperamento) das partes junto, não produzir uma repulsão no princípio mesmo. Mas permitindo ao esquema alguma coerência e alguma duração, parece-me, que se, depois de um tempo, a confiscação não devesse ser achada suficiente para suportar a cunhagem de papel (como eu estou moralmente certo de que ela não irá) então, em vez de cimentar, ela irá adicionar infinitamente à dissociação, distração, e confusão destas repúblicas confederadas, tanto com relação uma com a outra, quanto com as diversas partes dentro delas mesmas. Mas se a confiscação não devesse tão longe suceder como a afundar a moeda de papel, o cimento se vai com a circulação. No meio tempo sua força vinculante irá ser muito incerta, e ela irá estreitar ou relaxar com toda variação no crédito do papel.

Uma coisa apenas é certa neste esquema, que é um efeito aparentemente colateral, mas direto, eu não tenho dúvida, nas mentes daqueles que conduzem este negócio, isto é, seu efeito em produzir uma *Oligarquia* em toda uma das repúblicas. Uma circulação de papel, não fundada sobre qualquer dinheiro real depositado ou engajado, montando já a quatro-e-quarenta milhões de dinheiro Inglês, e esta moeda por força substituída no lugar da moeda do reino, tornando-se portanto a substância de sua renda, tão bem como o meio de todo seu intercurso comercial e civil, precisa pôr o todo de que poder, autoridade, e influência seja restante, em qualquer forma qualquer que ele possa assumir, nas mãos dos gerentes e condutores desta circulação.

Em Inglaterra nós sentimos a influência do banco; embora ele seja apenas o centro de um procedimento voluntário. Ele sabe pouco de fato da influência de dinheiro sobre humanidade, que não vê a força do gerenciamento de uma concernência pecuniária, que é tão muito mais extensiva, e em sua natureza tão muito mais dependente sobre os gerentes do que qualquer de nossas. Mas isto não é meramente uma concernência de dinheiro. Existe um outro membro no sistema inseparavelmente conectado com este gerenciamento de dinheiro. Ele consiste no meio de extrair a discrição porções das terras confiscadas para venda; e carregar sobre um processo de transmutação contínua de papel em terra, e terra em papel. Quando nós seguimos este processo em seus efeitos, nós podemos conceber alguma coisa da intensidade da força com que este sistema precisa operar. Por esse meio o espírito de correção financeira e especulação vai para dentro da massa de terra ela mesma, e incorpora com ela. Por este tipo de operação, essa espécie de propriedade torna-se (como se ela fosse) volatilizada; ela assume uma atividade não-natural e monstruosa, e portanto joga nas mãos dos diversos gerentes, principais e

subordinados, Parisienses e proviciais, todos os representativos de dinheiro, e talvez uma décima parte inteira de toda a terra em França, que adquiriu agora a pior e mais perniciosa parte do mal de uma circulação de papel, a maior incerteza possível em seu valor. Eles reverteram a benevolência Latoniana (NT:Latonian, Latonia, Latonica, Latoniana) para a propriedade fundiária de Delos. Eles enviaram a deles para ser explodida ao redor, como os fragmentos leves de um naufrágio, *oras et littora circum*.

Os novos negociantes (NT:dealer, comerciante, negociante) sendo todos habitualmente aventureiros, e sem quaisquer hábitos fixos ou predileções locais, irão comprar para intermediar fora (NT:to job out, revender, intermediar fora) novamente, como o mercado de papel, ou de dinheiro, ou de terra deve apresentar uma vantagem. Pois embora um bispo sagrado pense que agricultura irá derivar grandes vantagens desde os usurários "*iluminados*" que são para comprar as confiscações de igreja, eu, que não sou um bom, mas um velho fazendeiro, com grande humildade peço licença para dizer a seu tardio senhorio, que usura não é um tutor de agricultura; e se a palavra "iluminado" seja entendida de acordo com o novo dicionário, como ela sempre é em suas novas escolas, eu não posso conceber como a não-crença de um homem em Deus pode ensiná-lo a cultivar a terra com o menos de qualquer habilidade adicional ou encorajamento. "Diis immortalibus sero," disse um velho Romano, quando ele segurava um cabo do arado, enquanto Morte segurava o outro. Embora vocês fossem para juntar na comissão todos os diretores das duas academias aos diretores da *Caisse d'Escompte*, um camponês velho experimentado vale por todos eles. Eu obtive mais informação, sobre um curioso e interessante ramo de cultivo agrícola, em uma curta conversação com um monge Carthusiano, do que eu derivei de todos os diretores de Banco com quem eu alguma vez conversei. Todavia, não há causa para apreensão da interferência de negociantes-pecuniários com economia rural. Estes gentis-homens são sábios demais em sua geração. Primeiro, talvez, suas tenras e suscetíveis imaginações podem ser cativadas com os inocentes e não-lucrativos deleites de uma vida pastoral; mas em um pouco tempo eles irão ver que agricultura é um comércio muito mais laboriosos, e muito menos lucrativo do que o que eles tinham deixado. Depois de fazer seu panegírico, eles irão virar suas costas sobre ela como seu grande precursos e protótipo.---Eles podem, como ele, começar por cantando "*Beatus ille*"---mas qual irá ser o fim?

Haec ubi locutus foenerator Alphius,
Jam jam futurus rusticus
Omnem relegit idibus pecuniam,
Quaerit calendis ponere.

Eles irão cultivar a *caisse d'Eglise*, sob os auspícios sagrados deste prelado, com muito mais lucro do que seus vinhais ou seus trigais (NT:corn-fields/campos-de-milho, milharais, etc.). Eles irão empregar seus talentos de acordo com seus hábitos e seus interesses. Eles não irão seguir o arado enquanto eles podem dirigir tesourarias, e governar províncias.

Seus legisladores, em toda coisa nova, são os primeiros mesmo que fundaram uma nação sobre jogo, e infundiram este espírito para dentro dela como seu sopro vital. O grande objeto nesta política é metamorfosear França, desde um grande reino para um grande tabuleiro-de-jogo; tornar seus habitantes em uma nação de jogadores; fazer especulação tão extensiva como vida; misturá-la com todas suas concernências; e desviar o todo das esperanças e medos do povo desde seus canais usuais, para os impulsos, paixões e superstições daqueles que vivem sobre chances. Eles ruidosamente proclamam sua opinião, de que este seu sistema presente de uma república não pode possivelmente existir sem este tipo de fundo de jogo; e que a linha mesma de sua vida é fiada (NT:spun out of, tecida, fiada) da materia-prima destas especulações. O velho jogo em fundos era nociva o suficiente indubitavelmente; mas ela era assim apenas para indivíduos. Mesmo quando ela teve sua maior extensão, no Mississipi e

Mar do Sul, ela não afetou a não ser poucos, comparativamente; onde ela se estende mais longe, como em loterias, o espírito não tem a não ser um único objeto. Mas onde a lei, que na maior parte das circunstâncias proíbe, e em nenhuma apóia jogo, é ela mesma debochada, de modo como a reverter sua natureza e política, e expressamente forçar o sujeito a esta mesa destrutiva, por trazendo o espírito e símbolos de jogo para dentro das matérias mais minutas, e engajando todo corpo nela, e em toda coisa, um mais horroroso destempero epidêmico desse tipo é espalhado do que jamais apareceu no mundo. Com vocês um homem não pode nem ganhar nem comprar seu jantar, sem uma especulação. O que ele recebe na manhã não irá ter o mesmo valor à noite. O que ele é compelido a tomar como pagamento por um velho débito, não irá ser recebido como o mesmo quando ele vier pagar um débito contraído por ele mesmo; nem irá isso ser o mesmo quando por pronto pagamento ele iria evitar contrair qualquer débito absolutamente. Indústria precisa murchar embora (NT:wither away, definhar, murchar embora). Economia precisa ser dirigida desde o país de vocês. Provisão cuidadosa não irá ter nenhuma existência. Quem irá laborar sem saber o montante de seu pagamento? Quem irá estudar para aumentar o que ninguém pode estimar? quem irá acumular, quando ele não sabe o valor do que ele salva? Se você abstraí-lo desde seus usos em jogo, acumular sua riqueza de papel, não iria ser a providência de um homem, mas o instinto destemperado de uma gralha-de-nuca-cinzenta.

A parte verdadeiramente melancólica da política de sistematicamente fazer uma nação de jogadores é isto; que embora todos sejam forçados a jogar, poucos podem entender o jogo; e menos ainda estão em uma condição de se valerem (NT:avail themselves, se aproveitarem, se valerem) do conhecimento. Os muitos precisam ser os bôbos dos poucos que conduzem a máquina destas especulações. Que efeito precisa ter sobre o povo-do-campo é visível. O homem-da-cidade pode calcular de dia para dia: não o habitante do campo. Quando o camponês primeiro traz seu milho para mercado, o magistrado nas cidades obriga-o a tomar o assinado (NT:assignat/"assinado", papel moeda) em paridade; quando ele vai à loja com seu dinheiro, ele vê-o sete por cento pior por cruzar o caminho. O povo-da-cidade será inflamado! eles irão forçar o povo-do-campo a trazer seu milho. Resistência irá começar, e os assassinatos de Paris e St. Dennis podem ser renovados através de toda França.

O que significa o cumprimento vazio pago ao campo por dando a ele talvez mais do que sua porção na teoria da representação de vocês? Onde colocaram vocês o poder real sobre circulação monetária e fundiária? Onde colocaram vocês os meios de aumentar e diminuir o valor da propriedade livre de todo homem? Aqueles cujas operações podem tomar de, ou adicionar dez por cento a, as possessões de todo homem em França, precisam ser os mestres de todo homem em França. O todo do poder obtido por esta revolução irá assentar nas cidades entre os burgueses, e os diretores endinheirados que os lideram. O gentil-homem possuidor de terras, o pequeno proprietário rural (NT:yeoman), e o camponês têm, nenhum deles, hábitos, ou inclinações, ou experiência, que os possam levar a qualquer porção nesta a única fonte de poder e influência agora restante em França. A natureza mesma de uma vida campestre, a natureza mesma de uma propriedade fundiária, em todas as ocupações, e todos os prazeres que elas fornecem, tornam combinação e arranjamento (o único caminho de conseguir e exercer influência) em uma maneira impossível entre povo-do-campo. Combine-os por toda a arte que você possa, e toda a indústria, eles estão sempre dissolvendo-se em individualidade. Qualquer coisa na natureza de incorporação é quase impraticável entre eles. Esperança, medo, alarme, ciúme, o conto efêmero que faz seu negócio e morre em um dia, todas estas coisas, que são as rédeas e esporas por que líderes verificam (NT:check, checam, verificam) ou impelem as mentes de seguidores, não são facilmente empregados, ou dificilmente absolutamente, entre povo espalhado. Eles reunem-se, eles armam-se, eles agem com a máxima dificuldade, e à maior carga. Seus esforços, se alguma vez eles podem ser começados, não podem ser sustentados. Eles não podem proceder sistematicamente. Se os gentis-homens do campo tentam uma influência através da mera renda de sua propriedade, o que é isto para aquela daqueles que têm dez vezes sua renda para vender, e que podem arruinar sua propriedade por

trazendo sua pilhagem para encontrá-la em mercado. Se o homem possuidor de terras deseja hipotecar, ele diminui o valor de sua terra, e aumenta o valor de assinados (NT:assignats/"assinados", papel moeda). Ele aumenta o poder de seu inimigo pelo meio mesmo que ele precisa tomar para contender com ele. O gentil-homem do campo portanto, o oficial por mar e terra, o homem de visões e hábitos liberais, não atado a nenhuma profissão, irá ser tão completamente excluído do governo de seu país como se ele fosse legislativamente proscrito. É óbvio, que nas cidades, todas as coisas que conspiram contra o gentil-homem do campo, combinam-se em favor do gerente e diretor de dinheiro. Em cidades combinação é natural. Os hábitos de burgueses, suas ocupações, sua diversão, seu negócio, sua inatividade, continuamente trazem-nos em contato mútuo. Suas virtudes e seus vícios são sociáveis; eles estão sempre em guarnição; e eles vêm incorporados e meio disciplinados nas mãos daqueles que tencionam formá-los para ação civil, ou para militar.

Todas estas considerações não deixam nenhuma dúvida em minha mente, de que se este monstro de uma constituição possa continuar, França irá ser totalmente governada pelos agitadores em corporações, por sociedades nas cidades formadas de diretores de assinados (NT:assignats/"assinados", papel moeda), e fiduciários para a venda de terras de igreja, procuradores, agentes, corretores financeiros, especuladores, e aventureiros, compondo uma oligarquia ignóbil fundada sobre a destruição da coroa, a igreja, a nobreza, e o povo. Aqui terminam todos os sonhos e visões enganosos da igualdade e direitos de homens. Em "o pântano Serboniano" (NT:bog, pantano, paul, etc.) desta oligarquia vil (NT:base, básica, vil) eles são todos absorvidos, afundados, e perdidos para sempre.

Embora olhos humanos não as possam traçar, um iria ser tentado a pensar que algumas grandes ofensas em França precisam gritar ao céu, que pensou adequado puní-la com uma sujeição a uma dominação vil e inglória, em que nenhum conforto ou compensação é para ser encontrado em qualquer, mesmo daqueles falsos esplendores, que, jogando ao redor de outras tiranias, impedem humanidade de sentir-se deshonrados mesmo enquanto eles são oprimidos. Eu preciso confessar que eu sou tocado com uma tristeza, misturada com alguma indignação, à conduta de poucos homens, uma vez de posto grande, e ainda de grande caráter, que, deludidos com nomes especiosos, engajaram-se em um negócio profundo demais para a linha de seu entendimento penetrar; que emprestaram sua reputação clara, e a autoridade de seus nomes alto-sonantes, aos desígnios de homens com quem eles não poderiam estar inteirados; e fizeram portanto sua própria virtude operar para a ruina de seu país.

Tão longe como para o primeiro princípio cimentador.

O segundo material de cimento para a nova república deles é a superioridade da cidade de Paris; e isto eu admito é fortemente conectado com o outro princípio cimentador de circulação de papel e confiscação. É nesta parte do projeto que nós precisamos procurar pela causa da destruição de todos os velhos limites de províncias e jurisdições, eclesiásticos e seculares, e a dissolução de todas combinações antigas de coisas, tão bem como a formação de tantas pequenas repúblicas desconectadas. O poder da cidade de Paris é evidentemente uma grande fonte de toda política deles. É através do poder de Paris, agora tornado o centro e foco de correção (NT:jobbing), que os líderes desta facção dirigem, ou preferivelmente comandam o governo legislativo todo e o governo executivo todo. Toda coisa portanto precisa ser feita que pode confirmar a autoridade dessa cidade sobre as outras repúblicas. Paris é compacta; ela tem uma força enorme, totalmente desproporcionada à força de qualquer das repúblicas quadradas; e esta força é coletada e condensada dentro de um compasso estreito. Paris tem uma conexão natural e fácil de suas partes, que não será afetada por qualquer esquema de uma constituição geométrica, nem significa muito se sua proporção de representação seja mais ou menos, desde que ela tem a redada toda de peixes em sua rede varredoura. As outras divisões do reino estando despedaçadas e rasgadas a pedaços, e separadas de todos seus meios habituais, e mesmo princípios de união, não

podem, por algum tempo ao menos, confederar contra ela. Nada era para ser deixado em todos os membros subordinados, a não ser fraqueza, desconexão, e confusão. Para confirmar esta parte do plano, a assembleia veio ultimamente a uma resolução, que nenhumas duas de suas repúblicas devem ter o mesmo comandante em chefe.

Para uma pessoa que toma uma visão do todo, a força de Paris assim formada, irá parecer um sistema de fraqueza geral. É gabado, que a política geométrica foi adotada, que todas ideias locais deveriam ser afundadas, e que o povo deveria não mais ser Gascos, Picardos, Bretões, Normandos, mas Franceses, com um país, um coração, e uma assembleia. Mas em vez de ser todos Franceses, a maior probabilidade é, que o habitantes dessa região irão brevemente não ter nenhum país. Nenhum homem alguma vez foi atado por um senso de orgulho, parcialidade, ou afeição real, a uma descrição de medida quadrada. Ele nunca irá glorificar-se em pertencer ao Escaque (NT:Checquer, escaque, cada uma das casas quadradas do tabuleiro de xadrez, etc.) N.o 71, ou a qualquer outro bilhete-distintivo. Nós começamos nossas afeições públicas em nossas famílias. Nenhuma relação fria é um cidadão zeloso. Nós passamos adiante para nossas vizinhanças, e nossas conexões provinciais habituais. Estas são hospedarias e locais-de-descanso. Tais divisões de nosso país como foram formadas por hábito, e não por um súbito movimento abrupto de autoridade, eram tantas pequenas imagens do grande país em que o coração encontrava alguma coisa que ele podia encher. O amor ao todo não é extinguido por esta parcialidade subordinada. Talvez ela seja um tipo de treinamento elementar para essas considerações mais altas e maiores, por que sozinhas homens vêm a ser afetados, como com sua própria concernência, na prosperidade de um reino tão extensivo como esse de França. Nesse território geral ele-mesmo, como no velho nome de províncias, os cidadãos são interessados desde prejuízos velhos e hábitos desarrazoados (NT:unreasoned, desarrazoado, não-raciocinado), e não por conta das propriedades geométricas de sua figura. O poder e preeminência de Paris certamente pressiona abaixo e segura essas repúblicas junto, tão longe quanto ele dure. Mas, pelas razões que eu já lhe dei, eu penso que ele não pode durar muito longamente.

Passando dos princípios criadores civis, e dos princípios cimentadores civis desta consituição, para a assembleia nacional, que é para aparecer e atuar como soberana, nós vemos um corpo em sua constituição com todo poder possível, e nenhum controle externo possível. Nós vemos um corpo sem leis fundamentais, sem máximas estabelecidas, sem regras respeitadas de procedimento, que nada pode manter firme a qualquer sistema qualquer. A ideia deles de seus poderes é sempre tomada no estiramento máximo de competência legislativa, e seus exemplos para casos comuns, desde as exceções da mais urgente necessidade. A futura é para ser na maioria dos respeitos como a presente assembleia; mas, pelo modo das novas eleições e a tendência das novas circulações, ela irá ser purgada do pequeno grau de controle interno existente em uma minoria escolhida originalmente desde vários interesses, e preservando alguma coisa do espírito deles. Se possível, a próxima assembleia precisa ser pior do que a presente. A presente, por destruindo e alterando toda coisa, não irá deixar a seus sucessores aparentemente nada popular para fazer. Eles irão ser excitados por emulação e exemplo a empreendimentos os mais corajosos e os mais absursos. Supor uma tal assembleia sentando em perfeita quietude é ridículo.

Seus legisladores todo-suficientes, em sua pressa para fazer toda coisa de uma vez, esqueceram uma coisa que parece essencial, e que, eu acredito, nunca foi antes, na teoria ou na prática, omitida por qualquer projetista (NT:projector/projetor, projetista) de uma república. Eles esqueceram de constituir um *Senado*, ou alguma coisa dessa natureza e caráter. Nunca, antes deste tempo, foi ouvido de um corpo político composto de uma assembleia legislativa e ativa, e seus oficiais executivos, sem um tal conselho; sem alguma coisa a que estados estrangeiros poderiam conectar-se; alguma coisa a que, no detalhe ordinário de governo, o povo poderia respeitar; alguma coisa que poderia dar uma tendência e

estabilidade, e preservar alguma coisa como consistência nos procedimentos de um estado. Um tal corpo reis geralmente têm como um conselho. Uma monarquia pode existir sem ele; mas ele parece estar na essência mesma de um governo republicano. Ele segura um tipo de lugar médio entre o poder supremo exercido pelo povo, ou imediatamente delegado desde eles, e o mero executivo. Disto não existem traços na constituição de vocês; e em não provendo nada deste tipo, seus Solons e Numas, tanto como em qualquer coisa mais, descobriram uma incapacidade soberana.

Deixe-nos agora tornar nossos olhos ao que eles fizeram no sentido da formação de um poder executivo. Para isto eles escolheram um rei degradado. Este deles primeiro oficial executivo é para ser uma máquina, sem qualquer tipo de discrição deliberativa em qualquer um ato de sua função. Na melhor ele não é a não ser um canal para comunicar para a assembleia nacional tal matéria como pode importar esse corpo a saber. Se ele tivesse sido feito o canal executivo, o poder não iria ter sido sem sua importância; embora infinitamente perigoso para aqueles que iriam escolher exercitá-lo. Mas inteligência pública e declaração de fatos podem passar para a assembleia, com igual autenticidade, através de qualquer outro meio de comunicação. Quanto aos meios, portanto, de dar uma direção a medidas pela declaração de um repórter autorizado, este ofício de inteligência é como nada.

Para considerar o esquema Francês de um oficial executivo em suas duas divisões naturais de civil e político---Na primeira precisa ser observado, que, de acordo com a nova constituição, as partes mais altas de judicatura, em qualquer de suas duas linhas, não estão no rei. O rei de França não é a fonte de justiça. Os juízes, nem o original nem o apelante, são de sua nominação. Ele nem propõe os candidatos, nem tem uma negativa na escolha. Ele não é nem mesmo o demandante (NT:prosecutor/promotor público) público. Ele serve somente como um notário para autenticar a escolha feita dos juízes nos diversos distritos. Por seus oficiais ele é para executar a sentença deles. Quando nós examinamos a verdadeira natureza de sua autoridade, ele parece não ser nada mais do que um chefe de bailios vinculados, sargentos em maça, esbirros, carcereiros, e carrascos. É impossível colocar qualquer coisa chamada realeza em um ponto de vista mais degradante. Mil vezes melhor tinha sido para a dignidade deste infeliz príncipe, que ele não tivesse nada absolutamente a ver com a administração de justiça, privado como ele está de tudo que é venerável, e tudo que é consolatório nessa função, sem poder de originar qualquer processo; sem um poder de suspensão, mitigação, ou perdão. Toda coisa em justiça que é vil e odiosa é jogada sobre ele. Não foi por nada que a assembleia tem estado em tais dores para remover o estigma de certos ofícios, quando eles estavam resolvidos a colocar a pessoa que ultimamente tinha sido seu rei em uma situação nada a não ser um grau acima do executor (NT:executioner/carrasco, executor), e em um ofício proximamente da mesma qualidade. Não é em natureza, que situado como o rei dos Franceses agora está, ele pode respeitar-se a si mesmo, ou pode ser respeitado por outros.

Veja este novo oficial executivo sobre o lado de sua capacidade política, como ele atua sob as ordens da assembleia nacional. Executar leis é um ofício real; executar ordens não é ser um rei. Contudo, uma magistratura executiva política, embora meramente tal, é uma grande confiança. Ela é uma confiança de fato que tem muito dependendo sobre sua fiel e diligente atuação, tanto na pessoa presidindo nela e em todos seus subordinados. Meios de executar este dever deveriam ser dados por regulação; e disposições no sentido dele deveriam ser infundidas pelas circunstâncias atendentes sobre a confiança. Ele deveria ser circundado com dignidade, autoridade, e consideração, e ele deveria levar a glória. O ofício de execução é um ofício de exerção. Não é desde impotência que nós somos para esperar as tarefas de poder. Que tipo de pessoa é um rei para comandar serviço executório, que não tem nenhuns meios quaisquer para recompensá-lo? Não em um ofício permanente; não em uma concessão de terra; não, não em uma pensão de cinquenta libras a ano; não no título mais vão e mais trivial. Em França o rei não é nada mais a fonte de honra do que ele é a fonte de justiça. Todas recompensas, todas

distinções estão em outras mãos. Aqueles que servem o rei podem ser acionados por nenhum motivo natural a não ser medo; por um medo de toda coisa exceto o mestre deles. As funções dele de coerção interna são tão odiosas, como aquelas que ele exercita no departamento de justiça. Se alívio é para ser dado a qualquer municipalidade, a assembleia dá-o. Se tropas são para ser enviadas para reduzí-los a obediência à assembleia, o rei é para executar a ordem; e sobre toda ocasião ele é para ser borrifado sobre com o sangue de seu povo. Ele não tem nenhuma negativa; ainda assim seu nome e autoridade é usado para dar força a todo decreto ríspido. Não, ele precisa concorrer na carnificina daqueles que devem tentar liberá-lo de seu aprisionamento, ou mostrar a mais insignificante conexão a sua pessoa ou a sua autoridade antiga.

Magistratura executiva deveria ser constituida em uma tal maneira, que aqueles que a compõem deveriam ser dispostos a amar e a venerar aqueles a quem eles são vinculados a obedecer. Uma negligência proposital, ou, o que é pior, uma literal mas perversa e maligna obediência, precisa ser a ruina dos conselhos mais sábios. Em vão irá a lei tentar antecipar ou seguir tais negligências estudadas e atenções fraudulentas. Fazer homens agir zelosamente não está na competência de lei. Reis, mesmo tais como são verdadeiros reis, podem e deveriam carregar a liberdade de sujeitos que são odiosos para eles. Eles podem também, sem derrogar de si próprios, carregar mesmo a autoridade de tais pessoas se ela promove seu serviço. Louis o XIIIo mortalmente odiava o cardeal de Richlieu; mas seu suporte desse ministro contra seus rivais foi a fonte de toda a glória de seu reino, e a fundação sólida de seu trono ele mesmo. Louis o XIVo, quando vindo ao trono, não amava o cardeal Mazarin; mas para seus interesses ele preservou-o em poder. Quando velho, ele detestava Louvois; mas por anos, enquanto ele fielmente servia sua grandeza, ele tolerou sua pessoa. Quando George o IIo tomou Mr. Pitt, que certamente não era concorde a ele, dentro de seus conselhos, ele não fez nada que pudesse humilhar um soberano sábio. Mas estes ministros, que eram escolhidos por assuntos, não por afeições, atuavam no nome de, e em confiança para, reis; e não como seus admitidos, constitucionais, e ostensivos mestres. Eu penso-o impossível que qualquer rei, quando ele recuperou seus primeiros terrores, possa cordialmente infundir vivacidade e vigor em medidas que ele sabe serem ditadas por aqueles que ele precisa ser persuadido que são no mais alto grau doentemente afetados a sua pessoa. Irão quaisquer ministros, que servem um tal rei (ou o que quer que ele pode ser chamado) com nada a não ser uma aparência decente de respeito, cordialmente obedecer as ordens daqueles a quem mas o outro dia em seu nome eles tinham cometido à Bastilha? irão eles obedecer as ordens daqueles a quem, enquanto eles estavam exercitando justiça despótica sobre eles, eles conceberam que eles estavam tratando com lenidade; e para quem, em uma prisão, eles pensaram que eles tinham provido um asilo? Se vocês esperam tal obediência, entre suas outras inovações e regenerações, vocês deveriam fazer uma constituição para a mente humana. De outra forma, seu governo supremo não pode harmonizar com seu sistema executório. Existem casos em que nós não podemos associar-nos com nomes e abstrações. Você pode chamar meia dúzia de indivíduos liderantes, a quem nós não temos razão para temer e odiar, a nação. Não faz nenhuma outra diferença, do que nos fazer temer e odiá-los o mais. Se tivesse sido pensado justificável e conveniente fazer uma tal revolução por tais meios, e através de tais pessoas, como vocês fizeram a de vocês, teria sido mais sábio ter completado o negócio do quinto e sexto de Outubro. O novo oficial executivo iria então dever sua situação àqueles que são seus criadores tão bem como seus mestres; e ele poderia ser vinculado em interesse, na sociedade de crime, e (se em crimes pudesse haver virtudes) em gratidão, para servir aqueles que lhe tinham promovido a um lugar de grande lucro e grande indulgência sensual; e de alguma coisa mais: Pois mais ele precisa ter recebido daqueles que certamente não iriam ter limitado uma criatura engrandecida, como eles fizeram com um antagonista submisso.

Um rei circunstanciado como o presente, se ele é totalmente estupidificado por seus infortúnios, de modo a pensá-lo não a necessidade, mas o prêmio e privilégio de vida, comer e dormir, sem qualquer

consideração a glória, nunca pode ser ajustado para o ofício. Se ele se sente como homens comummente se sentem, ele precisa ser sensível, que um ofício tão circunstanciado é um em que ele não pode obter nenhuma fama ou reputação. Ele não tem nenhum interesse generoso que possa excitá-lo a ação. Na melhor, sua conduta irá ser passiva e defensiva. Para pessoas inferiores um tal ofício poderia ser matéria de honra. Mas ser levantado para ele, e descender para ele, são coisas diferentes, e sugerem sentimentos diferentes. Ele *realmente* nomeia os ministros? Eles irão ter uma simpatia com ele. São eles forçados sobre ele? O negócio todo entre eles e o rei nominal irá ser contra-ação mútua. Em todos outros países, o ofício de ministros de estado é da mais alta dignidade. Em França ele é cheio de perigo e incapaz de glória. Rivais contudo eles irão ter em seu nada, enquanto ambição rasa existe no mundo, ou o desejo de um salário miserável é um incentivo para avareza imprevidente. Esses competidores dos ministros são permitidos por sua constituição de atacá-los em suas partes vitais, enquanto eles não têm os meios de repelir suas mudanças em nenhum outro que não o caráter degradante de culpados. Os ministros de estado em França são as únicas pessoas nesse país que são incapazes de uma porção nos conselhos nacionais. Que ministros! Que conselhos! Que nação!---Mas eles são responsáveis. É um serviço pobre que é para ser tido desde responsabilidade. A elevação de mente, a ser derivada desde medo, não irá nunca fazer uma nação gloriosa. Responsabilidade previne crimes. Ela faz todas tentativas contra as leis perigosas. Mas para um princípio de ativo e zeloso serviço, ninguém a não ser idiotas poderia pensar disso. É a conduta de uma guerra para ser confiada a um homem que pode abominar seu princípio; que, em todo passo que ele pode tomar para torná-la bem-sucedida, confirma o poder daqueles por quem ele é oprimido? Irão estados estrangeiros tratar seriamente com ele que não tem nenhuma prerrogativa de paz ou guerra; não, não tanto como em um único voto por ele mesmo ou seus ministros, ou por qualquer um a quem ele pode possivelmente influenciar. Um estado de contempto não é um estado para um príncipe: melhor livrar-se dele de uma vez.

Eu sei que irá ser dito, que esses humores na corte e governo executivo irão continuar apenas através desta geração; e que o rei foi trazido a declarar o que o delfim deve ser educado em uma conformidade a sua situação. Se ele é feito a conformar a sua situação, ele não irá ter nenhuma educação absolutamente. Seu treinamento precisa ser pior mesmo do que o de um monarca arbitrário. Se ele lê,---se ele lê ou não, algum bom ou mau gênio irá dizer-lhe que seus ancestrais eram reis. Daí em diante seu objeto precisa ser assertar-se a si mesmo, e vingar seus pais. Isto vocês irão dizer que não é dever dele. Isso pode ser; mas isto é Natureza; e enquanto vocês melindram Natureza contra vocês, vocês fazem não-sabiamente em confiar a Dever. Neste esquema fútil de política, o estado alimenta em seu peito, para o presente, uma fonte de fraqueza, perplexidade, ação contrária, ineficiência, e decaimento (NT:decay, decadência); e ele prepara os meios de sua ruina final. Em resumo, eu não vejo nada na força executiva (eu não posso chamá-la autoridade) que tenha mesmo uma aparência de vigor, ou que tenha o menor grau de correspondência justa ou simetria, ou relação amigável, com o poder supremo, seja como ele agora existe, ou como ele é planejado para o governo futuro.

Vocês estabeleceram, por uma economia tão pervertida quanto a política, dois * (* Em realidade três, para computar os estabelecimentos republicanos provincianos.) estabelecimentos de governo; um real, um fictício. Ambos mantidos a um vasto custo; mas o fictício a, eu penso, o maior. Uma tal máquina como o último não vale a graxa de suas rodas. O custo é exorbitante; e nem a exibição nem o uso merecem a décima parte da cobrança. Oh! mas eu não faço justiça aos talentos dos legisladores. Eu não permito, como eu deveria fazer, por necessidade. O esquema deles de força executiva não foi escolha deles. Este espetáculo cívico precisa ser mantido. O povo não iria consentir em tomar parte com ele. Certo; eu entendo-o. Vocês, apesar de suas teorias grandes, às quais vocês teriam céu e terra dobrar-se, vocês sabe como conformar-se a si próprios à natureza e circunstâncias de coisas. Mas quando vocês foram obrigados a conformar-se assim longe a circunstâncias, vocês deveria ter carregado sua

submissão mais longe, e ter feito o que vocês eram obrigados a tomar, um instrumento próprio, e útil para seu fim. Isso estava em seu poder. Por exemplo, entre muitos outros, estava em seu poder deixar a seu rei o direito de paz e guerra. O quê! deixar ao magistrado executivo a mais perigosa de todas prerrogativas? Eu não conheço nenhuma mais perigosa; nem qualquer uma mais necessária de ser confiada. Eu não digo que esta prerrogativa deveria ser confiada a seu rei, a não ser que ele desfrutasse outras confianças auxiliares junto com ela, que ele não tem agora. Mas, se ele as possuísse, perigosas como elas são indubitavelmente, vantagens iriam surgir desde uma tal constituição, mais do que compensando o risco. Não existe outro jeito de manter os diversos potentados de Europa de intrigar distinta- e pessoalmente com os membros de sua assembleia, de intrometer-se em todas suas concernências, e fomentar, no coração de seu país, a mais perniciosa de todas facções; facções no interesse e sob a direção de poderes estrangeiros. Desse pior dos males, graças a Deus, nós ainda somos livres. Sua habilidade, se vocês tivessem alguma, seria bem empregada para descobrir corretivos e controles indiretos sobre esta perigosa confiança. Se vocês não gostavam daquelas que em Inglaterra nós escolhemos, seus líderes poderia ter exercido suas habilidades em maquinando melhor. Se fosse necessário exemplificar as consequências de um tal governo executivo como o de vocês, no gerenciamento de grandes assuntos, eu deveria referi-los aos tardios relatórios de M. de Montmorin à assembleia nacional, e todos os outros procedimentos relativos às diferenças entre Grã-Bretanha e Espanha. Seria tratar seu entendimento com desrespeito apontá-las a vocês.

Eu ouço que as pessoas que são chamadas ministros significaram uma intenção de resignar de seus lugares. Eu sou preferivelmente espantado que eles não resignaram muito tempo desde então. Para o universo eu não teria ficado na situação em que eles têm estado por este último doze-mês. Eles desejaram bem, eu tomo-o por garantido, para a Revolução. Deixe este fato ser como ele possa, eles não poderiam, colocados como eles estavam sobre uma eminência, embora uma eminência de humilhação, a não ser serem os primeiros a ver coletivamente, e a sentir cada em seu próprio departamento, os males que foram produzidos por essa revolução. Em todo passo que eles tomaram, ou evitaram tomar, eles precisam ter sentido a situação degradada de seu país, e sua total incapacidade de servir-lhe. Eles estão em uma espécie de servitude subordinada, em que nenhuns homens antes deles jamais foram vistos. Sem confiança de seu soberano, sobre quem eles foram forçados, ou da assembleia que os forçou sobre ele, todas as funções nobres de seu ofício são executadas por comitês da assembleia, sem qualquer consideração qualquer a sua autoridade pessoal, ou oficial. Eles são para executar, sem poder; eles são para ser responsáveis, sem discrição; eles são para deliberar, sem escolha. Em sua situação confusa, sob dois soberanos, sobre nenhum dos quais eles têm qualquer influência, eles precisam atuar em uma tal maneira como (em efeito, o que quer que eles possam tencionar) algumas vezes trair o um, algumas vezes o outro, e sempre trair-se a si mesmos. Tal tem sido sua situação, tal precisa ser a situação daqueles que os sucederem. Eu tenho muito respeito, e muitos bons desejos, para Mr. Necker. Eu sou obrigado a ele por atenções. Eu pensei que quando seus inimigos tivessem-no feito sair de Versailles, seu exílio foi um tema de mais séria congratulação---*sed multae urbes et publica vota vicerunt*. Ele está agora sentando sobre as ruinas das finanças, e da monarquia de França.

Uma grande quantidade mais poderia ser observado sobre a estranha constituição da parte executiva do novo governo; mas fadiga precisa dar limites à discussão de sujeitos, que neles mesmos têm dificilmente quaisquer limites.

Tão pouco gênio e talento sou eu capaz de perceber no plano de judicatura formado pela assembleia nacional. De acordo com o curso invariável deles, os estruturadores de sua constituição começaram com a total abolição dos parlamentos. Estes corpos veneráveis, como o resto do velho governo, estavam em necessidade de reforma, mesmo embora não devesse existir nenhuma mudança feita na

monarquia. Eles requeriam diversas alterações mais para adaptá-los ao sistema de uma constituição livre. Mas eles tinham particulares na constituição, e esse não poucos, que mereciam aprovação dos sábios. Eles possuiam uma excelência fundamental; eles eram independentes. A circunstância mais duvidosa atendente sobre o ofício deles, a de ele ser vendível, contribuiu contudo para esta independência de caráter. Eles tinham por vida (NT:held for life, tinham, mantinham; vitaliciamente). De fato eles podem ser ditos de ter tido por herança. Apontados pelo monarca, eles eram considerados como quase fora do poder dele. As mais determinadas exerções dessa autoridade contra eles apenas mostrava sua independência radical. Eles compunham corpos permanentes políticos, constituidos para resistir a inovação arbitrária; e desde essa constituição corporativa, e desde a maioria das formas (NT:forms, modelos, formularios, formas) deles, eles eram bem calculados para produzir ambos certeza e estabilidade para as leis. Eles tinham sido um asilo seguro para assegurar estas leis em todas as revoluções de humor e opinião. Eles tinham salvo esse depósito sagrado do país durante os reinados de príncipes arbitrários, e as lutas de facções arbitrárias. Eles mantinham viva a memória e registro da constituição. Eles eram a grande segurança para propriedade privada; que poderia ser dito (quando liberdade pessoal não tinha nenhuma existência) de ser, de fato, tão bem guardada em França como em qualquer outro país. O que quer que seja supremo em um estado, deveria ter, tanto quanto possível, sua autoridade judicial de tal forma constituida como não apenas a não depender sobre ela, mas em alguma maneira balanceá-la. Isso deveria dar uma segurança a sua justiça contra seu poder. Isso deveria fazer sua judicatura, como se fosse, alguma coisa exterior ao estado.

Estes parlamentos tinham fornecido, não a melhor certeza, mas algum considerável corretivo aos excessos e vícios da monarquia. Uma tal judicatura independente era dez vezes mais necessária quando uma democracia tornou-se o poder absoluto do país. Nessa constituição, eletivos, temporários, locais juízes, tais como vocês maquinaram, exercitando suas funções dependentes em uma sociedade estreita, precisa ser o pior de todos tribunais. Neles será vão procurar por qualquer aparência de justiça no sentido de estrangeiros, no sentido dos odiosos ricos, no sentido das minorias de partidos conquistados e debandados, no sentido de todos aqueles que na eleição suportaram candidatos sem-sucesso. Será impossível manter os novos tribunais livres do pior espírito de facção. Todas maquinações por cédula (NT:ballot, cédula, voto, etc.), nós sabemos experimentalmente, de ser vãs e infantis para prevenir uma descoberta de inclinações. Onde elas podem melhor responder os propósitos de ocultamento, elas respondem para produzir suspeição, e isto é uma ainda mais nociva causa de parcialidade.

Se os parlamentos tivessem sido preservados, em vez de ser dissolvidos em tão ruinosa uma mudança para a nação, eles poderiam ter servido nesta nova nação, talvez não precisamente os mesmos (eu não quero dizer um paralelo exato) mas proximamente os mesmos propósitos como a corte e senado de Areopagus fizeram em Atenas; isto é, como uma das balanças e corretivos para os males de uma leve e injusta democracia. Todos sabem, que este tribunal era o grande esteio desse estado; todos sabem com que cuidado ele era sustentado, e com que reverência religiosa ele era consagrado. Os parlamentos não eram totalmente livres de facção, eu admito; mas este mal era exterior e acidental, e não tanto o vício da constituição deles ela mesma, como precisa ser em sua nova maquinação de judicatórios eletivos sexenais. Diversos Ingleses recomendam a abolição dos velhos tribunais, como supondo que eles determinavam toda coisa por suborno e corrupção. Mas eles passaram o teste de escrutínio monárquico e republicano. A corte era bem disposta para provar corrupção sobre esses corpos quando eles foram dissolvidos em 1771.---Aqueles que novamente os dissolveramteriam feito o mesmo se eles pudessem---mas ambas inquisições tendo falhado, eu concluo, essa grossa corrupção pecuniária precisa ter sido preferivelmente rara entre eles.

Teria sido prudente, junto com os parlamentos, preservar o poder antigo deles de registrar, e de protestar ao menos, sobre todos os decretos da assembleia nacional, como eles faziam sobre aqueles

que passavam no tempo da monarquia. Seria um meio de endireitar os decretos ocasionais de uma democracia para alguns princípios de jurisprudência geral. O vício das democracias antigas, e uma causa da ruina delas, foi, que elas governavam, como vocês fazem, por decretos ocasionais, *psephismata*. Esta prática logo rompeu sobre o tenor e consistência das leis; ela abateu o respeito do povo no sentido delas; e totalmente destruiu-as no fim.

Seu investimento do poder de protesto, que, no tempo da monarquia, existia no parlamento de Paris, em seu oficial executivo principal, a quem, apesar de senso comum, vocês perseveram em chamar rei, é a altura de absurdidade. Vocês não deveriam nunca sofrer protesto dele que é para executar. Isto não é para entender nem conselho nem execução; nem autoridade nem obediência. A pessoa a quem vocês chamam rei, não deveria ter este poder, ou ele deveria ter mais.

Seu arranjamento presente é estritamente judicial. Em vez de imitar sua monarquia, e sentar seus juízes sobre um banco de independência, seu objeto é reduzí-los à mais cega obediência. Como vocês mudaram todas coisas, vocês inventaram novos princípios de ordem. Vocês primeiro apontam juízes, que, eu suponho, são para determinar de acordo com lei, e então vocês deixam-nos saber, que, em alguma hora ou outra, vocês tencionam dar-lhes alguma lei por que eles são para determinar. Quaisquer estudos que eles tenham feito (se qualquer eles fizeram) são para ser inúteis a eles. Mas para suprir estes estudos, eles são para ser jurados de obedecer todas as regras, ordens, e instruções, que de tempo para tempo eles são para receber da assembleia nacional. Estas, se eles submeterem-se a elas, eles não deixam nenhum chão de lei para o sujeito. Eles tornam-se completos, e mais perigosos instrumentos nas mãos do poder governante, que, no meio de uma causa, ou sobre o prospecto dela, pode mudar totalmente a regra de decisão. Se estas ordens da Assembleia Nacional vierem a ser contrárias à vontade do povo que localmente escolhem esses juízes, tal confusão precisa acontecer como é terrível de pensar. Pois os juízes devem seu lugar à autoridade local; e os comandos que eles são jurados de obedecer vêm daqueles que não têm nenhuma porção em seu apontamento. No meio tempo eles têm o exemplo da corte de *Chatelet* para encorajar e guiá-los no exercício de suas funções. Essa corte é para testar criminosos enviados a ela pela Assembleia Nacional, ou trazidos diante dela por outros cursos de delação. Eles sentam sob uma guarda, para salvar suas próprias vidas. Eles não sabem por que lei eles julgam, nem sob que autoridade eles atuam, nem por que posse eles têm. É pensado que eles são alguma vezes obrigados a condenar a perigo de suas vidas. Isto não é talvez certo, nem pode ser verificado; mas quando eles inocentam, nós sabemos, eles viram (NT:viram (verbo ver)) as pessoas a quem eles descarregam, com perfeita impunidade para os atores, enforcadas à porta de sua corte.

A assembleia de fato promete que eles irão formar um corpo de lei, que deve ser curto, simples, claro, e assim por diante. Isto é, por suas leis curtas, eles irão deixar muito à discrição do juiz; enquanto eles explodiram a autoridade de todo o aprendizado que poderia fazer discrição judicial, (uma coisa perigosa na melhor) merecendo a apelação de uma discrição *saudável*.

É curioso observar, que os corpos administrativos são cuidadosamente isentados da jurisdição destes novos tribunais. Isto é, essas pessoas são isentadas do poder das leis, que deveriam ser as mais inteiramente submetidas a elas. Aqueles que executam confianças pecuniárias públicas, deveriam de todos homens ser os mais estritamente mantidos firme a seu dever. Um iria ter pensado, que precisa ter estado entre seus primeiros cuidados, se vocês não pretendiam que esses corpos administrativo devessem ser estados independentes soberanos reais, formar um tribunal respeitável, como seus parlamentos tardios, ou como nosso banco-de-rei (NT:king's bench), onde todos oficiais corporativos poderiam obter proteção no exercício legal de suas funções, e iriam achar coerção se eles transgredissem contra seu dever legal. Mas a causa da isenção é plana. Estes corpos administrativos são os grandes instrumentos dos líderes presentes em seu progresso através de democracia para oligarquia.

Eles precisam portanto ser postos acima da lei. Será dito, que os tribunais legais que vocês fizeram são inadequados para coagi-los (NT:coagir eles). Eles são indubitavelmente. Eles são inadequados para qualquer proposta racional. Será dito também, que os corpos administrativos serão responsáveis à assembleia geral. Isto eu temo é falar, sem muita consideração, da natureza dessa assembleia ou destas corporações. Contudo, ser sujeito ao prazer dessa assembleia, não é ser sujeito a lei, seja para proteção ou para constrangimento.

Este estabelecimento de juízes ainda quer alguma coisa para sua completação. Ele é para ser coroado por um tribunal novo. Este é para ser uma grande judicatura de estado; e ele é para julgar de crimes cometidos contra a nação, isto é, contra o poder da assembleia. Parece como se eles tivessem alguma coisa em sua vista da natureza da alta corte de justiça erigida em Inglaterra durante o tempo da grande usurpação. Como eles ainda não terminaram esta parte do esquema, é impossível formar um julgamento direto sobre ela. Contudo, se grande cuidado não for tomado para formá-la em um espírito muito diferente daquele que os tem guiado em seus procedimentos relativos a ofensas de estado, este tribunal, subserviente à inquisição deles, *o comitê de pesquisa*, irá extinguir as últimas centelhas de liberdade em França, e estabelecer a mais terrível e arbitrária tirania alguma vez conhecida em qualquer nação. Se eles desejam dar a este tribunal qualquer aparência de liberdade e justiça, eles precisam não evocar de, ou enviar a ele, as causas relativas a seus próprios membros, a seu prazer. Eles precisam também remover o feito desse tribunal fora da república de Paris *. (*Para elucidações ulteriores sobre o tema de todas estas judicaturas, e do comitê de pesquisa, ver o trabalho de M. de Calonne.)

Foi mais sabedoria exibida na constituição de seu exército do que é descobrível em seu plano de judicatura? O arranjamento hábil desta parte é mais difícil, e requere maior habilidade e atenção, não somente como uma grande concernência em si mesma, mas como ele é o terceiro princípio cimentador no novo corpo de repúblicas, que vocês chamam a nação Francesa. Verdadeiramente não é fácil prever o que esse exército pode tornar-se por fim. Vocês votaram um muito grande um, e sobre bons apontamentos, ao menos totalmente igual a seu meio aparente de pagamento. Mas qual é o princípio da disciplina dele? ou a quem é ele para obedecer? Vocês pegaram o lobo pelas orelhas, e eu desejo a vocês alegria da posição feliz em que vocês escolheram colocar-se a si mesmos, e em que vocês estão bem circunstanciados para uma deliberação livre, relativamente a esse exército, ou a qualquer outra coisa.

O ministro e secretário de estado para o departamento de guerra, é M. de la Tour du Pin. Este gentil-homem, como seus colegas em administração, é um mais zeloso assertor da revolução, e um sanguíneo admirador da nova constituição, que originou-se nesse evento. Sua declaração de fatos, relativa à força militar de França, é importante, não apenas por sua autoridade oficial e pessoal, mas porque ela exibe muito claramente a condição real do exército em França, e porque ela joga luz sobre os princípios sobre que a assembleia procede na administração deste objeto crítico. Pode nos permitir formar algum julgamento quão longe pode ser conveniente neste país imitar a política marcial de França.

M. de la Tour du Pin, no 4.o de Junho último, vem a dar um relato do estado de seu departamento, como ele existe sob os auspícios da assembleia nacional. Nenhum homem o conhece tão bem; nenhum homem pode expressá-lo melhor. Endereçando-se à Assembleia Nacional, ele diz, "Sua Majestade *este dia* enviou-me para informar vocês das desordens multiplicadas de que *todo dia* ele recebe a mais angustiante inteligência. O exército (le corps militaire) ameaça cair na mais turbulenta anarquia. Regimentos inteiros ousaram violar de uma vez o respeito devido às leis, ao Rei, à ordem estabelecida por seus decretos, e aos juramentos que eles tomaram com a mais impressionante solenidade. Compelido por meu dever de dar-lhes informação destes excessos, meu coração sangra quando eu considero quem eles são que os cometeram. Aqueles, contra quem não está em meu poder reter as mais

penetrantes reclamações, são uma parte dessa mesma soldadesca que até este dia têm sido tão cheios de honra e lealdade, e com quem, por cinquenta anos, eu tenho vivido o camarada e o amigo.

"Que espírito incompreensível de delírio e delusão levou-os todos de uma vez fora do caminho certo? Enquanto vocês são infatigáveis em estabelecendo uniformidade no império, e moldando o todo em um corpo coerente e consistente; enquanto os Franceses são ensinados por vocês, de uma vez a respeitar o que as leis devem aos direitos de homem, e o que os cidadãos devem às leis, a administração do exército não apresenta nada a não ser distúrbio e confusão. Eu vejo em mais do que um corpo os laços de disciplina relaxados ou quebrados; as mais inauditas pretensões admitidas diretamente e sem qualquer disfarce; as ordenanças sem força; os chefes sem autoridade; o peito militar e as cores carregadas fora; a autoridade do Rei ele mesmo [*risum teneatis*] orgulhosamente desafiada; os oficiais desprezados, degradados, ameaçados, afugentados, e alguns deles prisioneiros no meio de seu corpo, dragando adiante uma vida precária no seio de desgosto e humilhação. Para preencher a medida de todos estes horrores, os comandantes de lugares tiveram suas gargantas cortadas, sob os olhos, e quase nos braços de seus próprios soldados.

"Estes males são grandes; mas eles não são as piores consequências que podem ser produzidas por tais insurreições militares. Mais cedo ou mais tarde elas podem ameaçar a nação ela mesma. *A natureza de coisas requere*, que o exército não deveria nunca atuar a não ser como *um instrumento*. O momento que, erigindo-se a si mesmo em um corpo deliberativo, ele deve atuar de acordo com suas próprias resoluções, o *governo, seja ele o que possa, irá imediatamente degenerar em uma democracia militar*; uma espécie de monstro político, que tem sempre terminado por devorar aqueles que o produziram.

"Depois de tudo isto, quem não precisa ser alarmado às consultações irregulares, e comitês turbulentos, formados em alguns regimentos pelos soldados comuns e oficiais não-comissionados, sem o conhecimento, ou mesmo em contempto da autoridade de seus superiores; embora a presença e concorrência desses superiores não pudesse dar nenhuma autoridade a tais monstruosas assembleias democráticas [comices.]" (NT:comices, francês, comícios, etc.)

Não é necessário adicionar muito a este retrato terminado: terminado tão longe como sua tela admite; mas, como eu apreendo, não tomando dentro o todo da natureza e complexidade das desordens desta democracia militar, que, o ministro em guerra verdadeiramente e sabiamente observa, onde quer que ela exista, precisa ser a verdadeira constituição do estado, por qualquer apelação formal que ela possa passar. Pois, embora ele informe a assembleia, que a parte mais considerável do exército não jogaram fora sua obediência, mas estão ainda atados a seu dever, ainda aqueles viajantes que viram os corpos cuja conduta é a melhor, preferivelmente observam neles a ausência de motim do que a existência de disciplina.

Eu não posso evitar pausar aqui por um momento, para refletir sobre as expressões de surpresa que este Ministro deixou cair, relativas aos excessos que ele relata. Para ele a partida das tropas de seus antigos princípios de lealdade e honra parece quase inconcebível. Certamente aqueles a quem ele se endereça sabem as causas disso mas bem demais. Eles conhecem as doutrinas que eles pregaram, os decretos que eles passaram, as práticas que eles sustentaram. Os soldados lembram-se do 6.o de Outubro. Eles recordam-se das guardas Francesas. Eles não esqueceram a tomada dos castelos do Rei em Paris, e em Marseilles. Que os governadores em ambos lugares, foram assassinados com impunidade, é um fato que não passou fora de suas mentes. Eles não abandonam os princípios deitados tão ostentosamente e laboriosamente da igualdade de homens. Eles não podem cerrar seus olhos à degradação da nobreza toda de França; e a supressão da ideia mesma de um gentil-homem. A abolição total de títulos e distinções não está sem efeito sobre eles (NT:is not lost upon them, não está perdida sobre eles, não

está sem efeito sobre eles). Mas Mr. du Pin está espantado à deslealdade deles, quando os doutores da assembleia os ensinaram ao mesmo tempo o respeito devido a leis. É fácil julgar qual dos dois tipos de lição homens com armas em suas mãos são prováveis de aprender. Quanto à autoridade do Rei, nós podemos coletar do ministro ele mesmo (se qualquer argumento nessa cabeça não fosse inteiramente supérfluo) que ela não é de mais consideração com estas tropas, do que ela é com todos mais. "O Rei," diz ele, "repetiu repetidamente (NT:over and over again) suas ordens para pôr uma parada a estes excessos: mas, em tão terrível uma crise *sua* [da assembleia] concorrência é tornada indispensavelmente necessária para prevenir os males que ameaçam o estado. *Vocês* unem à força do poder legislativo, *aquela de opinião* ainda mais importante." Para ser certo o exército não pode ter nenhuma opinião do poder ou autoridade do rei. Talvez o soldado tenha por este tempo aprendido, que a assembleia ela mesma não desfruta de um grau muito maior de liberdade do que a figura real.

Está agora para ser visto o que foi proposto nesta exigência, uma das maiores que pode acontecer em um estado. O Ministro requer à assembleia para ordenar a si própria em todos seus terrores, e para chamar adiante (NT:call forth/suscitar; forth/para a frente; chamar adiante) toda sua majestade. Ele deseja que os graves e severos princípios anunciados por eles possam dar vigor à proclamação do Rei. Depois disto nós deveríamos ter procurado por cortes civil e marcial; quebrando de alguns corpos, dizimando outros, e todos os meios terríveis que necessidade empregou em tais casos para parar o progresso do mais terrível de todos males; particularmente, um poderia esperar, que um inquirimento sério iria ser feito dentro do assassinato de comandantes na vista de seus soldados. Nenhuma palavra de tudo isto, ou de qualquer coisa como isto. Depois que lhes tinha sido dito que a soldadesca espezinhou sobre os decretos da assembleia promulgados pelo Rei, a assembleia passam novos decretos; e eles autorizam o Rei a fazer novas proclamações. Depois que o Secretário em Guerra tinha declarado que os regimentos não tinham prestado nenhuma consideração a juramentos *prêtés avec la plus imposante solemnité*--eles propõem--o quê? Mais juramentos. Eles renovam decretos e proclamações à medida que eles experimentam sua insuficiência, e eles multiplicam juramentos em proporção como eles enfraquecem, nas mentes de homens, as sanções de religião. Eu espero que essas abreviações convenientes dos excelentes sermões de Voltaire, d'Alembert, Diderot, e Helvetius, sobre a Imortalidade da Alma, sobre uma Providência superintendente particular, e sobre um Estado Futuro de Recompensas e Punições, sejam enviados abaixo para os soldados juntamente com seus juramentos cívicos. Disto eu não tenho nenhuma dúvida; como eu entendo, que uma certa descrição de leitura faz nenhuma parte inconsiderável de seus exercícios militares, e que eles são totalmente tão bem supridos com a munição de panfletos como de cartuchos.

Prevenir os males surgindo desde conspirações, consultações irregulares, comitês sediciosos, e assembleias democráticas monstruosas ['comitia, comices'] dos soldados, e todas as desordens surgindo desde inatividade, luxo, dissipação, e insubordinação, eu acredito que os meios mais espantosos foram usados, que alguma vez ocorreram a homens, mesmo em todas as invenções desta prolífica era. Não é nada menos do que isto:---O Rei promulgou em cartas circulares a todos os regimentos sua autoridade direta e encorajamento, que os vários corpos deveriam juntar-se com os clubes e confederações nas várias municipalidades, e misturar-se com eles em suas festas e entretenimentos cívicos! Esta alegre disciplina, parece, é para suavizar a ferocidade de suas mentes; para reconciliá-los a seus companheiros de garrafa de outras descrições; e para fundir conspirações particulares em associações mais gerais *. (* Comme sa Majesté y a reconnu, non une systême d'associations particulières, mais une réunion de volontés de tous les François pour la liberté et la prosperité communes, ainsi pour le maintien de l'ordre publique; il a pensé qu'il convenoit que chaque regiment prit part a ces fêtes civiques pour multiplier les rapports, et referrer les liens d'union entre les citoyens et les troupes.---Para que não ocorra que eu não devesse ser creditado, eu insiro as palavras, autorizando as tropas a festejar com as confederações populares.) Que esse remédio seria agradável para os soldados, como eles são descritos por Mr. de la

Tour du Pin, eu posso prontamente acreditar; e que, não importando quão amotinados de outra maneira, eles irão zelosamente submeter-se a si mesmo a *estas* proclamações reais. Mas eu deveria questionar se todo este jurar, associação, e festejar cívicos, iriam dispô-los mais do que em presente eles estão dispostos, a uma obediência a seus oficiais; ou ensiná-los melhor a submeter-se às regras austeras de disciplina militar. Irá fazê-los cidadão admiráveis à maneira do modo Francês, mas não inteiramente tão bons soldados à maneira de qualquer modo. Uma dúvida poderia bem surgir, se as conversações nestas boas mesas, iriam adequá-los muito melhor para o caráter de *meros instrumentos*, que este oficial e homem-de-estado veterano justamente observa, a natureza de coisas sempre requere um exército de ser.

Concernindo a probabilidade deste melhoramento em disciplina, pela conversação livre dos soldados com as sociedades festivas municipais, que é assim oficialmente encorajada por autoridade e sanção reais, nós podemos julgar pelo estado das municipalidades elas mesmas, fornecido a nós pelo ministro de guerra neste discurso mesmo. Ele concebe boas esperanças do sucesso de seus empenhos no sentido de restaurar ordem *para o presente* desde as boas disposições de certos regimentos; mas ele acha alguma coisa nebulosa com referência ao futuro. Quanto a prevenir o retorno de confusão "para isto, a administração (diz ele) não pode ser responsável a você, enquanto eles vejam as municipalidades arrogar-se a si mesmas uma autoridade sobre as tropas, que suas instituições reservaram totalmente para o monarca. Vocês fixaram os limites da autoridade militar e da autoridade municipal. Vocês vincularam a ação, que vocês permitiram para a última sobre a anterior, ao direito de requisição; mas nunca a carta ou o espírito de seus decretos autorizou os comuns nestas municipalidades a quebrar os oficiais, a testá-los, a dar ordens aos soldados, a fazê-los sair dos postos cometidos a sua guarda, a pará-los em suas marchas ordenadas pelo Rei, ou, em uma palavra, a escravizar as tropas ao capricho de cada das cidades ou mesmo municípios-de-mercado através de que eles eram para passar."

Tal é o caráter e disposição da sociedade municipal que é para reclamar a soldadesca, para trazê-los de volta aos verdadeiros princípios de subordinação militar, e para torná-los máquinas nas mãos do poder supremo do país! Tais são os destemperos das tropas Francesas! Tal é sua cura! Como o exército é, do mesmo modo é a marinha. As municipalidades suplantam as ordens da assembleia, e os homens-de-mar em seu turno (NT:in their turn/por sua vez, em seu turno) suplantam as ordens das municipalidades. De meu coração eu tenho pena da condição de um servente respeitável do público, como este ministro de guerra, obrigado em sua idade velha a beber à saúde da (NT:pledge, empenhar, brindar, etc.) assembleia nos copos cívicos deles, e a entrar com uma cabeça grisalha (NT:hoary) para dentro de todas as extravagâncias fantásticas destes políticos juvenis. Tais esquemas não são como proposições vindo de um homem de cinquenta anos de desgaste entre humanidade. Eles parecem preferivelmente tais como deveriam ser esperados desses grandes compositores em política, que encurtam a rua para seus graus no estado; e têm uma certa segurança e iluminação fanática interior sobre todos sujeitos; sobre o crédito de que um de seus doutores pensou adequado, com grande aplauso, e maior sucesso, acautelar a assembleia para não atender a homens velhos, ou a quaisquer pessoas que se valorizassem sobre sua experiência. Eu suponho que todos os ministros de estado precisam qualificar-se, e tomar este teste; totalmente abjurando os erros e heresias de experiência e observação. Todo homem tem seu próprio tempero. Mas eu penso, que se eu não pudesse atingir à sabedoria, eu iria ao menos preservar alguma coisa da dignidade rija e peremptória de idade. Estes gentis-homens comerciam em regeneração; mas a qualquer preço eu deveria dificilmente entregar minhas fibras rígidas para serem regeneradas por eles; nem começar, em meu grande período climatérico, a tempestear em seus novos sotaques, ou a tartamudear, em meu segundo berço, os sons elementares de sua metafísica bárbara *. (* Este ministro-de-guerra desde então abandonou a escola e resignou de seu ofício.) *Si isti mihi largiantur ut repueriscam, et in eorum cunis vagiam, valde recusem!*

A imbecilidade de qualquer parte do pueril e pedante sistema, que eles chamam uma constituição, não pode ser deitada aberta sem descobrir a total insuficiência e mal de toda outra parte com que ela entra em contato, ou que carrega qualquer mais remota relação a ela. Você não pode propor um remédio para a incompetência da coroa, sem exibir a debilidade da assembleia. Você não pode deliberar sobre a confusão do exército do estado, sem revelar as piores desordens das municipalidades armadas. O exército deita aberto o civil, e o civil trai a anarquia militar. Eu desejo todo corpo de ler com atenção cuidadosamente o eloquente discurso (tal ele é) de Mons. de la Tour de Pin. Ele atribui a salvação das municipalidades ao bom-comportamento de algumas das tropas. Estas tropas são para preservar a parte bem-disposta dessas municipalidades, que é confessada de ser a mais fraca, desde a pilhagem da pior-disposta, que é a mais forte. Mas as municipalidades afetam uma soberania e irão comandar essas tropas que são necessárias para sua proteção. De fato elas precisam comandá-las ou cortejá-las. As municipalidades, pela necessidade de sua situação, e pelos poderes republicanos que elas obtiveram, precisam, com relação ao exército, ser os mestres, ou os serventes, ou os confederados, ou cada um sucessivamente; ou elas precisam fazer uma miscelânea de tudo junto, de acordo com as circunstâncias. Que governo existe para coagir o exército mas não a municipalidade, ou a municipalidade mas não o exército? Para preservar concórdia onde autoridade é extinguida, ao risco de todas consequências, a assembleia tenta curar os destemperos pelos destemperos eles-mesmos; e eles esperam preservar-se a si mesmos de uma democracia puramente militar, por dando-lhe um interesse debochado no municipal.

Se os soldados uma vez vêm a misturar-se por qualquer tempo nos clubes municipais, cabalas, e confederações, uma atração eletiva irá puxá-los à parte mais baixa e mais desesperada. Com eles irão estar seus hábitos, afeições, e simpatias. As conspirações militares, que são para ser remediadas por confederações cívicas; as municipalidades rebeldes, que são para ser tornadas obedientes por fornecendo-lhes com os meios de seduzir os exércitos mesmos do estado que são para mantê-los em ordem; todas essas quimeras de uma política monstruosa e portentosa, precisam agravar as confusões desde as quais elas surgiram. Precisa haver sangue. A falta de julgamento comum manifestada na construção de todas descrições deles de forças, e em todos seus tipos de autoridades civis e judiciais, irão fazê-lo fluir. Desordens podem ser aquietadas em um tempo e em uma parte. Elas irão rebentar (NT:break out/irromper) em outras; porque o mal é radical e intrínsico. Todos estes esquemas de misturar soldados amotinados com cidadãos sediciosos, precisam enfraquecer ainda mais e mais a conexão militar de soldados com seus oficiais, tão bem como adicionar audácia militar e amotinada a turbulentos artífices e camponeses. Para assegurar um exército real, o oficial deveria ser primeiro e último no olho do soldado; primeiro e último em sua atenção, observância, e estima. Oficiais parece que há para haver, cuja qualificação principal precisa ser temperamento e paciência. Eles são para gerenciar suas tropas por artes de propaganda eleitoral. Eles precisam carregar-se a si mesmos como candidatos não como comandantes. Mas como por tais meios poder pode estar ocasionalmente em suas mãos, a autoridade por que eles são para ser nomeados torna-se de alta importância.

O que vocês podem fazer afinal, não aparece; nem é de muito momento, enquanto a estranha e contraditória relação entre seu exército e todas as partes de sua república, tão bem como a relação confundida dessas partes uma com a outra e com o todo, permanecem como elas são. Vocês parecem ter dado a nomeação provisional dos oficiais, na primeira instância, ao rei, com uma reserva de aprovação pela Assembleia Nacional. Homens que têm um interesse para perseguir são extremamente sagazes em descobrindo o feito verdadeiro de poder. Eles precisam logo perceber que aqueles que podem negativar indefinidamente, em realidade apontam. Os oficiais precisam portanto olhara para suas intrigas nessa assembleia, como a única rua certa para promoção. Ainda, contudo, pela nova constituição de vocês eles precisam começar sua solicitação em corte. Esta negociação dupla para posto militar parece-me uma maquinação tão bem adaptada, como se ela fora estudada para nenhum outro fim, para promover facção na assembleia ela-mesma, relativa a esta vasta patronagem militar; e então

envenenar o corpo de oficiais com facções de uma natureza ainda mais perigosa para a segurança de governo, sobre qualquer fundo sobre que ela pode ser colocada, e destrutiva no fim para a eficiência do exército ele-mesmo. Esses oficiais, que perdem as promoções tencionadas para eles pela coroa, precisam tornar-se de uma facção oposta àquela da assembleia que rejeitou seus clamores, e precisam nutrir descontentamentos no coração do exército contra os poderes regentes. Esses oficiais, pelo outro lado, que, por carregando seu ponto através de um interesse na assembleia, sentem-se de estar na melhor das hipóteses apenas segundo na boa-vontade da coroa, embora primeiro naquela da assembleia, precisam desconsiderar uma autoridade que não iria avançar, e não poderia retardar sua promoção. Se para evitar estes males vocês não irão ter nenhuma outra regra para comando ou promoção do que precedência (NT:seniority, antiguidade, precedencia, prioridade, etc.) vocês irão ter um exército de formalidade; ao mesmo tempo ele irá tornar-se mais independente, e mais de uma república militar. Não eles mas o rei é a máquina. Um rei não é para ser deposto por metades. Se ele não é toda coisa no comando de um exército, ele não é nada. Qual é o efeito de um poder colocado nominalmente na cabeça do exército, que para esse exército não é nenhum objeto de gratidão, ou de medo? Uma tal cifra não é adequada para a administração de um objeto, de todas coisas a mais delicada, o comando supremo de homens militares. Eles precisam ser constrangidos (e suas inclinações levam-nos ao que sua necessidade requere) por uma autoridade real, vigorosa, efetiva, decidida, pessoal. A autoridade da assembleia ela-mesma sofre por passando através de um tal canal debilitante como eles escolheram. O exército não irá por muito tempo olhar para uma assembleia atuando através do órgão de exibição falsa, e imposição palpável. Eles não irão seriamente render obediência a um prisioneiro. Eles irão ou desprezar um espetáculo cívico, ou eles irão ter pena de um rei cativo. Esta relação de seu exército com sua coroa irá, se eu não estou grandemente enganado, tornar-se um dilema sério em sua política.

É além disso para ser considerado, se uma assembleia como a de vocês, mesmo supondo que ela estava em posse de um outro tipo de órgão através do qual suas ordens eram para passar, é adequada para promover a obediência e disciplina de um exército. É sabido, que exércitos têm até este ponto rendido uma obediência muito precária e incerta a qualquer senado, ou autoridade popular; e eles irão o menos de tudo rendê-la a uma assembleia que é para ter apenas uma continuação de dois anos. Os oficiais precisam totalmente perder a disposição característica de homens militares, se eles vêem com submissão perfeita e admiração devida, o domínio de alegantes; especialmente quando eles vêem, que eles têm uma nova corte para pagar para uma sucessão sem-fim desses alegantes, cuja política militar, e o gênio de cujo comando (se eles devessem ter qualquer) precisa ser tão incerto como sua duração é transiente. Na fraqueza de um tipo de autoridade, e na flutuação de todos, os oficiais de um exército irão permanecer por algum tempo amotinados e cheios de facção, até que algum general popular, que entende a arte de conciliar a soldadesca, e que possui o espírito verdadeiro de comando, deve atrair os olhos de todos homens sobre si. Exércitos irão obedecê-lo sobre a conta pessoal dele. Não há nenhum outro jeito de assegurar obediência militar neste estado de coisas. Mas o momento em que esse evento deve acontecer, a pessoa que realmente comanda o exército é mestre de vocês; o mestre (isso é pouco) de seu rei, o mestre de sua assembleia, o mestre de sua república toda.

Como veio a assembleia a seu poder presente sobre o exército? Principalmente, para ser certo, por debochando os soldados desde seus oficiais. Eles começaram por uma mais terrível operação. Eles tocaram o ponto central, acerca do qual as partículas que compõem exércitos estão em repouso. Eles destruíram o princípio de obediência na grande ligação crítica essencial entre o oficial e o soldado, justo onde a corrente de subordinação militar começa, e sobre que o todo desse sistema depende. Ao soldado se diz, que ele é um cidadão, e tem os direitos de homem e cidadão. O direito de um homem, diz-se a ele, é para ser seu próprio governador, e para ser regido apenas por aqueles a quem ele delega esse auto-governo. É muito natural que ele devesse pensar, que ele deveria mais de tudo ter sua escolha

onde ele é para render o maior grau de obediência. Ele irá portanto, em toda probabilidade, sistematicamente fazer, o que ele faz em presente ocasionalmente; isto é, ele irá exercitar ao menos uma negativa na escolha de seus oficiais. Em presente os oficiais são sabidos na melhor das hipóteses de ser apenas permissivos, e sobre seu bom comportamento. De fato, tem havido muitas instâncias em que eles têm sido demitidos por seu corpo. Aqui está uma segunda negativa sobre a escolha do rei; uma negativa tão efetiva ao menos como a outra da assembleia. Os soldados sabem já que tem sido uma questão, não doentemente recebida na assembleia nacional, se eles não deveriam ter a escolha direta de seus oficiais, ou alguma proporção deles? Quando tais matérias estão em deliberação, não é nenhuma suposição extravagante que eles irão inclinar-se à opinião mais favorável a suas pretensões. Eles não irão suportar ser julgados o exército de um rei aprisionado, enquanto outro exército no mesmo país, com o qual também eles são para festejar e confederar, é para ser considerado como o exército livre de uma constituição livre. Eles irão lançar seus olhos sobre o outro e mais permanente exército; eu quero dizer o municipal. Esse corpo, eles bem sabem, não elege de fato seus próprios oficiais. Eles podem não ser capazes de discernir os fundamentos de distinção sobre que eles não são para eleger um Marquis de la Fayette (ou qual seja seu novo nome) deles mesmos? Se esta eleição de um comandante em chefe seja uma parte dos direitos de homens, por que não do deles? Eles vêem justiças eletivas de paz, juizes eletivos, curas eletivos, bispos eletivos, municipalidades eletivas, e comandantes eletivos do exército Parisiense.---Por que deveriam eles sozinhos ser excluídos? São as bravas tropas de Françαs os únicos homens nessa nação que não são os juízes adequados de mérito militar, e das qualificações necessárias para um comandante em chefe? São elas pagas pelo estado, e perdem elas portanto os direitos de homens? Elas são uma parte dessa nação elas mesmas, e contribuem para esse pagamento. E não é o rei, não é a assembleia nacional, e não são todos que elegem a assembleia nacional, igualmente pagos? Em vez de ver todos estes serem privados de seus direitos por seu receber um salário, eles percebem que em todos estes casos um salário é dado para o exercício desses direitos. Todas suas resoluções, todos seus procedimentos, todos seus debates, todos os trabalhos de seus doutores em religião e política, foram industriosamente postos nas mãos deles; e vocês esperam que eles irão aplicar ao próprio caso deles justo tanto das doutrinas e exemplos de vocês como condiz com o prazer de vocês.

Toda coisa depende sobre o exército em um tal governo como o de vocês; pois vocês industriosamente destruíram todas as opiniões, e prejuízos, e, tão longe como em vocês estava deitado, todos os instintos que suportam governo. Portanto o momento em que qualquer diferença surja entre sua assembleia nacional e qualquer parte da nação, vocês precisam ter recurso a força. Nada mais é deixado a vocês; ou preferivelmente vocês não deixaram nada mais a vocês mesmos. Vocês vêem pelo relatório de seu ministro de guerra, que a distribuição do exército é em uma grande medida feita com uma vista de coerção interna *. (* Courier François, 30 Julho, 1790. Assemblée Nationale, Numero 210.) Vocês precisam governar por um exército; e vocês infundiram para dentro desse exército pelo qual vocês governam, tão bem como para dentro do corpo todo da nação, princípios que depois de um tempo precisam-nos desabilitar no uso que vocês resolvem fazer dele. O rei é para chamar para fora tropas para atuar contra seu povo, quando ao mundo foi dito, e a asserção ainda está soando em nossos ouvidos, que tropas não deveriam atirar em cidadãos. As colônias assertam para si mesmas uma constituição independente e um livre comércio. Elas precisam ser constrangidos por tropas. Em que capítulo do código de vocês dos direitos de homens são eles capazes de ler, que é uma parte dos direitos de homens ter seu comércio monopolizado e restrito para o benefício de outros. À medida que os colonistas levantam-se sobre vocês, os negros levantam-se sobre eles. Tropas novamente---Massacre, tortura, enforcamento! Estes são os direitos de homens de vocês! Estes são os frutos de declarações metafísicas licensiosamente feitas, e vergonhosamente retraídas! Não foi senão o outro dia que fazendeiros de terra em uma de suas províncias recusaram-se a pagar alguns tipos de aluguéis ao senhor do solo. Em consequência disto vocês decretam, que o povo do campo deve pagar todos

aluguéis e dívidas, exceto aqueles que como agravos vocês aboliram; e se eles se recusarem, então vocês ordenam o rei a marchar tropas contra eles. Vocês deitam abaixo propostas metafísicas que inferem consequências universais, e então vocês tentam limitar lógica por despotismo. Os líderes do sistema presente dizem-lhes de seus direitos, como homens, de tomar fortalezas, de assassinar guardas, de investir contra reis sem a menos aparência de autoridade mesmo da assembleia, enquanto, como o corpo legislativo soberano, essa assembleia estava sentando em o nome da nação---e ainda estes líderes presumem ordenar fora as tropas, que atuaram nestas mesmas desordens, a coagir aqueles que devem julgar sobre os princípios, e seguir os exemplos, que foram garantidos por sua própria aprovação.

Os líderes ensinam ao povo a abominar e rejeitar toda feudalidade como o barbarismo de tirania, e eles dizem-lhes depois quanto dessa tirania bárbara eles são para carregar com paciência. Como eles são pródigos de luz com referência a agravos, também o povo os acha econômicos no extremo com referência a compensação. Eles sabem que não apenas certos foros (NT:quit-rents/censos ou foros) e deveres pessoais, que vocês lhes permitiram redimir (mas não forneceram nenhum direito para a redenção) são como nada para aqueles fardos para os quais vocês não fizeram nenhuma provisão absolutamente. Eles sabem, que quase todo o sistema de propriedade fundiária em sua origem é feudal; que ele é a distribuição das possessões dos proprietários originais, feita por um conquistador bárbaro para seus instrumentos bárbaros; e que os efeitos mais deploráveis da conquista são as rendas de terra de todo tipo, como sem dúvida eles são.

Os camponeses, em toda probabilidade, são os descendentes destes antigos proprietários, Romanos ou Gauleses. Mas se eles falharem, em qualquer grau, nos títulos que eles fazem sobre os princípios de antiquários e advogados, eles retrocedem para dentro da cidadela dos direitos de homens. Lá eles acham que homens são iguais; e a terra, a boa e igual mãe de todos, não deveria ser monopolizada para fomentar o orgulho e luxúria de quaisquer homens, que por natureza não são nada melhores que eles mesmos, e que, se eles não laboram pelo pão deles, são piores. Eles acham, que pelas leis de natureza o ocupante e cultivador do solo é o verdadeiro proprietário; que não há prescrição contra natureza; e que os acordos (onde quaisquer há) que foram feitos com seus proprietários, durante o tempo de escravidão, são apenas o efeito de coerção e força; e que quando o povo re-entrou para dentro dos direitos de homens, esses acordos foram feitos tão vãos como toda coisa outra que tinha sido estabelecida sob a prevalência da velha tirania feudal e aristocrática. Eles irão dizer a vocês que eles não vêem nenhuma diferença entre um desocupado com um chapéu e um cocar nacional, e um desocupado em um capuz ou em um roquete. Se você fundamentar o título a rendas sobre sucessão e prescrição, eles dizem a você, desde o discurso de Mr. *Camus*, publicado pela assembleia nacional para informação deles, que coisas começadas doentemente não podem valer-se de prescrição; que o título destes lordes era vicioso em sua origem; e que força é ao menos tão ruim como fraude. Quanto ao título por sucessão, eles irão dizer-lhes, que a sucessão daqueles que cultivaram o solo é o verdadeiro pedigree de propriedade, e não pergaminhos podres e substituições tolas; que os lordes desfrutaram sua usurpação longamente demais; e que se eles permitirem a estes monges leigos (NT:lay monks, monges leigos) qualquer pensão caritativa, eles deveriam ser gratos à generosidade do verdadeiro proprietário, que é tão generoso para com um clamante falso a seus bens.

Quando os camponeses lhes dão de volta essa moeda de razão sofística, sobre que vocês estabeleceram a imagem e superscrição de vocês, vocês depreciam-na como dinheiro vil (NT:base, básico, vil), e dizem-lhes que vocês irão pagar para o futuro com guardas Francesas, e dragões (NT:dragoon/soldado de cavalaria), e hussardos. Vocês sustentam, para castigá-los, a autoridade de segunda-mão de um rei, que é apenas o instrumento de destruir, sem qualquer poder de proteger seja o povo ou sua própria pessoa. Através dele parece que vocês irão fazer-se obedecidos. Eles respondem, Vocês nos ensinaram que não existem gentis-homens; e quais de seus princípios nos ensinam a curvar-nos a reis a quem nós

não elegemos? Nós sabemos, sem seus ensinamentos, que terras foram dadas para o suporte de dignidades feudais, títulos feudais, e ofícios feudais. Quando vocês levaram para baixo a causa como um agravo, por que deveria o efeito mais deplorável (NT:grievous, "agravoso", deplorável) permanecer? Como não há agora nenhumas honras hereditárias, e nenhumas famílias distinguidas, por que somos nós taxados para manter o que vocês nos dizem que não deveria existir? Vocês enviaram abaixo nossos velhos proprietários aristocráticos em nenhum outro caráter, e com nenhum outro título, a não ser o de exatores sob sua autoridade. Tentaram vocês fazer estes seus colhedores-de-renda respeitáveis para nós? Não. Vocês enviaram-nos a nós com suas armas revertidas, seus escudos quebrados, suas impressões desfiguradas; e tão deplumados, degradados, e metamorfoseados, tais depenadas coisa de duas pernas, que nós não mais os conhecemos. Eles são estranhos para nós. Eles nem mesmo vão pelos nomes de nossos antigos lordes. Fisicamente eles podem ser os mesmos homens; embora nós não estejamos inteiramente certos disso, sobre a nova doutrina filosófica de vocês de identidade pessoal. Em todos outros respeitos eles estão totalmente mudados. Nós não vemos por que nós não temos tão bom um direito a recusar-lhes seus aluguéis, como vocês têm de ab-rogar todas honras, títulos e distinções deles. Isto nós nunca comissionamos vocês a fazer; e é uma instância, entre muitas de fato, de sua assunção de poder não-delegado. Nós vemos os burgueses de Paris, através de seus clubes, suas turbas, e suas guardas nacionais, dirigindo vocês ao prazer deles, e dando isso como lei a vocês, que, sob a autoridade de vocês, é transmitida como lei a nós. Através de vocês, estes burgueses dispõem das vidas e fortunas de nós todos. Por que não deveriam vocês atender tanto aos desejos do fazendeiro laborioso com referência a nossa renda, por qual nós somos afetados na mais séria maneira, quanto vocês fazem às demandas deste burgueses insolentes, relativo a distinções e títulos de honra, por que nem eles nem nós somos afetados absolutamente? Mas nós vemos vocês pagarem mais respeito às fantasias deles do que a nossas necessidades. Está entre os direitos de homem pagar tributo a seus iguais? Antes desta medida de vocês, nós poderíamos ter pensado que nós não éramos perfeitamente iguais. Nós poderíamos ter entretido certa velha, habitual, insignificante prepossessão em favor desses proprietários; mas nós não podemos conceber com que outra visão que a de destruir todo respeito a eles, vocês poderiam ter feito a lei que os degrada. Vocês nos proibiram de tratá-los com qualquer das velhas formalidades de respeito, e agora vocês enviam tropas para usar sabre e baioneta em nós para dentro de uma submissão a medo e força, que vocês não nos permitiram de render à autoridade suave de opinião.

O fundamento de alguns desses argumentos é hórrido e ridículo para todos ouvidos racionais; mas para os políticos de metafísica que abriram escolas para sofistria, e fizeram estabelecimentos para anarquia, ele é sólido e conclusivo. É óbvio, que sobre uma mera consideração do direito, os líderes na assembleia não iriam no menos ter tido escrúpulos para ab-rogar as rendas junto com os títulos e insígnias familiares. Seria somente continuar o princípio de seus raciocínios, e completar a analogia de sua conduta. Mas eles tinham novamente possuído si mesmos de um grande corpo de propriedade fundiária por confiscação. Eles tinham essa coisa útil (NT:commodity, comodidade, mercadoria, utilidade, coisa útil) em mercado; e o mercado teria sido totalmente destruído, se eles fossem para permitir os fazendeiros de deleitarem-se com as especulações com as quais eles tão livremente intoxicavam-se. A única segurança que propriedade desfruta em qualquer uma de suas descrições, é dos interesses de sua rapacidade com referência a algum outro. Eles não deixaram nada a não ser seu próprio prazer arbitrário para determinar que propriedade é para ser protegida e que subvertida.

Nem deixaram eles qualquer princípio por que qualquer de suas municipalidades pode ser vinculada a obediência; ou mesmo conscienciosamente obrigada a não se separar do todo, se tornar independente, ou se conectar com algum outro estado. O povo de Lyons, parece, recusaram-se ultimamente a pagar taxas. Por que não deveriam eles? Que autoridade legítima existe sobrando para exigí-los? O rei impôs algumas delas. Os estados velhos, metodizados por ordens, estabeleceram a mais antiga. Eles podem

dizer à assembleia, Quem são vocês, que não são nossos reis, nem os estados que nós elegemos, nem sentam sobre os princípios sobre que nós elegemos vocês? E quem somos nós, que quando nós vemos as taxas (NT:gabelles) que vocês ordenaram de ser pagas, totalmente rejeitadas (NT:shaken off, sacudidas-fora, livradas-de), quando nós vemos o ato de desobediência posteriormente ratificado por vocês mesmos, quem somos nós, que nós não somos para julgar que taxas nós deveríamos ou não deveríamos pagar, e que não somos para valer-nos dos mesmos poderes, a validade dos quais vocês aprovaram em outros? Para isto a resposta é, Nós iremos mandar tropas. A última razão de reis, é sempre a primeira com a assembleia de vocês. Esta ajuda militar pode servir por um tempo, enquanto a impressão do aumento de pagamento permanece, e a vaidade de ser juizes em todas disputas é lisonjeada. Mas essa arma irá estalar curto, (NT:snap short, morder curto, estalar curto, etc.) infiel à mão que a emprega. A assembleia mantêm uma escola onde, sistematicamente, e com perseverança incessante, eles ensinam princípios, e formam regulamentos destrutivos a todo espírito de subordinação, civil e militar --- e então eles esperam que eles devam manter em obediência um povo anárquico por um exército anárquico.

O exército municipal, que, de acordo com a nova política deles, é para balancear esse exército nacional, se considerado em si mesmo apenas, é de uma constituição muito mais simples, e em todo respeito menos excepcionável. Ele é um mero corpo democrático, desconectado com a coroa ou o reino; armado, e treinado, e provido de oficiais (NT:officered, comandado, oficiado) ao prazer dos distritos aos quais os corpos separadamente pertencem; e o serviço pessoal de indivíduos, que compõem, ou a multa em lugar de serviço pessoal, são dirigidos pela mesma autoridade *. (* Eu vejo pelo relato de Mr. Necker, que os guardas nacionais de Paris receberam, sobre e por cima do dinheiro levantado dentro de sua própria cidade, cerca de 145,000 *l.* esterlinas saindo do tesouro público. Se isto seja um pagamento verdadeiro pelos nove meses de sua existência, ou uma estimativa de sua carga anual, eu não percebo claramente. Não é de nenhuma grande importância, como certamente eles podem tomar o que quer que lhes apraza.) Nada é mais uniforme. Se, contudo, considerado em qualquer relação à coroa, à assembleia nacional, aos tribunais públicos, ou ao outro exército, ou considerado em uma vista para qualquer coerência ou conexão entre suas partes, ele parece um monstro, e pode dificilmente falhar em terminar seus movimentos perplexos em alguma grande calamidade nacional. Ele é um preservativo pior de uma constituição geral, do que a sístase de Creta, ou a confederação de Polônia, ou qualquer outro doentemente-planejado corretivo que ainda foi imaginado, nas necessidades produzidas por um sistema doentemente-construído de governo.

Tendo concluído minhas poucas observações sobre a constituição do poder supremo, o executivo, a judicatura, o exército, e sobre a relação recíproca de todos esses estabelecimentos, eu devo dizer alguma coisa da habilidade mostrada por seus legisladores com referência à renda.

Em seus procedimentos relativos a este objeto, se possível, ainda menos traços aparecem de julgamento político ou recurso financeiro. Quando os estados se encontraram, pareceu ser um grande objeto melhorar o sistema de renda, aumentar sua coleção, limpá-lo de opressão e vexação, e estabelecê-lo sobre o mais sólido fundamento. Grandes eram as expectativas entretidas sobre essa cabeça através de Europa. Era por esse grande arranjamento que França era para ficar de pé ou cair; e isso tornou-se, em minha opinião, muito propriamente, o teste por que a habilidade e patriotismo daqueles que governaram nessa assembleia iriam ser testados. A renda do estado é o estado. Em efeito tudo depende sobre ela, seja para suporte ou para reformação. A dignidade de toda ocupação depende totalmente sobre a quantidade e o tipo de virtude que pode ser exercido nela. Como todas grandes qualidade da mente que operam em público, e não são meramente sofredoras e passivas, requerem força para sua exibição, eu tinha quase dito para sua existência inequívoca, a renda, que é a fonte de todo poder, torna-se em sua administração a esfera de toda virtude ativa. Virtude pública, sendo de uma natureza

magnífica e esplêndida, instituída para grandes coisas, e conhecedora sobre grandes concernências, requer escopo e espaço abundantes, e não pode se espalhar e crescer sob confinamento, e em circunstâncias estreitadas (NT:circumstances straitened, dificuldades financeiras, circunstâncias estreitadas, etc.), estreitas, e sórdidas. Através da renda apenas pode a política de corpo atuar em seu verdadeiro gênio e caráter, e portanto ela irá exibir justamente tanto de sua virtude coletiva, e tanto dessa virtude que pode caracterizar aqueles que a movem, e são, como se fosse, sua vida e princípio guia, quanto ela é possuída de uma renda justa. Pois desde este lugar, não apenas magnanimidade, e liberalidade, e beneficência, e fortitude, e providência, e a proteção tutelar de todas artes boas, derivam sua comida, e o crescimento de seus órgãos, mas continência, e auto-negação, e labor, e vigilância, e frugalidade, e o que quer mais que exista em que a mente mostre-se acima do apetite, não estão em nenhum lugar mais em seu elemento próprio do que na provisão e distribuição da riqueza pública. É portanto não sem razão que a ciência de finança especulativa e prática, que precisa tomar para seu auxílio tantos ramos auxiliares de conhecimento, fica de pé alto na estimação não apenas do tipo ordinário, mas dos mais sábios e melhores homens; e como essa ciência cresceu com o progresso de seu objeto, a prosperidade e melhoramento de nações tem geralmente aumentado com o aumento de suas rendas; e eles irão ambos continuar a crescer e florescer, enquanto a balança entre o que é deixado para fortalecer os esforços de indivíduos, e o que é coligido para os esforços comuns do estado, carreguem um para com o outro uma proporção recíproca devida, e sejam mantidos em uma correspondência próxima e comunicação próxima. E talvez possa ser devido à grandeza de rendas, e à urgência de necessidades de estado, que velhos abusos na constituição de finanças são descobertos, e sua natureza verdadeira e teoria racional vem a ser mais perfeitamente entendida; a tal ponto, que uma renda menor poderia ter sido mais constrangedora em um período do que uma muito maior é achada de ser em outro; a riqueza proporcionada mesmo permanecendo a mesma. Neste estado de coisas, a assembleia Francesa encontrou alguma coisa em seus rendimentos para preservar, para assegurar, e sabiamente para administrar, tão bem como para ab-rogar e alterar. Embora a assunção orgulhosa deles pudesses justificar os testes mais severos, ainda em testando as habilidades deles sobre seus procedimentos financeiros, eu iria somente considerar o que é o dever óbvio plano de um ministro de finança comum, e testá-los sobre isso, e não sobre modelos de perfeição ideal.

Os objetos de um financista são, então, assegurar uma renda ampla; impô-la com julgamento e igualdade; empregá-la economicamente, e quando necessidade obrigá-lo a fazer uso de crédito, assegurar suas fundações nessa instância, e para sempre, pela clareza e candura de seus procedimentos, a exatidão de suas calculações, e a solidez de seus fundos. Sobre essas cabeças nós podemos tomar uma vista curta e distinta dos méritos e habilidades daqueles na assembleia nacional, que tomaram para si mesmos o gerenciamento dessa árdua concernência. Longe de qualquer aumento de renda em suas mãos, eu vejo, por um relatório de M. Vernier, do comitê de finanças, do segundo de Agosto último, que o montante da renda nacional, como comparado com sua produção antes da revolução, foi diminuido pela soma de duzentos milhões, ou *oito milhões de esterlinas* da renda anual, consideravelmente mais do que um-terço do todo!

Se este seja o resultado de grande habilidade, nunca certamente foi habilidade exibida em uma maneira mais distinta, ou com tão poderoso um efeito. Nenhuma insensatez comum, nenhuma incapacidade vulgar, nenhuma negligência oficial ordinária, mesmo nenhum crime oficial, nenhuma corrupção, nenhum peculato, dificilmente qualquer hostilidade que nós temos visto no mundo moderno, poderia em tão curto um tempo ter feito tão completo um derrubamento das finanças, e com elas, da força de um grande reino. ---*Cedò quí vestram rempublicam tantam amisistis tam cito?*

Os sofistas e declamadores, tão cedo como a assembleia se reuniu, começaram com vituperando a constituição antiga da renda em muitos de seus ramos mais essenciais, tais como o monopólio público

de sal. Eles acusaram-no, tão verdadeiramente como não-sabiamente, de ser doentemente-concebido, opressivo, e parcial. Desta representação eles não ficaram satisfeitos de fazer uso em discursos preliminares a algum plano de reforma; eles declararam-na em uma resolução solene ou sentença pública, como se fosse judicialmente, passada sobre ela; e isto eles dispersaram através da nação. Ao tempo que eles passaram o decreto, com a mesma gravidade que eles ordenaram esta mesma absurda, opressiva e parcial taxa de ser paga, até que eles pudessem achar uma renda para substituí-la. A consequência foi inevitável. As províncias que tinham sido sempre isentadas deste monopólio de sal, algumas das quais eram carregadas com outras contribuições, talvez equivalentes, estavam totalmente desinclinadas a carregar qualquer parte do fardo, que por uma distribuição igual era para redimir as outras. Quanto à assembleia, ocupada como ela esteve com a declaração e violação dos direitos de homens, e com seus arranjamentos para confusão geral, ela não teve nem lazer nem capacidade para maquinar, nem autoridade para dar força a qualquer plano de qualquer tipo relativo à substituição da taxa ou equalização dela, ou compensação das províncias, ou para conduzir suas mentes para qualquer esquema de acomodação com os outros distritos que eram para ser aliviados.

O povo das províncias de sal, impaciente sob taxas amaldiçoadas (NT:damned, danadas, amaldiçoadas) pela autoridade que tinha dirigido o pagamento delas, muito cedo viu sua paciência exaurida. Eles pensaram-se tão habilidosos em demolição quanto a assembleia podia ser. Eles aliviaram-se a si mesmos por jogando fora o fardo todo. Animados por este exemplo, cada distrito, ou parte de um distrito, julgando de seu próprio agravo por seu próprio sentimento, fez como lhe aprazeu (NT:as it pleased, como quis, como lhe aprazeu, como lhe aprouve) com outras taxas.

Nós estamos perto de ver como eles se conduziram em maquinando imposições iguais, proporcionadas aos meios dos cidadãos, e o menos prováveis de apoiarem-se pesado sobre o capital ativo empregado na geração dessa riqueza pública, de onde a fortuna pública precisa ser derivada. Por permitindo os diversos distritos, e diversos dos indivíduos em cada distrito, a julgar de que parte da renda velha eles poderiam reter, em vez de princípios melhores de igualdade, uma nova desigualdade foi introduzida do tipo mais opressivo. Pagamentos foram regulados por disposições. As partes do reino que eram as mais submissas, as mais ordenadas, ou as mais afeiçoadas à nação, carregaram o fardo do estado. Nada se torna tão opressivo e injusto como um governo fraco. Para preencher todas as deficiências nas velhas imposições, e as novas deficiências de todo tipo que eram para ser esperadas, o que permaneceu a um estado sem autoridade? A assembleia nacional chamou por uma benevolência voluntária; por uma quarta parte da renda de todos os cidadãos, para ser estimada sobre a honra daqueles que eram para pagar. Eles obtiveram alguma coisa mais do que poderia ser racionalmente calculado, mas o que era, longe de fato, de responsável a suas necessidades reais, e muito menos a suas esperanças (NT:expectations, expectativas, esperanças) afetuosas. Pessoas racionais poderiam ter esperado por pouco desta sua taxa no disfarce de uma benevolência; uma taxa, fraca, ineficaz, e desigual; uma taxa por que luxo, avareza, e egoismo eram encobertos, e a carga atirada sobre capital produtivo, sobre integridade, generosidade, e espírito público---uma taxa de regulamento sobre virtude. Finalmente a mascara é jogada fora, e eles estão agora tentando meios (com pouco sucesso) de obrigar o pagamento de sua benevolência por força.

Essa benevolência, a prole raquítica de fraqueza, era para ser suportada por um outro recurso, o irmão gêmeo da mesma imbecilidade prolífica. As doações patrióticas eram para fazer boa a falha da contribuição patriótica. Fulano (NT:John Doe) era para tornar-se segurança para Sicrano (NT:Richard Roe). Por este esquema eles tomaram coisas de muito preço do doador, comparativamente de valor pequeno para o receptor; eles arruinaram diversas ocupações; eles pilharam a coroa de seus ornamentos, as igrejas de sua prataria, e o povo de suas decorações pessoais. A invenção desses fingidores juvenis de liberdade, não era em realidade nada mais do que uma imitação servil de um dos

mais pobres recursos de despotismo caducante (NT:doting, senil, caducante). Eles tiraram uma velha enorme peruca de parte inferior cheia (NT:full-bottomed perriwig) do armário da roupa velha (NT:frippery, atavio, brechó, roupa velha) antiquada de Louis XIV. para cobrir a calvície prematura da assembleia nacional. Eles produziram esta insensatez formal antiquada, embora ela tenha sido tão abundantemente exposta nas Memórias do Duque de St. Simon, se para homens razoáveis ela tivesse carecido de quaisquer argumentos para exibir sua maldade e insuficiência. Um dispositivo do mesmo tipo foi tentado em minha memória por Louis XV. mas não respondeu em nenhum tempo. Contudo, as necessidades de guerras ruinosas foram alguma desculpa para projetos desesperados. As deliberações de calamidade são raramente sábias. Mas aqui estava uma estação para disposição e providência. Foi em um tempo de paz profunda, então desfrutado por cinco anos, e prometendo uma continuação muito mais longa, que eles tiveram recurso a esta leviandade desesperada. Eles eram certos de perder mais reputação por divertindo-se, em sua séria situação, com estes brinquedos e coisas-de-brincar de finança, que encheram metade de seus jornais, do que poderia possivelmente ser compensado pelo suprimento temporário pobre que eles forneceram. Parecia como se aqueles que adotavam tais projetos fossem totalmente ignorantes de suas circunstâncias, ou totalmente desiguais para suas necessidades. Qualquer virtude que possa estar nestes dispositivos, é óbvio que não se pode jamais recorrer nem aos presentes patrióticos, nem à contribuição patriótica, novamente. Os recursos de insensatez pública são logo exauridos. O todo de fato do esquema deles de renda é fazer, por qualquer artifício, uma aparência de um reservatório cheio para a hora, enquanto ao mesmo tempo eles cortam fora as nascentes (NT:springs, molas, nascentes, etc.) e fontes viventes de suprimento perene. O relato não muito tempo desde então fornecido por Mr. Necker foi tencionado, sem dúvida, para ser favorável. Ele dá uma vista lisonjeira do meio de passar o ano; mas ele expressa, como é natural que ele devesse, alguma apreensão por aquilo que era para suceder. Sobre este último prognóstico, em vez de entrar para dentro dos chãos desta apreensão, em ordem (NT:in order to, a fim de, em ordem para) por uma preciênscia própria, para prevenir o mal prognosticado, Mr. Necker recebe uma sorte de reprimenda amigável do presidente da assembleia.

Quanto aos outros esquemas deles de taxação, é impossível dizer qualquer coisa deles com certeza; porque eles ainda não tiveram sua operação; mas ninguém é tão sanguíneo como a imaginar que eles irão preencher qualquer parte perceptível da brecha larga fendendo-se que sua incapacidade fez em suas rendas. Ao presente o estado de sua tesouraria afunda cada dia mais e mais em dinheiro, e incha mais e mais em representação fictícia. Quando tão pouco dentro ou fora é agora visto a não ser papel, o representativo não de opulência mas de carência, a criatura não de crédito mas de poder, eles imaginam que nosso estado florescente em Inglaterra está devendo (NT:is owing/está devendo, seja devido) a esse papel-banco, e não o papel-banco à condição florescente de nosso comércio, à solidez de nosso crédito, e à total exclusão de toda ideia de poder de qualquer parte da transação. Eles esquecem que, em Inglaterra, não um xelim de dinheiro-papel de qualquer descrição é recebido a não ser de escolha; que o todo teve sua origem em dinheiro verdadeiramente depositado; e que ele é convertível, a prazer, em um instante, e sem a menor perda, em dinheiro novamente. Nosso papel é de valor em comércio, porque em lei ele não é de nenhum. Ele é poderoso em Troca (NT:Change, Cambio, Conversao, Troca, etc.), porque em Westminster-hall ele é impotente. Em pagamento de um débito de vinte xelins, um credor pode recusar todo o papel do banco de Inglaterra. Nem existe entre nós uma segurança pública única, ou qualquer qualidade ou natureza qualquer, a que seja dada força por autoridade. De fato poderia ser facilmente mostrado, que nossa riqueza de papel, em vez de diminuir a moeda real (NT:real coin/moeda real, verdadeira moeda), tem uma tendência a aumentá-la; em vez de ser um substituto para dinheiro, ela apenas facilita sua entrada, sua saída, e sua circulação; que ela é o símbolo de prosperidade, e não o distintivo de sofrimento. Nunca foi uma escassez de dinheiro, e uma exuberância de papel, um sujeito de reclamação nesta nação.

Bem! mas uma diminuição de despesas pródigas, e a economia que foi introduzida pela virtuosa e sapiente assembleia, faz emendas pelas perdas sustentadas no recibo de renda. Nisto ao menos eles cumpriram o dever de um financista. Olharam aqueles, que assim o dizem, às despesas da assembleia nacional ela-mesma? das municipalidades, da cidade de Paris? do pagamento aumentado dos dois exércitos? da nova polícia? das novas judicaturas? Mesmo compararam eles a lista-pensão presente com a anterior? Esses políticos têm sido cruéis, não econômicos. Comparando as despesas do governo pródigo anterior e sua relação às então rendas com as despesas deste novo sistema como opostas ao estado de sua nova tesouraria, eu acredito que o presente irá ser visto além de toda comparação mais carregável *. (* O leitor irá observar, que eu tenho mas levemente tocado (meu plano não demandando nada mais) sobre a condição das finanças Francesas, como conectadas com as outras demandas sobre eles. Se eu tivesse tencionado fazer de outro modo, os materiais em minhas mãos para uma tal tarefa não são totalmente perfeitos. Sobre este tema eu refiro o leitor ao trabalho de M. de Calonne; e a exibição tremenda que ele fez do dano e devastação no estado público, e em todos os assuntos de França, causados pelas presunçosas boas intenções de ignorância e incapacidade. Tais efeitos, aquelas causas irão sempre produzir. Olhando sobre esse relato with um olho bastante estrito, e, com talvez muito rigor demais, deduzindo toda coisa que possa ser colocada ao relato de um financista fora de lugar, que poderia ser suposto por seus inimigos desejoso de fazer o mais de sua causa, eu acredito que será visto, que uma lição mais salutar de cautela contra o espírito ousado de inovadores do que foi suprida à despesa de França, nunca foi em qualquer tempo fornecida a humanidade.)

Permanece apenas a considerar as provas de habilidade financeira, fornecidas pelos gerenciadores Franceses presentes quando eles são para levantar suprimentos sobre crédito. Aqui eu estou um pouco em uma posição; pois crédito, falando propriamente, eles não têm nenhum. O crédito do governo antigo não era de fato o melhor: mas eles podiam sempre, sobre certos termos, comandar dinheiro, não apenas em casa, mas desde a maioria dos países de Europa onde um capital excedente estivesse acumulado; e o crédito desse governo era melhorado diariamente. O estabelecimento de um sistema de liberdade iria de curso (NT:of course/é claro, de curso) ser suposto de dar-lhe força nova; e tal ele iria realmente ter feito, se um sistema de liberdade tivesse sido estabelecido. Que ofertas tem o governo deles de liberdade pretendida tido de Holanda, de Hamburgh, de Suiça, de Genova, de Inglaterra, para uma negociação em seu papel? Por que deveriam essas nações de comércio e economia entrar para dentro de quaisquer negociações pecuniárias com um povo que tenta reverter a natureza mesma de coisas; dentre quem eles vêem o devedor prescrevendo, ao ponto da baioneta, o meio de sua solvência ao credor; descarregando um de seus engajamentos com outro; tornando sua penúria mesma em seu recurso; e pagando seu interesse com seus trapos?

A confiança fanática deles na onipotência de pilhagem de igreja, induziu esses filósofos a sobreolharem (NT:overlook, olhar do alto, passar por alto, sobrelevar, sobreolhar, etc.) todo cuidado do estado público, justo como o sonho de uma pedra filosofal induz duplicatas, sob a delusão mais plausível da arte hermética, para negligenciar todos meios racionais de melhorar suas fortunas. Com esses financista filosóficos, esta medicina universal feita de múmia de igreja é para curar todos os males do estado. Esses gentis-homens talvez não acreditem uma grande quantidade nos milagres de piedade; mas não pode ser questionado, que eles têm uma fé não-duvidante nos prodígios de sacrilégio. Existe um débito que os pressiona---Emitir *assinados*.---São compensações para ser feitas, ou uma manutenção decretada para aqueles a quem eles roubaram de sua propriedade livre em seu ofício, ou expeliram de sua profissão---*Assinados*. É uma frota para ser equipada---*Assinados*. Se dezesseis milhões de esterlinas destes *assinados*, forçados sobre o povo, deixam as carências do estado tão urgentes como sempre---emitir, diz um, trinta milhões de esterlinas de *assinados*---diz um outro, emitir oitenta milhões mais de *assinados*. A única diferença entre as facções financeiras deles é sobre a maior ou menor quantidade de *assinados* a ser imposta sobre o sofrimento público. Eles são todos professores de

assinados. Mesmo aqueles, cujo bom senso natural e conhecimento de comércio, não obliterados por filosofia, fornecem argumentos decisivos contra esta delusão, concluem seus argumentos, por propondo a emissão de *assinados*. Eu suponho que eles precisam falar de *assinados*, visto que nenhuma outra linguagem iria ser entendida. Toda experiência da ineficácia deles não os desencoraja nem no mínimo. Estão os velhos *assinados* depreciados em mercado? Qual é o remédio? Emitir novos *assinados*. ---*Mais si maladia, opiniatria, non vult se garire, quid illi facere? assignare---postea assignare; ensuita assignare*. A palavra é um pouco alterada. O Latim de seus doutores presentes pode ser melhor do que aquele da velha comédia de vocês; a sabedoria deles, e a variedade de seus recursos; são as mesmas. Eles não têm mais notas em sua canção do que o cuco; embora, longe da suavidade desse precursor de verão e opulência, a voz deles é tão ríspida e tão ominosa como aquela do corvo.

Quem a não ser os aventureiros em filosofia e finança mais desesperados poderia absolutamente ter pensado de destruir a renda estabelecida do estado, a única segurança para o crédito público, na esperança de reconstruí-lo com os materiais de propriedade confiscada? Se, contudo, um zelo excessivo pelo estado devesse ter guiado um pio e venerável prelado (por antecipação um pai da igreja *) (* La Bruyere de Bossuet.) para pilhar sua própria ordem, e, para o bem da igreja e povo, tomar sobre si o lugar de um financista grande de confiscação, e controlador geral de sacrilégio, ele e seus coadjutores eram, em minha opinião, vinculados a mostrar, por sua conduta subsequente, que eles sabiam alguma coisa do ofício que eles assumiram. Quando eles tivessem resolvido apropriar para o *Fisc*, uma certa porção da propriedade fundiária de seu país conquistado, era seu negócio tornar seu banco um fundo real de crédito; tão longe como um tal banco era capaz de tornar-se tal.

Estabelecer um crédito circulante corrente sobre qualquer *Banco-de-terra* (NT:Land-bank, banco de terrenos, Banco-de-terra), sob quaisquer circunstâncias quaisquer, tem até agora se provado difícil no mínimo mesmo. A tentativa tem comummente terminado em falência. Mas quando a assembleia foram levados, através de um contempto de moral, a um desafiar de princípios econômicos, poderia ao menos ter sido esperado, que nada iria ser omitido sobre a parte deles para diminuir esta dificuldade, para prevenir qualquer agravamento desta falência. Poderia ser esperado que para tornar seu *Banco-de-terra* tolerável, todo meio iria ser adotado que pudesse exibir abertura e candura na declaração da segurança; toda coisa que pudesse auxiliar a recuperação da demanda. Para tomar coisas em seu ponto de vista mais favorável, sua condição era a de um homem de um grande estado fundiário, de que ele desejasse dispor pela descarga de um débito, e o suprimento de certos serviços. Não sendo capazes de vender instantaneamente, vocês desejaram hipotecar. O que iria um homem de intenções limpas, e um entendimento comummente claro, fazer em tais circunstâncias? Não deveria ele primeiro verificar o valor grosso do estado; as cargas de seu gerenciamento e disposição; os estorvos perpétuos e temporários de todos tipos que o afetam; então, chegando a um excedente líquido, calcular o valor justo da segurança? Quando esse excedente (a única segurança para o credor) tivesse sido claramente determinado, e propriamente investido nas mãos dos fiduciários; então ele iria indicar as parcelas a ser vendidas, e o tempo, e condições de venda; depois disto, ele iria admitir o crédito público, se ele o escolhesse, de subscrever seu estoque para dentro deste novo fundo; ou ele poderia receber propostas para um *assinado* daqueles que iriam avançar dinheiro para comprar essa espécie de segurança.

Isso iria ser proceder como homens de negócio, metodicamente e racionalmente; e sobre os únicos princípios de crédito público e privado que têm uma existência. O negociante (NT:dealer, comerciante, negociante) iria então saber exatamente o que ele comprava; e a única dúvida que poderia pendurar-se sobre a mente iria ser, o temor da ressunção do espólio, que um dia poderia ser feita (talvez com uma adição de punição) desde a queixa sacrílega daqueles desgraçados execráveis que poderiam tornar-se compradores no leilão de seus concidadãos inocentes.

Uma declaração aberta e exata do valor claro da propriedade, e do tempo, as circunstâncias, e o lugar de venda, eram todas necessárias, para delir (NT:efface, apagar, delir) tanto quanto possível o estigma que tem até este ponto sido marcado sobre todo tipo de Banco-de-terra. Ela tornava-se necessária sobre um outro princípio, isso é, por conta de uma garantia de fé previamente dada sobre esse sujeito, que a fidelidade futura deles em uma concernência escorregadia poderia ser estabelecida por sua aderência ao primeiro engajamento. Quando eles tinham finalmente determinado sobre um recurso de estado desde despojo de igreja, eles vieram, no 14.o de Abril de 1790, a uma resolução solene sobre o sujeito; e empenharam-se a seu país, "que na declaração das cargas públicas para cada ano deveria ser trazida a conta uma soma suficiente para custear as despesas da religião C. A. R., o suporte dos ministros nos altares, o alívio dos pobres, as pensões para os eclesiásticos, seculares tão bem como regulares, do um e do outro sexo, *a fim de que os estados e bens que estão à disposição da nação possam ser desengajados de todas cargas, e empregados pelos representativos, ou o corpo legislativo, às grandes e mais pressionantes exigências do estado*." Eles mais adiante engajaram, no mesmo dia, que a soma necessária para o ano 1791 deveria ser em seguida (NT:forthwith, imediatamente, em seguida) determinada.

Nessa resolução eles admitem-no seu dever mostrar distintamente as despesas dos objetos acima, que, por outras resoluções, eles tinham antes engajado que deveriam ser primeiros na ordem de provisão. Eles admitem que eles deveriam mostrar o estado claro e desengajado de todas cargas, e eles deveriam mostrá-lo imediatamente. Fizeram eles isto imediatamente, ou em qualquer tempo? Forneceram eles alguma vez uma lista-de-renda dos estados imóveis, ou dados em um inventário dos efeitos movíveis que eles confiscam para seus assinados? Em que maneira podem eles preencher seus engajamentos de oferecer para serviço público "um estado desengajado de todas cargas," sem autenticar o valor do estado, ou o quantum das cargas, eu deixo-o para seus admiradores Ingleses explicarem. Instantaneamente sobre esta segurança, e previamente a qualquer um passo no sentido de fazê-la boa, eles emitem, sobre o crédito de tão vistosa uma declaração, dezesseis milhões de esterlinas de seu papel. Isto foi másculo. Quem, depois desse golpe maestral, pode duvidar de suas habilidades em finança? ---Mas então, antes de qualquer outra emissão ou dessas *indulgências* financeiras, eles tomaram cuidado ao menos de fazer boa sua promessa original! ---Se tal estimativa, seja do valor do estado ou do montante dos estorvos, foi feita, ela me escapou. Eu nunca ouvi dela.

Finalmente eles falaram abertamente, e eles fizeram uma descoberta completa de sua fraude abominável, em oferecendo as terras de igreja como uma segurança para quaisquer débitos ou qualquer serviço qualquer. Eles roubam apenas para permití-los trapacear; mas em um muito curto tempo eles derrotam os fins de ambos o roubo e a fraude, por redigindo contas para outros propósitos, que fazem explodir seu aparato todo de força e de decepção. Eu sou obrigado a M. de Calonne por sua referência ao documento que prova esse fato extraordinário: ele tinha, por algum meio, me escapado. De fato não foi necessário provar (NT:to make out, provar, mostrar) minha asserção quanto à brecha de fé na declaração do 14.o de Abril de 1790. Por um relatório do Comitê deles parece agora, que a carga de manter os reduzidos estabelecimentos eclesiásticos, e outras despesas atendentes sobre religião, e manter os religiosos de ambos sexos, retidos ou pensionados, e as outras despesas concomitantes da mesma natureza, que eles trouxeram sobre si por esta convulsão em propriedade, excede a renda dos estados adquirida por ele na soma enorme de dois milhões de esterlinas anuais; além de um débito de sete milhões e para cima. Esses são os poderes calculadores de impostura! Essa é a finança de filosofia! Esse é o resultado de todas as delusões estendidas para engajar um povo miserável em rebelião, assassinato, e sacrilégio, e fazê-los instrumentos prontos e zelosos na ruina de seu país! Nunca um estado, em qualquer caso, enriqueceu-se a si mesmo pelas confiscações dos cidadãos. Esse novo experimento sucedeu como todo o resto. Toda mente honesta, todo amante verdadeiro de liberdade e humanidade precisa regozijar-se em ver que injustiça não é sempre boa política, nem rapina a estrada

alta para riquezas. Eu adito com prazer, em uma nota, as hábeis e inspiradas observações de M. de Calonne sobre este tema *.

(* "Ce n'est point à l'assemblée entière que je m'adresse ici; je ne parle qu'à ceux qui l'égarent, en lui cachant sous des gazes séduisantes le but où ils l'entraînent. C'est à eux que je dis: Votre objet, vous n'en disconviendrez pas, c'est d'ôter tout espoir au clergé, et de consommer sa ruine; c'est-là, en ne vous soupçonnant d'aucune combinaison de cupidité, d'aucun regard sur le jeu des effets publics, c'est-là ce qu'on doit croire que vous avez en vue dans la terrible opération que vous proposez; c'est ce qui doit en être le fruit. Mais le peuple qui vous y intéressez, quel avantage peut-il y trouver? En vous servant sans cesse de lui, que faites-vous pour lui? Rien, absolument rien; et, au contraire, vous faites ce qui ne conduit qu'à l'accabler de nouvelles charges. Vous avez rejeté, à son préjudice, une offre de 400 millions, dont l'acceptation pouvoit devenir un moyen de soulagement en sa faveur; et à cette ressource, aussi profitable que légitime, vous avez substitué une injustice ruineuse, qui, de votre propre aveu, charge le trésor public, et par consequent le peuple, d'un surcroît de dépense annuelle de 50 millions an moins, et d'un remboursement de 150 millions.

"Malheureux peuple! voilà ce que vous vaut en dernier résultat l'expropriation de l'Église, et la dureté des décrets taxateurs du traitement des ministres d'une religion bienfaisante; et désormais ils scront à votre charge: leurs charités soulageoient les pauvres; et vous allez être imposés pour subvenir à leur entretien!"----*De l'État de la France*, p. 81. Ver também p. 92, e as páginas seguintes.)

A fim de persuadir o mundo do recurso sem-fundo de confiscação eclesiástica, a assembleia procederam a outras confiscações de estados em ofícios, que não poderiam ser feitas com qualquer cor comum sem serem compensadas por essa grande confiscação de propriedade fundiária. Eles jogaram sobre esse fundo, que era para mostrar um excedente, desengajado de todas cargas, uma nova carga; nomeadamente, a compensação para o corpo todo da judicatura debandada; e de todos os ofícios e estados suprimidos; uma carga que eu não posso determinar, mas que inquestionavelmente monta a muitos milhões Franceses. Uma outra das novas cargas, é uma anuidade de quatrocentos e oitenta mil libras esterlinas, a ser paga (se eles resolverem manter fé) por pagamentos diários, para o interesse dos primeiros assinados. Alguma vez deram-se eles o problema de declarar razoavelmente a despesa do gerenciamento das terras de igreja nas mãos das municipalidades, a cujo cuidado, habilidade, e diligência, e aquele de sua legião de sub-agentes desconhecidos, eles escolheram cometer a carga dos estados confiscados, e a consequência de que tinha sido tão habilmente apontada pelo bispo de Nancy?

Mas é desnecessário demorar-se sobre essas óbvias cabeças de estorvo. Perceberam eles (NT:Have they made out, perceberam eles, etc.) qualquer estado claro do grande estorvo de todos, eu digo o todo dos estabelecimentos gerais e municipais de todos tipos, e o compararam com a renda regular por rendimento? Toda deficiência nestes torna-se uma carga sobre o estado confiscado, antes que o credor possa plantar seus repolhos sobre um acre de propriedade de igreja. Não existe nenhum outro suporte do que essa confiscação para manter o estado todo de tombar ao chão. Nesta situação eles propositalmente cobriram tudo que eles deveriam industriosamente ter limpado, com uma densa névoa; e então, de olhos vendados eles mesmos, como touros que fecham seus olhos quando eles empurram, eles dirigem, pela ponta das baionetas, seus escravos, de olhos vendados de fato não pior do que seus lordes, a tomar suas ficções por moedas correntes, e a engolir abaixo pílulas de papel por trinta-e-quatro milhões de esterlinas a uma dose. Então eles orgulhosamente guardam seu clamor a um crédito futuro, sobre falha de todos seus engajamentos passados, e em um tempo quando (se em uma tal matéria qualquer coisa possa ser clara) é claro que os estados excedentes não irão nunca responder nem a primeira de suas hipotecas, eu digo o dos quatrocentos milhões (ou dezesseis milhões de esterlinas) de *assinados*. Em todo esse procedimento eu não posso discernir nem o senso sólido de plana-

negociação, nem a destreza sutil de fraude engenhosa. A objeção dentro da assembleia a puxar acima os portões-de-enchente para essa inundação de fraude, são não-respondidos; mas eles são completamente refutados por cem mil financistas na rua. Esses são os números por que os aritméticos metafísicos computam. Essas são as grandes calculações sobre que um crédito público filosófico é fundado em França. Eles não podem levantar suprimentos; mas eles podem levantar turbas. Deixe-os regozijar-se nos aplausos do clube em Dundee, por sua sabedoria e patriotismo em tendo assim aplicado a pilhagem dos cidadãos ao serviço do estado. Eu não ouço de nenhum endereçamento sobre este tema dos diretores do Banco de Inglaterra; embora sua aprovação iria ser de um *pouco* mais peso na escala de crédito do que aquela do clube em Dundee. Mas, para fazer justiça ao clube, eu acredito os gentis-homens que o compõem de serem mais sábios do que eles aparentam; que eles irão ser menos liberais de seu dinheiro do que de seus endereços; e que eles não iriam dar uma orelha-de-cachorro de seu mais vincado (NT:rumpled, amarrotado, vincado) e esfarrapado papel Escocês por vinte dos assinados mais limpos de vocês.

Cedo neste ano a assembleia emitiu papel ao montante de dezesseis milhões de esterlinas: Qual deve ter sido o estado para dentro do qual a assembleia trouxe os assuntos de vocês, que o alívio produzido por tão vasto um suprimento tenha sido dificilmente perceptível? Este papel também sentiu uma depreciação quase imediata de cinco por cento. que em pouco tempo veio a cerca de sete. O efeito desses assinados sobre a receita da renda é notável. Mr. Necker viu que os coletores da renda, que recebiam em moeda, pagavam à tesouraria em *assinados*. Os coletores faziam sete por cento. por assim recebendo em dinheiro, e contabilizando em papel depreciado. Não era muito difícil prever, que isto precisa ser inevitável. Era, contudo, não o-menos embaraçoso. Mr. Necker foi obrigado (eu acredito, por uma parte considerável, no mercado de Londres) a comprar ouro e prata para a casa da moeda, que montava a cerca de doze mil libras sobre o valor da utilidade ganhada. Esse ministro era de opinião, que qualquer que a virtude nutritiva secreta deles pudesse ser, o estado não poderia viver sobre *assinados* somente; que alguma prata real era necessária, particularmente para a satisfação daqueles, que tendo ferro em suas mãos, não eram prováveis de distinguirem-se por paciência, quando eles deveriam perceber que enquanto um aumento de pagamento era estendido para eles em dinheiro real, ele era novamente para ser fraudulentamente feito retroceder por papel depreciado. O ministro, nesta muito natural aflição, aplicou à assembleia, que eles deveriam ordenar os coletores a pagar em espécie o que em espécie eles tinham recebido. Não poderia escapá-lo, que se a tesouraria pagasse 3 por cento. pelo uso de uma moeda, que deveria ser retornada sete por cento. pior do que o ministro emitira-a, uma tal negociação não poderia muito grandemente tender a enriquecer o público. A assembleia não tomou nenhuma notícia (NT:notice, notícia, conhecimento) da recomendação dele. Eles estavam neste dilema ---Se eles continuassem a receber os assinados, dinheiro precisa tornar-se um alienígena a sua tesouraria: Se a tesouraria devesse recusar aqueles *amuletos* de papel, ou devesse contrariá-los em qualquer grau, eles precisam destruir o crédito do único recurso deles. Eles parecem então ter feito sua opção; e ter dado algum tipo de crédito a seu papel por tomando-o eles-mesmos; ao mesmo tempo em seus discursos eles fizeram um tipo de declaração bravateante, alguma coisa, eu penso preferivelmente, sobre competência legislativa; isto é, que não existe diferença em valor entre dinheiro metálico e seus assinados. Isso foi um bom artigo de prova corpulento de fé, pronunciado sob um anátema, pelos veneráveis pais desse sínodo filosófico. *Credat* quem queira---certamente não *Judaeus Apella*.

Uma indignação nobre surge nas mentes de seus líderes populares, em ouvindo a lanterna mágica em sua exibição de finança comparada às exibições fraudulentas de Mr. Law. Eles não podem suportar ouvir as areias do Mississippi dele comparadas com a rocha da igreja, sobre que eles constróem seu sistema. Reze deixá-los suprimirem este espírito glorioso, até que eles mostrem ao mundo que pedaço de chão sólido existe para seus assinados, que eles não pre-ocuparam por outras cargas. Eles fazem injustiça a essa grande, fraude mãe, para compará-la com sua imitação degenerada. Não é verdade, que

Law construiu somente sobre uma especulação concernindo o Mississippi. Ele adicionou a troca da India do Leste; ele adicionou a troca Africana; ele adicionou as fazendas de toda a renda fazendeira de França. Todas essas juntas inquestionavelmente não poderiam suportar a estrutura que o entusiasmo público, não ele, escolheu para construir sobre essas bases. Mas essas eram, contudo, em comparação, delusões generosas. Eles supunham, e eles miraram a um aumento do comércio de França. Eles abriram a ela a extensão toda dos dois hemisférios. Eles não pensaram de alimentar França desde a própria substância dela. Uma imaginação grande viu neste vôo de comércio alguma coisa a cativar. Eram recursos para fascinar o olho de uma águia. Ele não foi feito para atrair o olfato de uma toupeira, fossando e enterrando-se em sua terra-mãe, como o de vocês é. Homens não estavam então inteiramente encolhidos desde suas dimensões naturais por uma filosofia sórdida e degradante, e conformados para decepções baixas e vulgares. Sobre tudo lembrem-se, que em impondo sobre a imaginação, os então gerentes do sistema fizeram um cumprimento à liberdade de homens. Em sua fraude não havia mistura de força. Isso foi reservado a nosso tempo, para extinguir os pequenos lampejos (NT:glimmering, lampejo, vislumbre) de razão que pudessem penetrar (NT:break in) sobre a escuridão sólida dessa era iluminada.

Em recordação, eu não disse nada de um esquema de finança que pode ser impelido em favor das habilidades desses gentis-homens, e que foi introduzido com grande pompa, embora não ainda finalmente adotado na assembleia nacional. Ele vem com alguma coisa sólida em auxílio do crédito da circulação de papel; e muito tem sido dito de sua utilidade e sua elegância. Eu digo o projeto para cunhar em dinheiro os sinos das igrejas suprimidas. Esta é a alquimia deles. Existem algumas insensatezes que desconcertam argumento; que vão além de ridículo; e que não excitam nenhum sentimento em nós a não ser desgosto; e portanto eu não digo nada mais sobre isso.

É tão pouco válido observar mais longe sobre toda extração e re-extração deles, sobre sua circulação para protelar o dia mau, sobre o jogo entre a tesouraria e a *Caisse d'Escompte*, e sobre todos essas velhas maquinações explodidas de fraude mercantil, agora exaltadas para dentro de política de estado. Não se irá brincar com a renda. O balbucio (NT:prattling, tagarelice, balbucio) sobre os direitos de homens não irá ser aceitado em pagamento por um biscoito ou uma libra de pólvora. Aqui então os metafísicos descendem de suas especulações aéreas, e seguem fielmente exemplos. Que exemplos? os exemplos de falidos. Mas, derrotados, desconcertados, desgraçados, quando sua respiração, sua força, suas invenções, suas fantasias desertam-nos, sua confiança ainda mantém o chão dela. Na falha manifesta de suas habilidades eles tomam crédito por sua benevolência. Quando a renda desaparece em suas mãos, eles têm a presunção, em alguns de seus procedimentos tardios (NT:late, últimos, tardios), de valorizar-se a si-mesmos sobre o alívio dado ao povo. Eles não aliviaram o povo. Se eles entretinham tais intenções, por que ordenaram eles as taxas detestáveis de ser pagas? O povo aliviaram-se a si mesmos a despeito da assembleia.

Mas renunciando (NT:waving, pondo de lado, renunciando) toda discussão sobre os partidos, que podem clamar o mérito desse alívio falacioso, existiu, em efeito, qualquer alívio ao povo em qualquer forma? Mr. Bailly, um dos grandes agentes de circulação de papel, deixa-os entrar na natureza deste alívio. Seu discurso à Assembleia Nacional continha um panegírico alto e laborado sobre os habitantes de Paris pela constância e resolução inquebrada com que eles carregaram seu sofrimento e miséria. Uma imagem fina de felicidade pública! O quê! grande coragem e firmeza inconquistável de mente para suportar benefícios, e sustentar compensação! Um iria pensar do discurso desse erudito Lorde Prefeito, que os Parisienses, por este passado de doze meses, tivessem estado sofrendo os estreitos (NT:straits, dificuldades, estreitos) de algum terrivel bloqueio; que Henry o Quarto tivesse estado fechando as avenidas para seu suprimento, e Sully trovoando com sua artilharia aos portões de Paris; quando em realidade eles são sitiadospor nenhuns outros inimigos do que sua própria loucura e

insensatez, sua própria credulidade e perversidade. Mas Mr. Bailly irá antes derreter o gelo eterno de suas regiões atlânticas, do que restaurar o calor central a Paris, enquanto ela permanece "golpeado com a maça fria, seca, petrificante" de uma filosofia falsa e insensível. Algum tempo depois deste discurso, isto é, no décimo-terceiro de Agosto último, o mesmo magistrado, dando um relato de seu governo no bar da mesma assembleia, expressa-se como segue: "No mês de Julho de 1789," [o período de comemoração sempre-duradoura] "as finanças da cidade de Paris estavam *ainda* em boa ordem; a despesa era contrabalanceada pela receita, e ela tinha àquele tempo um milhão [quarenta mil libras esterlinas] em banco. As despesas em que ela tinha sido constrangida a incorrer, *subsequentes à revolução*, montam a 2,500,000 libras (NT:livres, libras). Desde estas despesas, e a grande diminuição no produto dos *presentes de graça*, não apenas uma momentária mas uma *total* falta de dinheiro tomou lugar." Esta é a Paris sobre cuja nutrição, no curso do último ano, tais somas imensas, extraídas desde os vitais de toda França, foi gasta (NT:sic). Tão longamente quanto Paris fica (NT:stands, ficar, fica) no lugar de Roma antiga, tão longamente ela irá ser mantida pelas províncias sujeitas. É um mal inevitavelmente atendente sobre o domínio de repúblicas democráticas soberanas. Como aconteceu em Roma, ela pode sobreviver a essa dominação republicana que deu origem a ela. Nesse caso depotismo ele-mesmo precisa submeter-se aos vícios de popularidade. Roma, sob seus imperadores, uniu os males de ambos sistemas; e essa combinação não-natural foi uma causa grande de sua ruina.

Dizer ao povo que eles são aliviados pela dilapidação de seu estado público, é uma imposição cruel e insolente. Homens-de-estado, antes que eles valorizassem-se sobre o alívio dado ao povo pela destruição de sua renda, deveriam primeiro ter cuidadosamente atendido à solução deste problema:--- Se seja mais vantajoso para o povo pagar consideravelmente, e ganhar em proporção; ou ganhar pouco ou nada, e ser descarregados (NT:disburthened, desoprimidos, aliviados, descarregados) de toda contribuição? Minha mente está feita para decidir em favor da primeira proposição. Experiência está comigo, e, eu acredito, as melhores opiniões também. Manter uma balança entre o poder de aquisição sobre a parte do sujeito, e as demandas a que ele é para responder sobre a parte do estado, é uma parte fundamental da habilidade de um político verdadeiro. Os meios de aquisição são precedentes (NT:prior) em tempo e em arranjamento. Boa ordem é a fundação de todas coisas boas. Para ser permitido de adquirir, o povo, sem ser servil, precisa ser tratável e obediente. O magistrado precisa ter a reverência dele, as leis a autoridade delas. O corpo do povo precisa não ver os princípios de subordinação natural por arte desarraigados de suas mentes. Eles precisam respeitar essa propriedade de que eles não podem participar. Eles precisam laborar para obter o que por labor pode ser obtido; e quando eles acham, como eles comummente fazem, o sucesso desproporcionado ao empenho, eles precisam ser ensinados sua consolação nas proporções finais de justiça eterna. Sobre esta consolação, quem quer que os prive, amortece sua industria, e golpeia na raiz de toda aquisição como de toda conservação. Ele que faz isto é o opressor cruel, o inimigo imisericordioso (NT:merciless, impiedoso, imisericordioso) dos pobres e desventurados; ao mesmo tempo que por suas especulações más ele expõe os frutos de indústria bem-sucedida, e as acumulações de fortuna, à pilhagem dos negligentes, os desapontados, e os não-prósperos.

Muitos demais dos financistas por profissão são aptos a não ver nada em renda, a não ser bancos, e circulações, e anuidades sobre vidas, e tontinas, e aluguéis perpétuos, e todas as pequenas mercadorias da loja. Em uma ordem estabelecida do estado, essas coisas não são para ser desconsideradas, nem é a habilidade nelas para ser considerada (NT:held, segura) de estimação trivial. Elas são boas, mas então somente boas, quando elas assumem os efeitos dessa ordem estabelecida, e são construídas sobre ela. Mas quando homens pensam que essas maquinações mendicosas podem suprimir um recurso para os males que resultam desde fragmentando (NT:breaking up, fragmentando, dividindo) as fundações de ordem pública, e desde causando ou sofrendo os princípios de propriedade de ser subvertidos, eles irão, na ruina de seu país, deixar uma melancolia e monumento duradouro do efeito de política prepóstera, e

sabedoria presunçosa, imprevidente, de mentalidade estreita.

Os efeitos da incapacidade mostrada pelos líderes populares em todos os membros grandes da nação são para ser cobertos com o "nome todo-compensador" de liberdade. Em certas pessoas eu vejo grande liberdade de fato; em muitas, se não na maioria, uma servitude degradante opressiva. Mas o que é liberdade sem sabedoria, e sem virtude? Ela é o maior de todos males possíveis; pois ela é insensatez, vício, e loucura, sem instrução ou restrição. Aqueles que sabem o que liberdade virtuosa é, não podem suportar vê-la desgraçada por cabeças incapazes, por conta de seu ter palavras alto-sonantes em suas bocas. Sentimentos grandes, inchantes de liberdade, eu sou certo que eu não desprezo. Eles aquecem o coração; eles estendem e liberalizam nossas mentes; eles animam nossa coragem em um tempo de conflito. Velho como eu sou, eu leio os enlevos finos de Lucan e Corneille com prazer. Nem condeno eu totalmente as artes pequenas e dispositivos de popularidade. Eles facilitam o carregamento de muitos pontos de momento; eles mantêm o povo junto; eles refrescam a mente em suas exerções; e eles difundem alegria ocasional sobre a sobrancelha severa de liberdade moral. Todo político deveria sacrificar às graças; e juntar concordância com razão. Fazer um governo não requer nenhuma prudência grande. Estabeleça a sede (NT:seat, assento, sede) de poder; ensine obediência: e o trabalho está feito. Dar liberdade é ainda mais fácil. Não é necessário guiar; isso somente requer deixar ir a rédea (NT:to let go the rein, soltar a rédea, deixar ir a rédea). Mas formar um *governo livre*; isso é, temperar junto esses elementos opostos de liberdade e restrição em um trabalho consistente, requer muito pensamento, reflexão profunda, uma mente sagaz, poderosa, e combinante. Isto eu não vejo naqueles que tomam a liderança na assembleia nacional. Talvez eles não sejam tão miseravelmente deficientes como eles aparentam. Eu preferivelmente acredito-o. Iria pô-los abaixo do nível comum de entendimento humano. Mas quando os líderes escolhem fazer si-mesmos licitantes em um leilão de popularidade, seus talentos, na construção do estado, não irão ser de nenhum serviço. Eles irão tornar-se lisonjeadores em vez de legisladores; os instrumentos, não os guias do povo. Se qualquer deles devesse acontecer de propor um esquema de liberdade, sobriamente limitado, e definido com qualificações próprias, ele irá ser imediatamente sobrepujado em licitação (NT:outbid, licitado-fora) por seus competidores, que irão produzir alguma coisa mais esplendidamente popular. Suspeições irão ser levantadas de sua fidelidade a sua causa. Moderação irá ser estigmatizada como a virtude de covardes; e compromisso como a prudência de traidores; até que, em esperanças de preservar o crédito que pode permiti-lo a temperar e moderar em algumas ocasiões, o líder popular é obrigado a tornar-se ativo em propagar doutrinas, e estabelecer poderes, que irão posteriormente derrotar qualquer propósito sóbrio a que ele finalmente poderia ter mirado.

Mas sou eu tão não-razoável como a não ver nada absolutamente que mereça recomendação nos labores infatigáveis desta assembleia? Eu não nego que entre um número infinito de atos de violência e insensatez, algum bem possa ter sido feito. Eles que destróem toda coisa certamente irão remover algum agravo. Eles que fazem toda coisa nova, têm uma chance de que eles possam estabelecer alguma coisa benéfica. Para dar-lhes crédito pelo que eles fizeram em virtude da autoridade que eles usurparam, ou que pode desculpá-los nos crimes pelos quais essa autoridade foi adquirida, precisa parecer, que as mesmas coisas não poderiam ter sido executadas sem produzir uma tal revolução. Mais seguramente elas poderiam; porque quase todo um dos regulamentos feitos por eles, que não é muito equívoco, foi ou na cessão do rei, voluntariamente feita no encontro dos estados, ou nas instruções concorrentes às ordens. Alguns usos foram abolidos sobre fundamentos justos; mas eles eram tais que se eles tivessem ficado como eles eram para toda eternidade, eles iriam pouco detrair da felicidade e prosperidade de qualquer estado. Os melhoramentos da assembleia nacional são superficiais, seus erros fundamentais.

Quaisquer que eles sejam, eu desejo meus compatriotas preferivelmente de recomendar para nossos

vizinhos o exemplo da constituição Britânica, do que tomar modelos deles para o melhoramento da nossa. Na anterior eles têm um tesouro de valor imensurável. Eles não estão, eu penso, sem algumas causas de apreensão e reclamação; mas estas eles não devem a sua constituição, mas preferivelmente a sua própria conduta. Eu penso nossa situação feliz devendo a nossa constituição; mas devendo ao todo dela, e não a qualquer parte singularmente; devendo em uma grande medida ao que nós deixamos ficando de pé em nossas várias revisões e reformações, tão bem como ao que nós alteramos ou superadicionamos. Nosso povo irá achar emprego suficiente para um espírito verdadeiramente patriótico, livre, e independente, em guardando o que eles possuem, de violação. Eu não iria excluir alteração nem; mas mesmo quando eu mudasse, deveria ser para preservar. Eu deveria ser guiado a meu remédio por um grande agravo. No que eu fiz, eu deveria seguir o exemplo de nossos antepassados. Eu ia fazer a reparação tão proximamente quanto possível no estilo do edifício. Uma cautela política, uma circunspecção guardada, uma timidez moral preferivelmente do que uma complexional estavam entre os princípios de nossos antepassados em sua conduta mais decidida. Não sendo iluminados com a luz de que os gentis-homens de França nos dizem que eles têm tão abundante uma porção, eles atuaram sob uma forte impressão da ignorância e falibilidade de humanidade. Ele que os tivesse feito assim falível, recompensou-os por ter em sua conduta atendido à natureza deles. Deixe-nos imitar a cautela deles, se nós desejamos merecer sua fortuna,ou reter suas legações. Deixe-nos adicionar, se nos aprouver, mas deixe-nos preservar o que eles deixaram; e, ficando sobre o chão firme da constituição Britânica, deixe-nos ser satisfeitos de admirar preferivelmente a tentar seguir em seus vôos desesperados os aeronautas de França.

Eu disse a você candidamente meus sentimentos. Eu penso que eles não são prováveis de alterar os seus. Eu não sei que eles devessem. Você é jovem; você não pode guiar, mas precisa seguir a fortuna de seu país. Mas doravante eles podem ser de certo uso para você, em alguma forma futura que sua nação possa tomar. No presente ela pode dificilmente permanecer; mas antes de seu estabelecimento final ela pode ser obrigada a passar, como um de nossos poetas fala, "através de grandes variedades de ser não-testado," e em todas suas transmigrações a ser purificada por fogo e sangue.

Eu tenho pouco para recomendar minhas opiniões, a não ser observação longa e muita imparcialidade. Elas vêm de um que não tem sido nenhuma ferramenta de poder, nenhum lisonjeador de grandeza; e que em seus últimos atos não deseja desfigurar o tenor de sua vida. Elas vêm de um, quase o todo de cuja exerção pública tem sido uma luta pela liberdade de outros; de um em cujo peito nenhuma raiva durável ou veemente tem sido alguma vez inflamada, a não ser pelo que ele considerava como tirania; e que rouba de sua porção nos empenhos que são usados por homens bons para desacreditar opressão opulenta, as horas que ele tem empregado nos assuntos de vocês; e que em assim fazendo persuade-se que ele não se desviou de seu ofício usual : elas vêm de um que deseja honras, distinções, e emolumentos, mas pouco; e que não os espera absolutamente; que não tem nenhum contempto por fama, e nenhum medo de vituperação; que evita contenção, embora ele irá aventurar uma opinião: de um que deseja preservar consistência; mas que iria preservar consistência por variando seu meio para assegurar a unidade de seu fim; e, quando o equilíbrio do vaso (NT:vessel, nave, vaso) em que ele veleja (NT:sails, navega, veleja), possa ser posto em perigo por sobrecarregando-o sobre um lado, é desejoso de carregar o pequeno peso de suas razões para aquele que pode preservar seu equilíbrio.

FINIS.